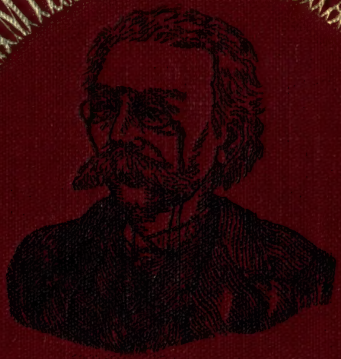
CAMILLO CASTELLO BRANCO



OBRAS

PARCERIA A. M. PEREIRA — EDITORA

RB169,888

OBRA BRANCO

Cada 220 e 320

I. C Irmans. — III. A E os Felizes. — V. O al. — VII. O Senhor athema. — IX, A M nas. — XI e XII. Co J. C. Vieira de Cast — XIII. Di- vindad Candal.

NOV REIRA

A ADO

Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton

N.º 1 - astre Tartarin) 1 vol. de

N.º 2 - aginas.

N.º 3 - , 1 vol. de 200 paginas.

N.º 4 - nas.

N.º 5 - vol. de 160 pag.

N.º 6 — O senador Ignacio, de Th. Cahu *(Théo-Crit)*, 1 vol. de 210 paginas.

N.º 7 — Jettatura, de Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.

N.º 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens, 1 vol. de 160 paginas.

N.º 9 — O canteiro de Saint-Point, de Mamartine, 1 vol. de 180 paginas.

N.º 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.

N.º 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.

N.º 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.

N.º 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.

N.º 14 — O tanoeiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol, de 170 pag.

N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo Conde Leon Tolstoi.

N.º 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.

N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.

N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert, 1 vol. de 170 paginas.

N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.

N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.

N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet, 1 vol. de 200 paginas.

N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.

N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.

N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA
Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA
(LIVRARIA EDITORA)
50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merimée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol. (2.ª edição).
N.º 5 — *O direito dos filhos*, George Ohnet, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duqueza*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A lenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, po Trindade Coelho, 1 vol.
N.ºs 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Guiomar Torrezão, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.ºs 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.ºs 20 e 21 — *A irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophilo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas 1 vol.
N.º 28 — *Vid'airada*, por Alfredo Mesquita. 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.ºs 30 e 31 — *Amor á antiga* romance de Caiel, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccone.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.
N.º 38 — *O Exilado*, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — *A Vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — *A Volta do Chiado*, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — *Séca e Méca*, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — *Ninho de guincho*, por Alberto Pimentel.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 50, 52, 54 — LISBOA

COLLECÇÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

* N.º 1 — **Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon**, seguidas de *Tartarin nos Alpes;* por A. Daudet,.
* N.º 2 — **Pedro e João**, por Guy de Maupassant.
* N.º 3 — **Sergio Panine**, por Jorge Ohnet.
N.º 4 — **O Sonho**, por Emilio Zola.
N.º 5 — **Soror Philomena**, por Edmond e Jules Goncourt.
N.º 6 — **O medico assassino**, por Octavio Féré.
N.º 7 — **Os milhões vergonhosos**, por Heitor Malot.
* N.º 8 — **O amigo Fritz**, por Erckmman Chatrian.
N.º 9 — **Vogando**, por Guy de Maupassant.
* N.º 10 — **Um romance de mulher**, por Pierre Mael.
* N.º 11 — **Vontade**, por Jorge Ohnet.
* N.º 12 — **O Nababo**, por A. Daudet.
* N.º 13 — **Um coração de mulher**, por Paul Bourget.
* N.º 14 — **Beatriz**, por Rider Haggard.
* N.º 15 — **O crime**, por Gabriel d'Annunzio.
* N.º 16 — **Lise Fleuron**, por Ohnet.
N.º 17 — **Os dois rivaes**, por Armand Lapointe.
N.º 18 — **O ultimo amor**, por Jorge Ohnet.
N.º 19 — **Um Bulgaro**, por Ivan Tourgueneff.
N.º 20 — **Memorias d'um suicida**, por Maxime du Camp.
N.º 21 — **Forte como a morte**, por Guy de Maupassant.
* N.º 22 — **A alma de Pedro**, de J. Ohnet.
N.º 23 — **Camilla**, de Guérin-Ginisty.
N.º 24 — **Trahida**, de Maxime Paz.
N.º 25 — **Sua Magestade o Amor**, por A. Belot.
N.º 26 — **Magdalena Férat**, por Emilio Zola.
N.º 27 — **Os Reis no exilio**, por A. Daudet.
N.º 28 — **Divida de odio**, por Jorge Ohnet.
N.º 29 — **Mentiras**, por Paul Bourget.
N.º 30 — **Marinheiro**, por Pierre Loti.
N.º 31 — **A montanha do Diabo**, por Eugenio Sue.
N.º 32 — **A Evangelista**, por A. Daudet.
* N.º 33 — **Aranha Vermelha**, por R. de Pont Jest.
N.ºs 34 e 35 — **Odio antigo**, por Jorge Ohnet.
N.º 36 — **Parisienses!... romance**, por H. Davenel.
N.º 37 — **Ao entardecer!... rom.**, por Iveling Ramband.
N.º 38 — **A confissão de Carolina**, romance.
N.º 39 — **Um casamento no mosteiro**, por Alfredo Assolland.
N.º 40 — **Os Parias**, original de Francisco da Rocha Martins.
N.º 41 — **O abbade de Favières**, romance, por J. Ohnet.
N.º 42 — **A agonia de uma alma**, romance, por Ossip Fchubin.
N.º 43 — **Memorias d'um burro**, por Madame Ségur.
N.º 44 — **A nihilista**, por Catulle Mendés.
N.º 45 — **O grande Industrial**, por George Ohnet.
N.º 46 — **Morta d'amor**, por Albert Delpit.
N.º 47 — **João Sbogar**, por Carlos Nadier.
N.º 48 — **Viagem sentimental**, por Sterne.
N.º 49 — **O milhão do tio Raclot**, por Emile Richebourg.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XVIII

NOVELLAS DO MINHO

VOLUMES PUBLICADOS

I — Coisas espantosas.
II — As tres irmans.
III — A engeitada.
IV — Doze casamentos felizes.
V — O esqueleto.
VI — O bem e o mal.
VII — O senhor do Paço de Ninães.
VIII — Anathema.
IX — A mulher fatal.
X — Cavar em ruinas.
XI, XII — Correspondencia epistolar.
XIII — Divindade de Jesus.
XIV — A doida do Candal.
XV — Duas horas de leitura.
XVI — Fanny.
XVII, XVIII, XIX — Novellas do Minho.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVELLAS DO MINHO

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA
PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA EDITORA
Rua Augusta, 50, 52 e 54
1903

LISBOA
OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO
Movidas a vapor
Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º
1903

V

O FILHO NATURAL

A

Custodio José Vieira

Nada de modestias.

Offereço-te este livro para que haja na tua grande bibliotheca um livro aproveitavel, se não tens os CONTOS de Gonçalo Fernandes Trancoso.

O FILHO NATURAL

PRIMEIRA PARTE

Os fidalgos das terras de Basto vão-se acabando. Tenho pena e saudades. Aqui ha trinta annos, com os brazões e appellidos das familias heraldicas d'entre Vizella e Tamega recompunha-se a historia lendaria de Portugal. Quem soubesse lêr a symbolica das arrogantes armas encimadas nos portões das quintas, podia leccionar um curso de historia patria com tanta philosophia como fr. Bernardo de Brito e o sr. João Felix Pereira, o das varias faculdades. Em redor d'aquelles paços senhoriaes pezava um silencio triste e torvo. Era o lucto de Portugal de D. João II e de D. Manuel.

Cada portal bojava os seus granitos folhados de acanthos, entre dois cyprestes; as legendas dos escudos denegridos e musgosos pareciam inscripções tumulares; por sobre os paquifes dos elmos desgrenhavam suas madeixas os chorões, escruentando as avenidas d'aquelles solares carrancudos, como se

por ali se entrasse para as catacumbas da Ordem 3.ª de S. Francisco, na, sobre todas, honrada e pia cidade do Porto.

Não era assim melancolico o viver intestinal d'aquellas baleias de pedra que pareciam esmoer de papo acima as familias em soporosa digestão. Se lá dentro as tradições historicas apenas se conservavam em alguns pires e jarras esbeiçadas de louça, que um sétimo avô trouxera da Azia, a Idea Nova, que esvoaça na atmosphera como os arômas de todas as flôres e os effluvios de todas as podridões, chegára a terras de Basto, aninhára-se brincando nos açafates das meninas como as andorinhas alegres nas cornijas dos seus palacetes sombrios. A Idea Nova, que brincava no açafate da costura e no bastidor, eram as traducções da *Bibliotheca Economica*, em que a velha virtude e a velha linguagem portugueza soluçavam os ultimos arrancos, nos braços do *Feliz independente* do padre Theodoro de Almeida. O romance deu aos corações das senhoras de Basto feitios e geitosnovos, ensinando-lhes o que diz a aurora, o que segredam as transparencias setinosas do arrebol, o que se deve scismar quando as fontes trépidas murmuram, e tudo o mais respectivo a flôres, brisas e passaros.

Desde a fundação da monarchia até el-rei D. João VI, o Minho não florejara poetisa conhecida, salvo a viscondessa de Balsemão D. Catharina; porém, desde 1848 a 1860, contam-se por duzias as cantoras que poisaram gorgeando nos periodicos do tempo com grande riqueza de charadas e muitissimos *Suspiros* dignos dos circulos mais lacri-

mosos do Dante. O amor, que até então fôra de fructos, fez-se de flôres; a mulher entrou na idealisação; obrigou o cavalheiro de Basto a ser psycologico, e a sujeitar-se nos seus desejos amorosos um pouco ao metro e á rima. Foi ella, pois, quem refez o homem, descascando-o, adelgaçando-o, cepilhando-lhe as rudezas, obrigando-o a cantar a chacara dos *Dois Renegados*. Por esse tempo entrou em terras de Basto a caixa de muzica, e logo depois o manicordio. Faz agora vinte annos que ali se inaugurou a perfectibilidade lyrica: ouviu-se um piano forte em Cabeceiras e outro na Rapozeira. Era o ultimo ponto da craveira nos avanços do progresso. Como Babylonia e Carthago, Basto, refinando em civilisação, começou a desandar. Não houve em Refojos nem em Mondim um Catão-Censorino que se levantasse como em Roma, contra a inoculação pestilencial das bellas-artes e lettras. A poesia e o piano tinham corrompido a terra de Santa Senhorinha.

A degeneração do fidalgo de Basto promoveu-a o systema representativo. O acto eleitoral foi a rampa traiçoeira por onde aquelles partidarios do throno absoluto escorregaram á democracia. Verdade é que o suffragio cedido aos seus correligionarios era um sincero suffragio pelos fieis defuntos. Os seus enviados ao parlamento sentavam-se venerabundos, cheios de Phebo Moniz, com ares de senadores romanos em frente das zombarias d'aquelles Brennos, que tinham as linguas de Cunha Souto-Mayor e José Estevão, cortantes como as hachas galloceltas. Não pediam estradas nem abbadias, nem

campanario, nem commendas: estavam ali com os ouvidos attentos á espera do que vinha da Russia. Afinal, o temperamento sanguineo dos cavalheiros de Basto borbulhou em comichões de novas ideas, e todos elles se cossaram mais ou menos com a carta constitucional. A liberdade vencêra; mas as proeminencias congenitas d'aquella pleiade de Bayards, quasi todos capitães mores, desvaneceram-se nas brumas da epopeia, que nunca mais terá pessoa em que pegue n'aquella região onde já não ha tradição da velha tyrannia dos patibulos, excepto o vinho que ainda é de inforcado.

* *

Um dos mancebos mais completos por patrimonio, nascimento e gentileza, no concelho de Celorico, era o fidalgo de Agilde, Vasco Pereira Marramaque, vigessimo terceiro neto de Gonçalo Mendes, o Lidador. Se eu tivesse de ir, ao arrepio, na piugada genealogica d'este sujeito, encontrava-me com o macaco de Darwin. E' familia muito antiga a dos Marramaques — são anteriores á historia e talvez aos macacos. E, se me não falha a conta dos avós apurados n'esta linhagem, o diluvio universal está desmentido.

Vasco era um rapaz moderno então. Em 1846 tinha 23 annos, e trocava costaneiras genealogicas encadernadas em vitella por canastras de romances de Arlincourt e Eugene Sue. Não era caçador nem potreiro: era um scismador trigueiro familiarisado

com certas estrellas, hypocondriaco, olheiras, fastio, um grande aborrecimento de tudo e principalmente do estylo dos parentes que lhe chamavam magico.

Elle tinha dado á luz no *Periodico dos Pobres* uma poesía na qual declarava que era um anjo cahido em lodaçal de javardos. Alludia aos primos. Isto fez sensação em todo o Basto. Um poeta de Refojos mordeu-o com uma satyra que começava assim:

O' bardo de Celorico,
Quem te deu tamanho bico!

Vasco Marramaque enviou-lhe o seu cartel por dois intrepidos ex officiaes de Milicias de Braga. O outro, que era discipulo de Alceu e de Horacio no lyrismo e no amor do seu corpo, fugiu de Basto como seu mestre fugira dos legionarios de Octavio. Poetas, por via de regra, não querem nem devem morrer em batalhas: o seu officio é dar a immortalidade aos bravos. O de Refojos pensava assim; e o de Celorico ia mais para os cytaristas das cruzadas, que morriam como Raul de Coucy entre duas rimas e trez cutiladas.

Este incidente deu ares heroicos a Vasco. Fizera fugir o versista de Refojos, que satyrisava as auctoridades nas gazetas, assignando-se *Juvenal em Cabeceiras*.

As senhoras amaram-o quasi furiosamente.

As mulheres das terras frias e regadas pelas torrentes das montanhas amam os trovadores valentes. Querem que o poeta lhes diga:

Para servir-vos, braço ás armas feito;
Para cantar-vos, mente ás musas dada.

Vasco provou a mão nos soláos, e dizia sempre que ia afinar o arrabil. Era o instrumento de 1848, o arrabil. Mas, de vez em quando, no *Ecco Popular* do Porto, apparecia uma pergunta anonyma:

O' bardo de Celorico,
quem te deu tamanho bico?

*
* *

Vasco Marramaque viveu do amor das castellãs dos seus soláos com exemplar castidade por espaço de seis mezes. Os fructos d'estas innocentes mancebias eram umas trovas em redondilha, quasi todas aleijadas. Procurava uma menina acommodada ao molde da sua imaginação; mas terras de Basto não lh'a forneciam. Alli as meninas eram cheias como as aboboras — aboboras meninas. Elle queria a mulher vaporosa. N'aquelle tempo era moda o vapor nas senhoras como encanto; hoje os poetas realistas malsinam-as de anemicas e chloroticas. Nós, os rapazes que tinhamos alma e lyra, queriamos que as nossas amadas, por varias razões, se alimentassem do aroma das finas flôres, como Camões refere de certas familias visinhas do Ganges; ora os poetas da ultima hora, com o zêlo de corretores de restaurantes, argúem, acaudilhados pelo sr. R. Ortigão, as senhoras magras por que não digerem uns tantos kilos de boi com mostarda, nem bebem

cerveja preta, nem barram de manteiga fresca o seu pão.

Não era assim que o fidalgo de Agilde anhelava a mulher que lhe prelusia d'entre a poeira de ouro das suas visões.

Procurou-a no jardim de S. Lazaro do Porto. Se vai no domingo anterior, encontrava cinco meninas de transparencia cristalina, bastante lidas no «Telemaco», sabendo de cór as passagens mais sentimentaes do «Eurico» e a *Vivandeira*, de Palmeirim. Eram as cinco joias do Porto em delicadeza de espirito e de cintura — tão subtis que pareciam almas deplorativas da «Divina Comedia» envoltas em tarlatanas. Estas meninas, de familias diversas, davam cuidado aos pais; porque, em materia de matrimonio, diziam todas á uma que não achavam no jardim de S Lazaro, nem na Philarmonica, nem na missa das onze, homens que as comprehendessem. Cada uma d'ellas, portanto, devia ser a visão realisada de Vasco Marramaque; infelizmente, porém, elle chegou oito dias tarde; porque as cinco *incomprises* tinham casado n'aquella semana com cinco brazileiros.

Percorreu o paiz, farejando todos os centros, todas as constellações de senhoras n'este nosso systema planetario de terra á terra. Esteve em Cintra, em Cascaes, no circo Laribau, nos gyneceus doutos das excellentissimas Kruzes e nos celebrados bailes dos srs. marquezes de Vianna. Ouviu de perto o rugido das leoas, e o metalico frescor da phrase sacudida das damas aristocratas. Apertou na sua mão fria os dedos febris e opalisados das filhas dos mar-

quezes; sentiu no rosto, em polkas vertiginosas, as doces crispações dos *boucles*, que descobririam o galvanismo no homem, se Galvani o não tivesse já achado nas rans. Pois não sentiu nada! pela palavra nada! Quando sahiu a barra de Lisboa com o coração a disputar á algibeira primazias do vacuo, conta-se que pendido o rosto para o peito, chorára copiosamente; e que, em frente das Berlengas, perguntára ao destino surdo se a mulher dos seus sonhos estaria n'aquelles penedos.

Voltou para sua casa de Agilde, aprendeu a jogar o gamão com o pharmaceutico Macario Affonso, e enfronhou-se em politica com o juiz ordinario. Este magitrado, galopim condecorado com habito de Christo, iucitava-o a ir ao parlamento, asseguravalhe a urna, contando-lhe os rombos que fizera n'ella sempre que foi preciso fazer triumphar a justiça.

Entretanto, Vasco, em quanto o boticario manipulava os seus basalicões, namorava-lhe a filha com uns geitos cynicos de quem vinha de Lisboa. Era ella uma rapariga fresca e perfumosa como o rosmaninho, e secia de alegres côres como a flôr da hortensia. Chamava-se a Thomazinha da botica. Lia novellas, que o fidalgo lhe emprestava, traduzidas do francez. A «Salamandra» de E. Sue fez-lhe estranhos abalos no organismo. Aquelle personagem chamado Saffie, por quem as mulheres morriam de amor, enxertou-o em Vasco. Assimilava capitulos como quem ingere cabeças de phosphoros. O pai gostava de a ouvir declamar os dialogos dos romances; e, moralisando aquellas historias com bastante juizo, dizia:

— Thomazia, isso parecem-me petas!...

E, a respeito do Saffie, accrescentava:

— Dá-me vontade de dar dois pontapés n'esse *safio!*

Elle bem via que a filha desatremava no governo da casa: não pegava em meia nem fazia peruas de missanga: dava-lhe as piugas esboracadas e as ceroulas sem nastros. Trauteava as chacaras da «Moura» e do «Pagem de Aljubarrota» com o lacerante sentimento das enormes desgraças. Ás vezes chorava sem saber porquê. Punha a mão na testa, afastava com phrenezi os cabellos, e murmurava: «anathema!» como Claudio Frôlo. E o pai dava-lhes chás de tilia e de valeriana para o nervoso, e oleo de mamona de quinze em quinze dias para o flato.

Thomazia, medicada com diluentes energicos, esmaiou-se e desmedrou; mas alindava-se com a pallidez doentia do sangue empobrecido, afilaram-se-lhe os dedos, desceu a cinta dos vestidos quando os quadris abaixaram, tinha um languir, um desfallecer tão senhoril que o pai, ao vel-a morbidamente reclinar-se no escabello, dizia, sorrindo sobre-posse:

— Pareces-me a Ignez de Castro que eu vi representar em Amarante!

Este bom homem, noite alta, folheava a sua livraria copiosa em veterinaria; erguia-se para escutar a respiração da filha, e correr-lhe a vidraça nas noites quentes: porque ella, quando a aurora dealvava a curva do horisonte, estava ainda na janella a ouvir os ultimos gorgeios dos rouxinoes.

Contemplai uma victima dos romances, ó paes e mães de familias!

*
* *

Por uma noite de calma, o boticario acordou estrouvinhado com um aspero choque de raspão na face esquerda. Sentou-se espavorido no leito, e viu dois morcegos a esvoaçarem-se contra a vidraça com fortes pancadas, e voltearem pelo ar uns vôos estridentes que faziam oscillar a luz da lamparina. Pareceu-lhe agoiro; mas a reflexão levou-o a meditar no modo como os morcegos se lhe metteram no quarto, estando a janella fechada. Conjecturou que a invasão se fizera pela janella de Thomazia, ou pela porta do quintal, e affligiu-se na supposição de que a pequena adormecera exposta ao relento. Foi de mansinho, envolto no lençol, pelo corredor com um rolo acceso; parou á porta da alcova que estava aberta; ergueu a luz para projectar a claridade sobre a janella, e viu-a fechada. Fez com a mão direita um *abat-jour* a fim de não despertar a filha com o clarão, e quedou-se para ouvil-a resonar. Nem o leve ciciar das expirações lhe ouvia. Assustou-se; e, rossagando o lençol como os espectros dos *Mysterios de Udolpho*, transpoz o limiar do quarto. A cama estava feita; a dobra do lençol alvejava na colcha escarlate.

— Thomazia! — exclamou o pai, como se ella podesse estar n'aquelle pequeno recinto — Minha filha!

Assalteou-o uma suspeita angustiosa. Desandou, desceu á cosinha precipitadamente, e viu aberta a

porta do quintal. N'este lance, assomou á porta do seu quarto a creada, que despertára com o rumor dos passos: mas, vendo o amo vestido tão insufficientemente como o poderia estar o nosso primeiro avô, se fugisse do paraizo depois de inventar o lençol, recuou trespassada de pudor.

— Onde está a menina?! — perguntou o attribulado pai.

— Onde está a menina?! — repetiu a creada com as costas voltadas para o escandalo.

— Sim... onde está?

— Onde hade ella estar? na cama.

— Não está! — bradou elle.

— Vm.ce está a sonhar... Faça favor de sahir d'ahi, que eu vou procural-a... Estará no quintal.

N'isto deu tres horas o relogio da botica.

— No quintal ás tres horas? — observou elle menos alvoroçado.

— Pois então? Era a primeira vez!... Faz favor de sahir d'ahi, sr. Macario? Olha que feitio de homem! Que preparo! Quero sahir.

Foi então que o boticario, reparando em si, viu que estava quasi indecoroso. Voltou acceleradamente ao seu quarto, e vestiu-se, emquanto a creada chamava Thomazinha do patamal da escada; e, como lhe não respondeu, correu ella o quintal com uma luz, e, vendo aberta uma porta que entestava com a rua, levantou um grande choro, chamando as almas bemditas.

O amo estava já encostado ao beiral do poço, porque não podia mover-se nem fallar desde que ouviu o chorar da creada. Aquella dôr nunca o

ameaçara nos seus sobresaltos de pai. Atormentara-o o susto de a perder; mas nunca se lhe antolhava a filha deshonrada; morta é que elle a chorara e preferira.

— Eu estou acordado?! — dizia elle entre si. E friccionava com a mão o rebordo do poço, para se affirmar na consciencia da vigilia.

Nas arvores do quintal principiaram a chiar os passaros; ao longe soaram as nove badaladas das Ave-Marias; na rua passavam ranchos de moças que iam para as segadas cantando o S. João com acompanhamento de viola. Que formosa aurora de um dia de julho!

*

* *

Illustremos o successo. Quando Macario chamou de rijo a filha na alcova vasia, estava ella com Vasco no quintal, e já tres vezes se haviam despedido, e tres vezes reabraçado. Não me lembram agora uns versos maviosos de Ouvidio que elle fez em conjuncção analoga; mas toda a gente que teve namoro em um terceiro andar — altura onde os suspiros exhalados desde a rua chegam em temperatura honesta — sabe quantos *adeus* se repetem, quantos juramentos se renovam, até que a patrulha vem chegando com a Moral e com a baioneta.

Thomazia, quando ouviu bradar o pai, encolheu-se como creança espavorida ao seio de Vasco, e soluçou:

— Estou perdida! Não me deixes!

O lance era apertado — não havia tempo a refle-

ctir. Se elle a amava cegamente, o expediente inquestionavel era a fuga; se elle a amava nos limites ordinarios da prudencia, tinha de ser uma de duas coisas — infame ou cavalheiro. Ora elle era da geração dos Marramaques: tinha brios.

— Vem commigo! — disse fidalgamente, e deu-lhe o braço.

E ella sentia-se feliz e invejavel ao transpor a soleira da porta como se por ali se evadisse ao desdouro. Aconchegava-se do braço do amante com estremecimentos de gratidão e vaidade. Na sua doce torvação nem sequer a imagem do pai lhe azedou com uma lagrima a taça d'aquelle *hachich* das ebrias do amor. Vasco parecia contente do seu feito pondonoroso. A submissão amorosa da sua protegida a uma deshonra incondicional era-lhe agradavel ao orgulho. Como a paixão lhe não empoava já os olhos da alma, podia ver em si um homem extraordinario que, por simples impulso de cavalheirismo, dava em sua casa bizarra hospedagem a uma rapariga da baixa condição de umas a quem a sociedade não costuma pedir contas...

Parece-me que estou a fazer phrases.

A fallar verdade, se Vasco, em vez de levar Thomazia, lhe fizesse um discurso admoestando-a a conservar-se na casa paterna, e ella transigisse, perdendo ao mesmo tempo a estima do pai, a estima de si propria e o amor do amante, nós que temos em conta de infames aquelles que o mundo chama *finorios*, haviamos de pôr aquelle opprobrio dos Marramaques a tormentos n'estas paginas cheias de coleras sagradas, e fustigal-o a elle e aos seus par-

ceiros com os alexandrinos tartarisados do sr. Guerra Junqueiro:

> ..... Brutos sem b maiusculo,
> A consciencia é um ventre e o coração um musculo!
> Cantai, gozai, bebei até romper a aurora!
> Atirai o pudor pela janella fóra
> Como um charuto mau que se apagou. Canalhas!

*

* *

Macario não abriu a botica n'aquelle dia, nem consentiu que se abrissem as janellas.

—Faço de conta que ella morreu. Está morta. Aconteceu o que eu esperava, mas d'outro modo. Tanto choro eu por ella assim, como choraria se lhe estivessem agora rezando os responsos na igreja.

E, dizendo, as lagrimas rolavam-lhe a quatro pelas faces, e pareciam sulcar-lh'as como se dez annos de vida amargurada se condensassem na tortura de algumas horas.

No fim de tres dias, o pharmaceutico appareceu vestido de lucto carregado. Se alguem proferia palavra a respeito do lucto ou da filha, elle, apertando os beiços com o dedo pollegar e o indicador, fazia um gesto de silencio. E, em seguida, sumindo-se na casa trazeira da botica, ia chorar. Passados oito dias, quem abriu a botica foi um caixeiro que viera de longe.

Macario sahiu de Celorico de Basto, e foi administrar outra pharmacia de uma viuva d'ali quatro leguas, onde eu estudava latim. Alli o conheci. Teria cincoenta annos. Foi meu mestre de gamão e da-

mas. Durante onze mezes nunca ouvi fallar de Thomazia. No fim do anno, alliviou o lucto; mas, como não podera despil-o da alma, entrou a embriagar-se. E então fallava da filha, fazia-me confidencias, vociferava palavras brutaes e tinha arrebatamentos de furia em que os olhos lhe offegavam e rompiam das orbitas. Estas crises terminavam dormindo.

Thomazia devia conjecturar tamanhas dores que a Providencia lhe estava debitando no grande livro que um dia se abre diante do devedor. Que livro esse quando se abre! Parece que as pessoas, as coisas, as forças vivas e as impassibilidades mortas, tudo nos pede contas, tudo tem uma garra invisivel que nos arranca do coração as mais pequenas parcellas!

*

* *

Vasco Pereira Marramaque contava vinte e seis annos, quando a filha do Macario, ao cabo de dezoito mezes de incauta alegria na convivencia do fidalgo, lhe ouviu dizer:

— Esta vida não pode assim continuar.— E proseguiu enchendo o cachimbo.— E' preciso ter alguma utilidade. Não hei de ficar toda a vida mettdo em Agilde...

Thomazia escutava-o com dolorosa estranheza, emquanto elle, com ares enfastiados, dizia que o viver das aldeias era estupido; que envelhecia n'aquelle sequestro de gente com quem fallasse; que cortára as suas relações com as casas de Basto, pa-

ra que o deixassem só, e que as não queria atar de novo. E concluiu:

— Arranja-se-me occazião de poder ser eleito deputado por Braga, e estou resolvido a fazer todos os esforços para ir á camara.

— Tomára eu ver-te fazer figura! — acudiu Thomazia com este sincero plebeismo; e accrescentou carinhosa: — Eu vou comtigo, sim?

— Para Lisboa?... Ora essa! Nem os deputados casados levam as mulheres.

— Isso que tem?—replicou ella amorosamente— Eu não te deixo ir sem mim...

— De mais a mais, não vês que eu, se fôr eleito, venho a ir d'aqui a tres mezes? Para esse tempo...

— Ah! — atalhou Thomazia — é verdade... E tu n'essa occasião não has de estar ao pé de mim... e... do teu filhinho?! Serás capaz de me deixar sósinha...

— Com as tuas criadas...

— Ora!... tomaram as tuas criadas vêr-me pelas costas... Tem-me um odio!...

— Imaginações tuas... De mais, eu venho de Lisboa assim que fôr tempo, menina. Está descançada, que eu hei de ser sempre o mesmo para ti...

— Já não és o mesmo, Vasco... Acho-te tanta differença que... desde que estou comtigo, a primeira vez que tenho vontade de chorar... é agora.

E, proferida a ultima palavra, as glandulas lagrimaes golpharam como se obedecessem á pressão de uma mola.

— Porque choras? — interrogou Vasco asperamente — Querias que eu ficasse estagnado n'esta

aldeia?! Levas a mal que eu me eleve sobre esses fidalgos lorpas que ensinam bestas e passam as noites a jogar a bisca?

— Quem te diz isso? Vai, vai para Lisboa, que eu ficarei aqui, ou onde tu quizeres.

E engolia as lagrimas, provando o primeiro trago amargo do seu calix de expiação.

Elle ergueu-se sacudindo o residuo do cachimbo, mandou pôr o selim no alazão, e sahiu sem olhar para a sacada onde ella costumava ir dar-lhe o adeus saudoso.

N'este dia pensou Thomazia muito e com tristeza no pai.

Ao anoitecer, Vasco voltou mais agraciado de semblante. Ella cuidou que era o pezar de a ter magoado, remorso que se dilue em caricias quando o coração accusa; confundiu este sentimento, mixto de jubilo e dôr, com o sentimento da compaixão. O que elle sentia era dó — uma piedade preventiva que se condoe da mulher destinada ao abandono, piedade que não torna quando a final sôa a hora do tedio e do desamparo.

O candidato vinha de conversar com os influentes de dois concelhos. Revelou os primeiros enthusiasmos de homem publico. Parecia andar-se já ensaiando rhetoricamente. Explicava o que eram regeneradores, fallou do heroe de Almoster, desfez nos meritos do sr. Avila e João Elias, sarjou fundamente as carnes dos cabralistas, gesticulando e passeando, com as mãos no coz das calças como José Estevão. Thomazia escutava-o, seguia-o com os olhos fascinados n'aquellas energias desconhecidas.

Nunca lhe vira mimicas tão vehementes, tamanhos assomos de colera politica, olhando ás vezes fixamente para um ponto elevado. Thomazia não sabia que elle erguia os olhos para a cadeira da presidencia, e ás vezes para a galeria das senhoras, *in petto*. Era uma vocação que estoirára de subito, imprevista e fatal. Elle mesmo, a só com a sua transformação, espantava-se de ter tido em sua pessoa uma incubação surda e tanto tempo apatica.

Nos dias seguintes, poucas horas passou em caza. Acompanhado dos homens notaveis de Basto, foi conferenciar com as authoridades a Braga. Oppozeram-se-lhe grandes obstaculos — *attritos*, diziam os politicos no seu calão. — Vasco, beliscado no orgulho, jurou ser eleito á sua custa, comprando a consciencia aos eleitores. N'aquelle tempo uma consciencia de eleitor rural regulava entre dois pintos e quartinho, com jantar de cabrito guizado e vinho á descrição.

O abbade de Pedraça disse-lhe que seguisse o conselho de Luiz de Camões se queria vencer o candidato realista, seu competidor; que o seguisse á lettra, principalmente no artigo «regedores». E, como Vasco se risse do anachronismo de Camões com regedores no seculo XVII, o abbade tirou da estante os «Luziadas» e no canto VIII, estancia LII, apontou-lhe os dois versos finaes, que resam assim:

> Por manhas mais subtis e ardis melhores,
> Com peitas adquirindo os regedores.

— Adquira-me os regedores com peitas — accres-

centou o abbade de Pedraça, tocando-lhe com a lombada do poema no hombro. — Estes versos são de profetica e perpetua serventia em Portugal. Tão preparados estamos hoje para o systema representativo como em tempo de Camões. Que anda V. excellencia ahi a desbaratar perolas de eloquencia por esses lameiros? Querer metter idéas sociaes na cabeça d'estes lavradores, é querer furar o badalo d'aquelle sino com uma verruma (e apontava para a torre). Isto aqui são varas de porcos que se movem para onde os puxa o instincto da bolota. Bolota, sr. Vasco, bolota, e nada de palavras! Pois V. excellencia persuade-se que pode haver um deputado escolhido pela intelligencia de eleitores que não tem um mestre-escola? Nós os minhotos d'esta corda de Basto démos fé de que não reinava D. Miguel quando os frades despiram os habitos e os capitães mores as fardas; porém, quando por aqui se alastraram os executores da fazenda, dissemos aos realistas que accendessem as luminarias, porque

D. Miguel chegou á barra,
Sua mãe lhe deu a mão,
Anda cá, meu querido filho,
Não queiras constituição.

E cantarolava o folgasão abbade de Pedraça, batendo o compasso na capa dos «Luziadas.»

* *

Vasco Pereira Marramaque sahiu eleito... por novecentos mil réis, trinta e nove cabritos, e 2 ½ pipas de vinho verde — vinho que devia ser um exagerado castigo d'aquellas consciencias corrompidas dos cidadãos. Graças a Camões e ao abbade de Pedraça, o fidalgo de Agilde foi proclamado contra os protestos de duas mezas eleitoraes que estavam vendidas ao competidor.

Thomazia chorou em segredo para não aguar o contentamento do representante do povo. Redobrou de affagos a Vasco, pedindo-lhe, em nome do filhinho, que a não esquecesse. Sentia-se descahida e desnecessaria na vida d'elle; fiava-se, ainda assim, nos maviosos enleios da porvindoura criança. O egoismo não lhe dava lanço de recordar-se com angustia da causa que a fazia esperar tanto do amor paternal: devia ser o grande amor que seu pai lhe tivera, o insano mimo com que elle a creára, acalentando-a nos braços, desde os quatro annos em que ficára orphã de mãe. Era cedo. As disciplinas do remorso principiam a macerar quando a alma não tem evasiva por onde lhes fuja, nem alegria que lhes verta balsamo nos vergões.

Sahiu Vasco Pereira para côrtes, estadeando um apparato condigno dos seus appellidos. Como não ia bem seguro na transcendencia dos seus discursos, e na distincção exequivel por esse meio, fez-se preceder de cavallos e lacaio, escudeiro e jockey preto. Conhecia o Chiado, e tinha sondado a indo-

le de Lisboa. Conjecturou que dois cavallos o levariam mais depressa aos sonoros atrios dos palacios do que dois discursos a respeito das estradas concelhias de Gondiães e Painzella, para os quaes levava apontamentos em que tencionava incravar Aristides, e citar, a proposito de estradas decretadas pelos Cabraes e Elias, o *Timeo Donaos et dona ferentes*. E, dizendo isto, tinha dito todo o latim que se sabia nas duas camaras e no jornalismo, exceptuada a *Revolução de Setembro* onde o sr. Antonio Rodrigues Sampaio motivava latinamente invejas apopleticas ao sr. conselheiro Viale.

Os fastos parlamentares d'este deputado provincial não nos são mais conhecidos que os discursos de Hermágoras, rhetorico de Temnos. Ao entrar na sala de S. Bento, cada cabeça frisada dos seus collegas foi para elle uma cabeça de Meduza: petrificaram-o. Conhecia-se interiormente gravido de patriotismo, cachoavam-lhe as idéas no cerebro; mas sentia-se sem grammatica. Chegou, no delirio da sua allucinação a imaginar que no parlamento era necessario saber a lingua portugueza! Ouvia discursar alguns collegas, e não se convenceu que elles estavam alli auctorisados pelo poema do abbade Casti. Em caza repetia os dois sabidos discursos sobre estradas com emphase e modulações um pouco demosthenicas e talvez imitadas do sr. Arrobas; porém, aberto o ensejo de pedir a palavra, não sabia por onde começar este peditorio. Dir-se-hia que o presidente era Perseu que lhe mostrava no fundo do seu chapeu a cabeça da Gorgona; ou, para melhor o compararmos a sabor christão,

o presidente impunha-lhe silencio como o conhecido frade do Bussaco que perfila o dedo na ponta do nariz.

Desistiu de fallar, reservando-se para as occasiões imperiosas em que a patria necessitasse das explosões dos seus Brutos:—alludia áquelle Bruto I que estivera calado até ao momento em que Lucrecia foi violada; e mais, o deputado por Braga estava já tão apestado dos miasmas do café Marrare, que não acreditava em Lucrecias.

Verdadeiramente corrompido,—diga-se isto com a breve energia de Tacito nos formidaveis lanços da historia — Vasco Pereira de Marramaque estava irremediavelmente corrompido pela convivencia de uns *leões* que sacudiam as crinas ungidas das lagrimas das mulheres, nos seus diwans do Hotel de Italia. O conde da Taipa, seu primo por Marramaques, Manuel Browne, José Vaz de Carvalho, D. Francisco Bellas, José Estevão, e outros que ainda vivem expiando o passado, eram seus intimos. Tambem era dos seus Almeida Garrett, que dourava o bordo do calix por onde se bebiam aquelles venenos diluidos nas palestras d'uns homens que se vingavam do tedio dos prazeres desfolhando com sarcastica e gentilissima *nonchalance*—era o termo—as flores em cujas petalas havia lagrimas. O poeta das *Folhas cahidas* relia e commentava ali os seus madrigaes com umas facecias juvenis tão congeniaes da sua alma sempre creança, que os mais novos do grupo lhe invejavam as reflorecencias do estylo e as mulheres que elle perpetuou até nós de parçaria com os fluidos transmutativos.

Pasmado das proezas d'estes homens, olhou para si, e achou-se miseravel nos seus amores sertanejos a uma obscura filha de boticario. Não tinha façanha que contar quando lhe pediam casos da sua vida; via-se forçado a invental-os para não ser ridiculo, nem dar suspeitas que passara do seminario de D. fr. Caetano Brandão para o parlamento. Relatava então raptos e adulterios, pondo os maridos nas scenas grutescas das tragedias, e caricaturando as desgraças para não desafinar do tom dos seus amigos. Era um tartufo de patifarias — o que ahi ha de mais covarde e perverso no canalhismo das salas.

Entretanto, dava-se pressa em adquirir a certeza pratica de que tinha direitos a contar aventuras menos phantasticas. Ser-lhe-hia mais custoso ser honesto, se ensaiasse a fabula de Daniel na caverna dos leões, ali em Lisboa, onde mais tarde se perdeu outro deputado de melhor casta — aquelle Calisto Eloy de Sylos Benevides de Barbuda que eu chorei na *Queda de um anjo.*

Em breve prazo hombreou com os mestres. Não direi, todavia, que Vasco baldeasse pelas trapeiras a deshonra ao seio das familias. Estavam já cheias d'isso. Elle, no seio d'essas gentes, entrava imperceptivel como um regato no bojo do mar-morto que esconde as reliquias de Sodoma. Algumas, com tal hospede ainda não carmeado inteiramente da lan minhôta, julgar-se-hiam em via de regeneração. Vasco, na sua panoplia amorosa, tinha coroas de baronezas e condessas; mas Cunha Soutto-Mayor dizia-lhe que os seus tropheus pareciam arranjados

na feira da ladra, ou roubados ao gabinete archeologico do abbade de Castro, Deus lhe perdôe.

*

* *

Nem tanto.

O deputado escondia ao exame dos seus amigos uma luva branca de 5 pontos e a medalha de um retrato. Sagrava estes dois objectos um amor incontaminado, uma paixão que se urdira com duas fibras puras do coração de Vasco. A menina amada era illustre, formosa, enviolada na sua reputação e pobre. Seu pae era conde, representante de condes que já o eram no reinado de D. Manuel. Seus irmãos eram dois fadistas, as melhores duas navalhas da travessa dos Fieis de Deus e arredores. Velaram as armas no sotão da Severa e remedavam o conde de Vimioso nas caracteristicas farcolices do alto *banzé*. Mordia-os uma aspiração ardente; queriam ser bolieiros. Aquelle grande batedor *José Mulato*, em domingo de tourada, jantava com elles no *Penim* ou no *Colete-encarnado*; abraçavam-no, beijavam-no, estudavam-lhe os tregeitos na bebedeira, e attemperavam-se tanto ás suas gingações que ainda no estado normal pareciam ebrios.

O conde resvalava vagarosamente á sepultura, carregado com a ignominia dos dois filhos. Amparava-lhe a cabeça branca uma filha. Era esta a mulher que Vasco Pereira vira em uma sexta feira de Paixão na capella de seu parente o conde de Redondo. Aquella capella, n'aquelle tempo e na semana santa, era o confluente das familias de mais

alta estirpe, que não reconheciam a soberania de D. Maria II. Vasco Pereira Marramaque, o representante dos castellões e ricos-homens de Lanhoso, tinha ali parentes; e em contacto com elles sentia-se abalado pelas reacções da raça e entorpecido por um magnetismo miguelista.

Sobejavam-lhe predicados agraciaveis, além da prosapia e fama de rico. Vestia com primoroso bom-tom. Era perfeito homem na corporatura, e naturalmente esbelto nas atitudes. Trigueiro-pallido, bigode farto e negro, a cara sentimental dos romances. O sorriso sincero, sem os vincos labiaes com que alguns artifices de chalaças se narcisavam ao espelho para se inculcarem medonhos frécheiros de sarcasmos. Era, em fim, a flôr do Minho, e o querido de sua prima em gráo desconhecido, D. Leonor de Mascarenhas, filha do conde de Cabril.

O ideal, que o preoccupava antes de se materialisar nas lides eleitoraes e na semsaboria das intimidades monotonas com Thomazia, reappareceu-lhe na angelica belleza de Leonor, na sanctidade do seu viver, na piedade filial com que lenimentava as acerbas dôres do conde. Respeitou-a e adorou-a, como se a visse na candura dos dezoitos annos, quando lia *O Menino na selva*. Retrahia-se acanhado, se lhe cumpria ser um agradavel conversador. Parecia ter perdido no commercio de amoríos despejados a moeda do fino ouro — a phraze sã, simples e affectiva de que as almas singelas se contentam.

Leonor sabia que era amada; e o conde, fiado na probidade da filha, consentia que o rico e illustre

Vasco Pereira a cortejasse, tirando a partido que o casamento se fizesse sem precedencias de cartas, *rendez vous*, e outras frivolidades que deterioram a gravidade de tal acto. Systema antigo e bom. O conde havia assim casado. Não constava que na sua familia, muito mais antiga que a instrucção primaria, desde o seu trigesimo avô Leovegildo, rei wisigodo na Lusitania, alguem se matrimoniasse por cartas.

N'esta conjunctura recebeu Vasco a noticia de que era pai de um menino. Escrevêra o feitor a carta que Thomazia ditara e em um *P. S.* accrescentara por seu punho: *Ha treze dias que não me escreves!!! Não te esqueças do teu filhinho.*

O pai do menino achou exaggerados os trez pontos de admiração, e não pôde soffrear a zanga que lhe fazia aquella especie de violencia. — Com que direito se admirava a filha do boticario? Cuidaria ella que era a balisa do destino de um Marramaque? Talvez se persuadisse que o filho era o remate da sua felicidade! Imaginava certamente que elle, o esperançado noivo de uma Mascarenhas, ia logo, a jornadas forçadas, para caza, doido das alegrias de progenitor, acocorar-se ao pé do berço, e babar-se de risos paternalmente palermas!

Elle pensava isto pouco mais ou menos; mas não respondeu assim.

Dizia que ficára muito jubiloso com a noticia; recommendava á mãe que se acautellasse do frio por que a estação ia muito agreste; mandava que arranjasse ama e mandasse crear fóra o menino, que o baptisasse em nome d'ella e lhe pozesse o

nome que lhe agradasse: ordenava finalmente ao feitor e á mulher que fossem padrinhos. Era uma carta em que não resumbrava sentimento amoroso de pai nem de amante, salvo a recommendação de que tivesse cuidado com as constipações.

Thomazia leu a carta por entre lagrimas, e disse de si comsigo: «Está tudo acabado.» E, descobrindo o rosto da creança que aquecia sobre os seios, soluçou: «Que será de nós?»

Respondendo a Vasco, dizia que o menino seria baptisado sem nome de pai, e com os padrinhos indicados; quanto, porém, a mandal o crear, declarava que a ama de seu filho havia de ser ella; mas, se Vasco instasse pela creação fóra, em tal caso teria ella de sahir com o filho. E accrescentava com uma serenidade que a dôr atabafada egualava a um raro heroismo no infortunio: *Recebo a tua carta na mesma hora em que recebi a noticia da morte de meu pai.*

*

* *

A noticia enviara-lh'a o praticante e administrador da botica, perguntando se devia continuar a dirigir a pharmacia da qual ella era a herdeira. E mandava-lhe inclusa uma recente carta de Macario Affonso em que approvava as contas do caixeiro, agradecendo-lhe, e louvando-o pela probidade com que fiscalisára a sua casa. Dizia mais que tinha tido ameaças de apoplexia, a que o cirurgião chamava febre cerebral; e concluia: «Se eu morrer de re-

«pente, o meu testamento está feito. A minha her-
«deira é essa filha que me matou. E' herdeira de
«sua mãe, porque essa casa e tudo que está n'ella
«era da minha defuncta mulher. Tudo lhe deixo;
«mas não posso perdoar-lhe a ingratidão com que
«me desamparou.»

As angustias mais cerradas deixam sempre clareira alumiada por uma réstea de esperança. A alma oppressa é engenhosa em achar fenda por onde se desafogue. Assim Thomazia, entre a carta de Vasco e a do pai, entre a desesperação de amante e o remorso de filha, amparava se á certeza de ter uma agencia bastante á sua independencia.

O fidalgo não desgostou da expressão sêcca e altiva da resposta de Thomazia. Como receava lamurias e queixumes que complicassem o inevitavel desenlace, foi-lhe agradavel suppôr que ella trasigiria com a separação sem violencia nem escandalo. Por outra parte, a sua vaidade sentia-se da sobranceria de Thomazia, da hombridade com que ella o tratava como de egual para egual, com a facil transigencia da mulher enfastiada. Como quer que fosse, Vasco, sacrificando o seu amor proprio, antes queria ser aborrecido que importunado pelas lastimas.

Mas as lastimas appareceram na carta do correio immediato. Quebrantado o orgulho ferido, e applacado o despeito, affluiram as lagrimas ternas e supplicantes. Thomazia, com o filho no regaço, e ainda no leito, escreveu com eloquente paixão as suas saudades, as lembranças do que Vasco lhe dissera e promettera n'aquellas noites em que ella, corajosa como a culpa sem pudor, descia ao quintal a re-

cebel-o nos braços, e a lançar-lhe aos pés a sua honra, e a honra e a vida de seu pae. Implorava-lhe que não engeitasse o filho, que o baptizasse em seu nome, que o fosse vêr, se queria ficar prezo ás azas d'aquelle pequenino anjo.

A dôr era sincera n'esta carta; mas a leitura de novellas fornecera-lhe bastantes phrases, não menos conhecidas do deputado.

Isto inquietou-o. Havia já pedido a mão de sua prima Leonor. Devia recebel-a passados dois mezes. Preoccupavam-no os presentes de noivado. Precisava ir a casa buscar as joias de sua mãe para engastar os diamantes em adereços de feitios modernos. Queria vender a um brazileieo a quinta em Lanhoso, e a outro brazileiro os seus foros de Felgueiras. Carecia de arredondar uma duzia de contos para estabelecer-se na côrte com cocheira e salão, com parelhas e amigos. Calculava, feitas as vendas, oito contos de renda, afóra umas presumptivas successões em vinculos e prazos. O futuro sorrialhe como a todos os namorados e noivos com oito contos de renda; mas Thomazia era-lhe um estorvo irritante. Emquanto ella estivesse em Agilde, Vasco, se ali fosse, expunha-se a grandes semsaborias.

N'esta urgencia, acudiu-lhe ao pensamento o seu velho amigo e mestre de logica, o já conhecido abbade de Pedraça.

Sentou-se e escreveu compridamente.

*

* *

Thomazia não recebera resposta á carta das lagrimas humildes. Sentia-se outra vez em reacção de orgulho. Punha todo o seu coração nos labios que beijavam a creança, e pensava, outra vez, no contentamento de ter uma casa sua com uma pharmacia acreditada. Pesava já sobre ella essa atmosphera crassa e brusca do positivismo moderno. Gostava de ter de seu. Não lhe mettiam medo os senhorios, nem a carestia dos comestiveis, nem o despreso sovina de parentes. Tinha seguro o pão de seu filho. Começava a odiar o pae d'essa creança tão linda; mas de subito marejavam-lhe as lagrimas, lembrando-se do prazer que sentiria Vasco se sentisse nas mãos o seu filhinho...

Em um d'estes lances, annunciou-se o abbade de Pedraça, que queria fallar á sr.ª Thomazinha.

Ella estremeceu. Aquelle padre nunca lhe fallára, nem a cumprimentára, tendo-a encontrado de passagem quando procurava o fidalgo. Era um clerigo severo, egresso da ordem de S. Bento, liberal, mas de costumes austeros, e talvez acintemente exaggerados para demonstrar que liberdade não é licença, e que sómente o clero estupido é desculpavel de ser devasso.

Foi a tremula Thomazia á sala, onde o abbade passeava com estrondosos passos e rijas pontoadas da bengala no taboado.

— Viva, sr.ª Thomazia — disse elle quando a viu

erguer o reposteiro de baeta escarlate com armas.

— Sr. abbade... — murmurou ella, — passou bem?

— Graças a Deus, bem; e como está a menina?

— Muito agradecida...

— Com licença — e sentou-se. — Faz favor de sentar-se que temos de conversar. Por aqui não está nenhuma curiosa que nos escute? Veja lá...

— Esteja v. s.ª descançado que não está ninguem — e foi fechar a porta por onde entrara, recommendando para dentro que a chamassem, se o menino chorasse.

Esta recommendação sem rebuço escandalisou algum tanto o padre, severisando-lhe o aspeito.

— Ora, senhora — disse elle — já que fallou no menino, comecemos por ahi. O sr. Vasco Pereira não póde reconhecel-o no acto do baptismo, isto é, não quer, porque, reconhecendo-o, prepara complicações e difficuldades aos filhos legitimos, se os tiver. E é natural que os tenha, porque o sr. Vasco é rapaz, é rico, é fidalgo, e, mais hoje mais ámanhã, casa.

Rozou-se ligeiramente o rosto de Thomazia, e sentiu uma forte e subita oppressão no respirar.

O abbade, que por falta de vista não dera tino da commoção, agourou favoravelmente da apathia de Thomazia, e proseguiu:

— Devo ser franco, senhora; com meias palavras não fazemos nada: o sr. Vasco vai casar com uma sua prima, filha do sr. conde de Cabril.

Thomazia ergueu-se soberanamente, admiravelmente, e disse:

— Não tem mais nada que me dizer? Dê-me licença, e queira esperar um pouco, em quanto eu vou buscar as chaves das gavetas do sr. Vasco para lh'as entregar.

— A mim?

— Pois a quem? Eu vou sahir d'esta caza com o meu filho. O sr. abbade vem despedir-me, e portanto ha de ser testemunha de que eu saio d'esta casa como entrei...

— Eu não venho despedil-a, senhora! — volveu elle sentindo-se apoucado diante d'aquelle gentil e arrogante desprendimento — Faz favor de me ouvir. Sente-se...

Thomazia sentou-se, com os olhos entumecidos de borbotões de lagrimas, reprezadas pela força da vontade.

— O sr. Vasco Pereira — continuou, pausando as palavras que proferia e accentuava com inflexões mais respeitosas — quer que a senhora e seu filho tenham o necessario, e até mesmo o superfluo á sua subsistencia...

— Isso temos nós, sr. abbade — interrompeu ella — Tenho a minha casa e a minha botica.

— Não obstante, o sr. Vasco Pereira quer fazer á sr.ª Thomazinha doação do casal de Paços, que anda arrendado por dez carros de milho...

Levantou-se ella de golpe outra vez, e exclamou atropelladamente:

— Não dou direito a v. s.ª nem ao sr. Vasco a offenderem-me. Eu não me aluguei nem me vendi a esse senhor. Tambem não entrei n'esta casa como creada, e por isso não quero ordenado. Já lhe disse

que tenho com que viver sem esmolas; e, se precisasse d'ellas, não as pediria ao sr. Vasco. Emfim, eu vou sahir immediatamente d'aqui. Se v. s.ª quer tomar conta dos objectos de valor que ahi estão, receba as chaves; se não quer, vou entregar tudo com testemunhas ao feitor.

— A senhora destempera! — redarguiu o abbade — Ora venha cá, menina! Que necessidade temos nós de levantar ahi por essas aldeias uma poeira escandalosa que vai dar pasto aos dentes da calumnia? Lembre-se que tem um filho, e que esse menino póde ser que ainda venha a ser considerado por seu pai. Não regeite a doação, porque o casal de Paços é um bonito patrimonio para o seu filho, se o quizer ordenar; e, quer ordene quer não, é uma legitima que o habilita a casar-se vantajosamente... Pense, sr.ª Thomazia, pense...

— Tenho pensado, sr. abbade... Tenho pensado... Vou sahir... Que sou eu aqui?... O' meu Deus! Quem me diria ha dois annos!... Como eu vivi enganada... Que ingratidão...

Estas palavras balbuciadas entre soluços romperam a repreza das lagrimas. Tomou-se de uma grande convulsão, arquejando, debatendo-se como em ancias de estrangulada. Rasgava o decote do vestido, expedia gritos hystericos, e resvalava da cadeira ao pavimento quando o abbade a tomou nos braços, desmaiada, algida, e a recostou no espaldar de uma poltrona. Acudiu aos brados uma criada com a creança no colo. Thomazia cravara os olhos pavidos no filho; mas parecia fital-o com o iris immovel como na amaurose. A creada che-

gava-lhe a creança ao rosto, e com alto choro perguntava se a senhora tinha morrido.

O abbade, que só conhecia os ataques levemente nervosos de algumas confessadas, estava assustado, confuso e compadecido.

— Mal hajam os vicios, mal hajam as paixões! — murmurava o egresso, tomando-lhe o pulso, com o receio de ter sido o portador da morte áquella pobre mulher que deixava orfanado um filho de quinze dias.

A mulher do feitor, que havia sido creada da fidalga, mãe de Vasco, senhora hysterica, disse que conhecia aquella doença que atacava a sua ama, quando se affligia com o fidalgo por causa das fêmeas. (Em Basto — permittam o parenthesis — as mulheres que motivam desmaios nas damas casadas chamam-se *femeas*. Parece que a intenção é aviltal-as á baixa condição das especies em que ha machos.)

— Vamos leval-a para a cama — disse ella — é preciso desapertal-a e pôr-lhe a cabeça bem alta. Janellas todas abertas, e vinagre na testa com agua fria, e sinapismos bem fortes nos pés. Ajude-me a leval-a, sr.ª Rosa.

— E o menino? — disse a criada.

— Dê cá o menino — acudiu o abbáde.

— V. S.ª não o deixe cahir — recommendou Rosa.

— Vossê é tola, mulher! eu deixo lá cahir este passarico!

E, pegando d'elle, sem geito nenhum, sentou-se, em quanto as duas mulheres conduziam a desfallecida.

— Que é do meu pequerrucho? — dizia o abbade

com a creança de barriguinha ao ar nas palmas das mãos. O pequeno chorava franzindo a testa em refegos escarlates. — Que queres tu, meu chorincas? Parece que tens mau genio! *Psiu, psiu!* Cala-te. Quem tem um néné? — E cantava-lhe um improviso, que o pequenito parecia patear rabeando com pés e mãos. — Ora esta! a minha missão acabou por ficar eu ama secca do creanço do sr. Vasco! *Psiu*, olha, engrimanço, pataratinha! *Oh-oh-oh.*— E acalentava-o, embalando-o nas mãos de cima para baixo, como quem padeja uma broa.

A creada veio buscar o pequeno, e disse alegremente que a senhora já fallava e perguntára logo pelo filho.

— Pois leve-lh'o, que já não é sem tempo. Apre! estou a suar! E, ouviu? diga-lhe que eu quero ser o padrinho d'elle; e que brevemente cá volto.

*

* *

O abbade informou o fidalgo dos successos occorridos; e, depois, accrescentava que no mesmo dia, ao anoitecer, recebera um molho de pequenas chaves de gavetas que Thomazia lhe remettera, offerecendo-lhe a humilde casa onde nascera, e agradecendo-lhe o favor de lhe baptisar o filho.

«Meu amigo — ajuntava o padre — V. ex.ª não «conhecia com certeza os elevados espiritos d'esta «mulher. Este caso prova que as acções excellen«tes não são privilegio das castas fidalgas. Vi que «ella tinha alma de mulher porque chorou; porém,

«quando esmagava o coração debaixo dos pés da «sua dignidade, era sublime! E porque o era, sr. «Vasco, ouso dizer-lhe que v. ex.ª foi cruel com es«ta mulher, e lá pela vida fóra, se não encontrar «outra semelhante, ha de recordar-se d'esta com«pesar. Com que desplante os homens atiram aos «abysmos da irreparavel desgraça umas creaturas «que levam comsigo os escondidos thesouros de fe«licidade que lhes regeitaram! Quantos bens da vi«da intima v. ex.ª gosaria ligado honestamente a «esta mulher e a esta creancinha! Veja que nobre «coração! O que ella queria era que a não julgas«sem mulher vendida. O casal de Paços, que v. ex.ª «lhe doava, pareceu-lhe uma injuria sobre a ingra«tidão. O sr. Vasco, ou se enganou com ella, ou «me quiz enganar a mim. Devia dizer-me que esta «mulher do povo tem brios que não são communs: «dissesse-m'o, se o sabia, para eu me esquivar a «mensagem tão alheia dos meus deveres de padre, «e até de amigo que fui, e desejo continuar a ser, de «v. ex.ª Mas, olhe, senhor meu, se o mundo lhe não «condemna esta ruim acção, condemno-lh'a eu, que «sou da religião de Jesus, que sanctificou Magda«lena. Escute o que lhe diz o ecco da divina justi«ça que nos repercute na consciencia. O que eu lhe «assevero é que a justiça está da parte d'esta infe«liz mãe; e os que fazem iniquidades não são de«certo os bemaventurados...»

Proseguia n'este estylo, algum tanto de sermonario, e concluia dizendo que ia ser padrinho do menino» porque o tivera cinco minutos nas mãos; e lhe pa«recia que, se a mãe lh'o desse, o levaria comsigo,

«aquecendo-o entre o seio e a batina, debaixo da «qual só é permittido sentir pulsar no coração a «piedade que Jesus Christo sentira pelas creanci«nhas »

*

* *

Esta carta não commoveu profundamente Vasco Pereira. Estranhou que o abbade de Pedraça, nascido em uma das mais nobres casas do Minho, filho de capitão-mór, e neto de um chanceller, alvitrasse o casamento de um Marramaque com a filha do pharmaceutico Macario! Os topicos religiosos da epistola pareceram-lhe jesuiticos, e incompativeis com o espirito liberal do egresso, que fôra o primeiro a abandonar o convento de Tibães. Aborreceu-lhe a hypocrisia caturra do seu velho mestre de philosophia moral, que em assumptos de metaphysica citava, sorrindo, uma phrase de Protagoras: «A respeito de deuses, não sei se elles existem nem se não existem.»

Quanto a Thomazia, sinto dizer, em deshonra do meu sexo, que o noivo de D. Leonor de Mascarenhas viu em tudo aquillo que maravilhára o padre uma simples reminiscencia de certa «Augusta»— personagem de um mau romance que então se lia, chamado *Onde está a felicidade*; e até lhe quiz parecer que o abbade de Pedraça se mettera nas romanescas veleidades de imitar o outro personagem piegas que lá se chama *o poeta*. Com esta interpretação das agonias de Thomazia e das austeridades equivocas do egresso, Vasco Pereira ficou satisfeito.

Escreveu entretanto ao abbade agradecendo-lhe os conselhos, e admirando-lhe o sentimentalismo— isto com uns periodos facetamente arredondados, e umas agudezas de espirito-forte que deram em resultado passar a carta feita pedaços das mãos do padre ás azas do vento. Mas como o fidalgo dizia vir na proxima semana a Basto, e ir por Pedraça receber as chaves, deu-se pressa o abbade em avisal-o que procurasse as chaves em casa do seu reitor. A's graçolas não redarguiu. O egresso, como era de nobilissima linhagem, olhava sem preconceito para fidalgos, e no de Agilde não achava resalva que o estremasse do commum dos homens indignos da sua estima.

Do que elle curou foi de baptisar o filho de Thomazia. Deu-lhe o seu nome, o sobrenome de seu avô boticario e o appellido de sua avó materna. Chamou-se o menino — Alvaro Affonso da Granja.

A mãe assistiu á ceremonia, por instancias do compadre, que a levou a casa em companhia de sua irmã, madrinha do menino. Dizia esta senhora que em quanto se não demonstrasse que as mulheres seduziam os homens, havia de ser indulgente com as seduzidas. Tinha amado, tinha chorado e encanecido aos vinte e cinco annos. Captivou-se tanto da resignada paixão de Thomazia que a visitava a miudo, e a levava comsigo para Pedraça.

*

* *

O noivo queria as joias da mãe, queria vender

a quinta de Lanhoso e os foros de Felgueiras. Era forçoso ir.

Entrou por uma noite feia em Agilde, Recebeu do reitor as chaves das commodas e dos contadores. Encontrou o feitor no patamal da larga escadaría com uma lanterna de luz mortiça: parecia um vulto de granito a alumiar a porta de um jazigo enorme. Quando entrou na sala de espera sentiu-se incommodamente impressionado. Por aquella vasta quadra zuniam nos forros as correntes de ventania.

— Accendam velas! — exclamou elle com desabrimento. — Que é das creadas?

— Minha mulher está doente...

— E as outras?

— Quando a senhora se foi embora, ellas foram tambem — respondeu o feitor.

— Quem me ha de servir?

— Se v. ex.ª mandasse dizer que vinha, eu teria arranjado creadas: mas só já de noite o sr. vigario me mandou avisar. A'manhã se arranjará tudo.

Passando de sala em sala chegou á saleta do seu quarto de domir. A' entrada tropeçou em um movel.

— Que é isto? alumie, Antonio!

Era um berço de mogno, suspenso em columnas com docel e cortinas de *mousseline*. Este berço enviára-o elle de Lisboa, logo que ali chegára, promettendo ser o primeiro que embalasse o seu filho. Deteve-se dois segundos a olhar para o berço. Recordava-se; mas não saberia dizer o que recordava; talvez estivesse escutando o sibilar do vento que parecia um concerto de gemidos.

Entrou no quarto, accendeu as velas dos castiçaes e fechou a porta. Atirou-se para uma das camas. Sobre uma banqueta proxima do leito, em que se reclinára, estava papel, tinteiro e duas cartas abertas; uma, era a ultima que elle escrevera a Thomazia; e a outra carta inclusa nas duas paginas era a primeira que Vasco lhe escrevera, jurando-lhe por alma de sua mãe ser ella o primeiro, o infinito amor da sua vida. Esteve alguns minutos como absorvido na contemplação da luz da vela, com as duas cartas entre os dedos. Parecia contrariado. Ergueu-se, fez um gesto de repugnancia, sacudindo com a mão o que quer que era que lhe fazia pressão na testa. Abriu as gavetas de um contador preto com lavores metalicos. Tirou um cofre de joias, cuja tampa de prata dourada tinha brazão esculpido. No concavo dos relevos do escudo estavam dois anneis de diamantes miudos, que elle dera a Thomazia. Examinou-os um momento, abriu o cofre e juntou-os ás outras joias, que não examinou. Relanceou os olhos em redor. Pendentes de cabides de pau santo estavam dois vestidos de Thomazia. A sua guarda-roupa era modestissima. Como não pozera pé fóra d'aquella casa desde que entrára até que sahira para sempre, recuzara-se a acceitar atavios inuteis. Levara comsigo os vestidos que o ajudante da botica lhe remettera, quando o pae se retirou.

Perguntam-me se Vasco Pereira Marramaque já enxugou tres, ou ao menos duas lagrimas?

Quando chamou o escudeiro e lhe perguntou se estava prompta a ceia, tinha os olhos enxutos; mas

isto nada prova contra as suas qualidades sensitivas. O querer cear tambem não demonstra insensibilidade nem mingua de afflicção. D. Fernando, duque de Bragança, quando passou do oratorio para o cadafalso, pediu figos e vinho. Comer é uma brutalidade physiologica independente da alma. Deixar-se morrer de fome para extinguir os elementos da dôr moral é hoje impossivel. Só se morre de fome nas condições de Ugolino. A mythologia tem muitos casos como o do marido de Andromeda: na historia da Roma Imperial ha muitos como o de Diocleciano e de Julia, mãe de Caracalla, e na historia lendaria alguns como Gabriella de Vergy. Ora Vasco era nosso contemporaneo. Ceou, dormiu, e, ao outro dia, mandou avisar os brasileiros, com quem tratou os seus negocios, e, realisadas as vendas, foi para a côrte.

*

* *

Nos salões do conde de Cabril pezava desde 1833 o lucto silencioso de uma sociedade extincta. Os estofos de damasco haviam desbotado debaixo das lonas aprezilhadas de laços escarlates; o oiro dos tremós-João V tinha a côr esmaiada dos velhos altares. O conde fugia d'aquellas salas onde se lhe representavam á pungentissima saudade os phantasmas de tantas mulheres formosas que instantaneamente se sumiram na obscuridade e envelheceram na pobreza; de tantos homens illustres que, n'um lance de desfortuna politica, resvalaram da altura

de sete seculos. D. Leonor lembrava-se de ver ali, na cadeira de um throno movel, D. Miguel, e de brincar entre os braços das serenissimas infantas que a beijavam. Os filhos do velho camarista de D. Carlota Joaquina, mais edosos que a irmã, memoravam a ida de D. Miguel á sua cavallariça, e estar encostado ao hombro do conde a vêr marcar a ferro na anca um cavallo de Altér; lembravam-se tambem de o vêr jogar a barra com uma alavanca em Salvaterra, segurar um touro pela cauda, etc., e cheios de saudade do seu rei, exclamavam: «Era um grande pandigo!» Contavam então as brincadeiras predilectas d'aquelle senhor, e lá vinha o caso de sua alteza real em pequenino furar a barriga das gallinhas com um saca-rolhas, facto restabelecido e auctorisado pelo sr. dr. bispo Antonio Ayres de Gouveia, no seu livro da *Reforma das prisões*.

D'estes casos e tempos felizes parecia estarem-se carpindo na vasta *sala*, euphonicamente chamada *d'armas*, os lugentes retratos, todos authenticos como o de Leovigildo, primeiro rei wisigodo na Lusitania. Fitavam os seus olhos pavidos nos guadalmecins esflorados e puidos, onde a espaços se viam os heroes do assedio de Troia, Priamo e Achilles, e os mais, com os olhos furados e as bocas rasgadas até ás orelhas — recreações infantis dos meninos do conde, quando se exercitavam no jogo da navalha.

Eis que, um dia, abertas de par em par todas as janellas e portas do vasto palacio, o sol, o ar, a alegria, as decorações modernas entraram n'aquel-

las salas, com grande faina de estucadores, de estofadores e de marceneiros.

Dir-se-hia que tinha chegado á Ajuda o sr. D. Miguel I, e que o conde de Cabril levantára do cofre da fazenda — que os liberaes deixaram cheio, como era de esperar — os primeiros cem contos por indemnisações, authorisando-se com os illustres exemplos de seus primos Terceira e Saldanha.

A causa d'essa transformação não pertencia ao numero das calamidades sociaes. Tudo aquillo era obra do amor conjugal e de doze contos de réis.

Vasco Pereira Marramaque estava em Cintra com sua esposa, com seu sogro, e com seus cunhados, em quanto se preparava o palacio de Andaluz para os bailes de inverno.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

VI

O FILHO NATURAL

O FILHO NATURAL

SEGUNDA PARTE

As apparencias, que deixavam suppor em Thomazia uma alma ou muito briosa ou muito despegada, eram fingimentos que secretamente lhe custavam asperas pelejas. Em quanto a saudade não cedesse ao odio, qualquer ostentação de desprezo ou de submissa conformidade devia ser-lhe uma frecha, tanto mais entranhada no coração, quanto a offendida abafava em si o desafogo dos queixumes. Nas doenças de amor, a peçonha do ciume supurando pelas palavras desabridas, deixa muitas vezes a alma curada.

Thomazia velava as noites á beira do berço do filho. Aconchegava-se d'elle como se a creança lhe fosse allivio e defeza de uns pavores que a estremeciam n'aquelle quarto onde, pela ultima vez, ouvira a voz afflicta do pae que a chamava. O administrador da pharmacia, que dormia por baixo, ap-

plicava o ouvido, e escutava soluços. Erguia-se de pé sobre o leito, e ajustava a orelha á parede, por onde se lhe coavam os rumores do pavimento.

Esta curiosidade tresnoitava Dyonisio José Braga.

Era um sujeito entre trinta e trinta e quatro annos. Praticára na botica do hospital de Braga, e tinha o curso pharmaceutico na escola do Porto. Sabia a preceito a sua arte, e estava inventando pastilhas para molestias incuraveis, quando foi despedido do hospital de S. Marcos por ter desencaminhado a filha da enfermeira, uma rapariga de bons costumes, como são todas as raparigas antes de terem maus costumes. Foi ser ajudante de botica no Porto, em casa do Januario da rua Chan, que o despediu, porque elle lhe seduzia epistolarmente uma sua comadre e commensal. Passou para casa do Euzebio da rua de Cedofeita, d'onde sahiu por motivos igualmente eroticos. Era um fragil; mas o seu vicio não procedia do despotismo do temperamento, nem da materialidade irreligiosa. Era, pelo contrario, muito espiritualista, constellava no azul as mulheres todas, e conversava-as licita e mysteriosamente com a lua cheia por medianeira. Construia uns ideaes ratões, e tinha nas alamedas da Lapa e Fontainhas, por noite morta, umas apparições alvas como a *Dama branca* de Walter Scott. Até certa altura, este boticario, posto que não fosse bonito, era um anjo; mas de certo ponto para diante degenerava para homem trivial. Parece que as mulheres dos seus amores — quasi todas formadas nas indelicadezas da cosinha — faziam-lhe ás azas de anjo o que faziam ás azas dos patos; e elle ahi

ficava o *homem* de Platão «um animal implume que ri.»

Quanto a rir, nem sempre. Passou por desgostos serios. As mulheres amadas e os crédores perseguiam-no. As pharmacias fechavam-se-lhe, cortando-lhe a carreira da sciencia e o exito de varias pilulas inventadas. A mão gélida da pobreza amarrara-o ao caldo negro de Sparta, que chamam *verde* no Minho, em casa de seu pae, pequeno lavrador de Villar de Frades. Ahi mesmo era sensivel ás noites perfumadas e serenas, ao murmurio dos ribeiros, e a todas as provocações da rica natureza de maio. Aquelle amor pantheista envolvia toda a creatura de merinaque de molas de aço, ou de saia de estopa com barra escarlate. As moças da sua terra consultavam-lhe a sciencia medica; e elle, compondo-lhes o estomago, desarranjava-lhes o coração. Estas felicidades pagam-se caras. Chegou a levar pancada. O sr. Guerra Junqueiro deu cabo do ultimo D. João com um poema; porém os lavradores de Villar de Frades principiaram a obra com estadulho na pessoa de Dyonisio José Braga. Systema muito peor para os Dom Joões.

N'esta conjunctura, propiciou-lhe a sorte a botica de Macario Affonso. Foi de animo feito a estrangular o ideal que lhe infernára a existencia, enforcando-o na costella que levava fracturada.

Dois annos e meio de exemplar comportamento asseveravam uma reforma radical. O archanjo S. Miguel da balança não era mais serio que elle com as freguezas. Dir-se-hia que Dyonisio pizava no almofariz o grão da mostarda e as proprias fêbras do

coração. Nem uma chalaça, nem um beliscão em polpa de mulher! Sentava-se na testada da botica em um mocho, lendo e annotando a lapis a *Pharmacopea geral* do dr. Agostinho Albano. Se alguma moça o saudava passando, elle respondia sem erguer os olhos do livro, como se fosse o beato Pacomio a meditar os santos evangelhos. E nem por isso grangeára grandes sympathias no sexo feminino: é por que tinha ares de neutro.

— E' um trombelas! — dizia a Rosa do Cruzeiro.

— Não olha direito para a gente, o casmurro! — invectivava a Josefa da Fonte.

— Aqui ha tempos a Maria do Moleiro quiz-lhe mostrar uma nascida que tinha n'um joelho, e vae elle, disse-lhe: «Menina, vá ao cirurgião; que eu avio remedios e não vejo pernas.»

— Credo! o homem é tolo! Olha o santatoninho, que lhe não fosse dar volta o estamago! — acudiu a Rosa, cruzando os braços e balançando os seios sobre o largo decote do collete amarello. E escarneciam-no com palavras deshonestas e casquinadas de riso com lardo de equivocos torpes.

E' como é o mundo, em cima e em baixo.

Vá de historia. Havia em Roma dois sanctuarios consagrados ao Pudor. Em um dava-se culto ao «pudor das senhoras» *(pudicitia patricia)*; no outro ao «pudor do mulherio» *(pudicitia plebea)*. Não sei qual dos dois pudores era menos envergonhado. Hoje é difficil estremar duas cousas que não existem; porquanto, ponho os oculos, tomo rapé, e leio em Ovidio, e na Theogonia de Hesiodo, que a Pudicicia, assim que viu lavrar o cancro da corrupção

no seio do genero humano, fugiu para o ceo com sua irmã a Justiça. Que fosse para o ceo, duvido; não me parece que seja lá necessaria; mas em Celorico de Basto é que ella realmente não estava, quando aquellas raparigas, a meia voz, e com estridentes gargalhadas, commentavam o pudor do boticario, respectivamente ao joelho da Maria do Moleiro.

*

* *

Oito dias estivera Thomazia em sua casa sem que Dyonisio a visse.

Mandou-o chamar á saleta, e agradeceu-lhe a probidade e zêlo com que administrára os seus interesses. Pediu-lhe que a desculpasse de tão tarde cumprir aquelle dever, e a não julgasse grosseira.

Respondeu elle com a voz tremula que muito se honrava em ter correspondido á confiança que em si depositára o finado sr. Macario; que sentia infinitamente os seus dissabores... que sentia infinitamente os seus dissabores...

E engasgou-se.

Thomazia tinha-o encarado fita e penetrante como um tiro. A vaidade picou-se-lhe d'aquelle ar de atrevida compaixão. O aspeito de Dyonisio tinha uns tons de ternura equivoca, nos olhos principalmente, onde se transverberava a doçura de uma alma apaixonada. Esta expressão escandalisára Thomazia, por duas causas; primeira, ser lastimada, quando se reputava heroina na queda e no despre-

zo de indemnisações; segunda, ser olhada d'aquelle feitio por um caixeiro de botica — ella que embalava nos braços um filho de Vasco Marramaque, e cerrava ao coração o perpetuo luto do unico homem que vingaria perdêl-a! Por isso, o sensitivo amador das familias dos Januarios e Euzebios ficou entalado quando Thomazia, levantando o rosto, avincou a testa, e lhe arremessou de flecha os olhos rutilantes.

Aquella mulher era então mais linda que no tempo em que as graças lustram mais no pudor que na plastica. Dois annos antes, inspiraria Lamartine; dois annos depois teria o seu logar de honra ou de deshonra entre as mulheres refeitas e perfeitas dos poemas de Alfred Musset. O boticario estava na comprehensão das boas cousas, e não era hospede na materia sujeita. Cinco annos de pousío deram-lhe ao coração rebentos luxuriantes. O molosso da naturza sacudiu a mordaça, e deu aquelles grandes latidos interiores que se chamam a paixão.

Thomazia evitava-o desde a primeira e curta conversação em que elle, aturdido pela arrogancia d'aquelle olhar, se retirára tartamudeando algumas palavras insignificantes; Dyonisio José Braga, porém, ia offendido no sentimento generoso e virgem, que lhe entrára no peito á primeira vez que a vira. Pensára em casar com ella, *assentar de vez*, e *arranjar-se*, dizia elle no lyrismo das suas meditações. Por quanto, ella possuia a botica bem afreguezada, posto que as drogas fossem revelhas e substitutas das que não havia; possuia a casa e o quintal, casa envidraçada, e quintal curioso com pomar, parrei-

ral, hortas, mirante com trepadeiras de maracujá, bancos de cortiça em uma gruta de madre-sylva á maneira de cubata. As arcas estavam cheias de bragal, peças de linho e meadas antigas, tudo anterior á invasão dos romances n'aquelle recinto de ignorancia e bom senso. Estas concomitancias cooperavam talvez no proposito honesto do pharmaceutico; mas, descascada a idéa, lá está dentro a candida pevide como a semente das acções nobres, — a bonita idéa de casar-se e rehabilitar aquella menina.

O seu amor medrou nas surdas raivas como as bellas flores nos residuos immundos. Thomazia, todavia, não o estremava do jornaleiro que grangeava o quintal. No fim do mez, mandava-lhe entregar o seu ordenado, e examinava a escripturação singela das linhaças, dos citratos e das mostardas.

Dyonisio denotava profundas alterações organicas na parcimonia dos alimentos. O seu jantar volvia quasi intacto. Dizia a criada á ama que o *patricante estava escanifrado como um étego, e não comia tanto como isto;* e, dizendo, mostrava a unha gretada das ulcerações d'um panaricio erysipelatoso.

Thomazia adivinhava-o, aborrecia-o e quasi que o adiava. Algumas vezes por entre as cortinas da janella, quando contemplava cheia de lagrimas os sitios do quintal mais predilectos de Vasco, via o boticario reclinado no escabello da gruta, com a face reclinada na palma da mão, e os olhos na vidraça do quarto. Retrahia-se como se elle a visse, e dava um estalo tirado com a lingua do ceu da bocca,— a trivial expressão com que se esconjura um estafador e se enxotam os cães.

A creada velha que conhecia o animo da senhora, e sagazmente penetrára na causa do fastio de Dyonisio, já quando o via no pomar, ia dizer á ama:

— Lá está o estupor.

Esta mesma criada foi inconscientemente a portadora de uma carta inclusa no rol mensal das drogas entradas e sahidas.

— Que é isto?! — exclamou Thomazia, vendo a carta fechada com tres obreias amarellas, symbolicas da desesperação.— Elle deu-lhe esta carta?! e vossê recebeu-a?...

— O' menina, mal haja eu, se sabia que o diabo do homem...

E justificou-se plenamente.

Ao primeiro assomo de raiva, quiz rasgar a carta; depois, resolveu devolver-lh'a fechada e despedil-o; mas n'este conflicto entrou o abbade de Pedraça que ia convidar a comadre para assistir ao jantar de annos de sua irmã.

A mãe de Alvaro, em quanto o padrinho acariciava o pequeno, referiu-lhe o caso. O padre sorriu-se, deu pouco pezo á calamidade, e aconselhou que, em bons termos, devolvesse a carta fechada com as seguintes palavras escriptas no verso do sobrescripto: *Em quanto lhe servir o emprego que honradamente occupa na minha casa, peço-lhe que me respeite.*

E, motivando esta conceituosa e laconica intimação, o abbade allegou que Dyonisio era um optimo pharmaceutico, o unico que sabia chimica e botanica n'aquelles sitios; que muita gente o preferia ao medico Ferreira — hoje famoso clynico no Porto, e

então medico de partido em Basto — que as suas pastilhas das lombrigas estavam acreditadas em toda a provincia, e que tinha curado as alporcas a varias pessoas. Disse mais o abbade que sabia que um cirurgião da Ponte-de-Pe lhe offerecera 200$000 réis, cama e meza e roupa lavada para lhe administrar a botica paterna, e além d'isso o quinto nos interesses, e metade nas invenções, obrigando-se o cirurgião a propagal as. Posto isto, concluia que, se Dyonisio, irritado pelo desabrimento de Thomazia, se despedisse, a botica se devia considerar perdida, por falta de tão habil pharmaceutico.

— Não me dá outras razões mais fortes, meu compadre? — perguntou Thomazia.

— Ainda as quer mais fortes?...

Ella então chamou a criada, e disse:

— Entregue esta carta a esse homem, e diga-lhe que eu o despeço.

— Que faz, comadre! — atalhou o abbade.

— Se não fizesse isto — respondeu ella moderadamente, sem attitudes — devia ter acceitado o cazal do Paço que me dava o pai de meu filho.

— Mas... — volveu o compadre — a senhora tem a certeza de que essa carta lhe faz alguma affronta?

— Pois que é isto, senão uma affronta? A' mulher, na minha posição, abandonada, com um filho, que dirá a carta de um homem?

— Pode ser, e é talvez certo, que elle queira ser seu marido...

— Olha o estupor! — interrompeu a criada com o mais desdenhoso orgulho.

O abbade surprehendido pela exclamação, abriu

uma risada inopportuna, em quanto a criada continuava:

— Que procure fôrma do seu pé!... Sempre é muito asno! um moço de botica atrever-se...

— Vá! — ordenou Thomazia com intimativa; e, voltando-se para o compadre: — Não lhe dê cuidado a minha sorte, meu amigo; mas peço-lhe que teem vista a de meu filho. Confesso-lhe que sou mais fraca do que eu pensava. Olhe... tenho chorado muito; passo aqui noites tão crueis, tão atormentadas, que se não fosse esta creança... eu conheço os venenos... tinha descido á btica, e a trôco de uma agonia de poucos minutos, descançaria d'esta horrivel batalha com que não passo... Não posso mais... E' o amor e o remorso a despedaçarem-me. Vejo o pai d'este infeliz, vejo a sombra de meu velho pai...

E, afogada pelos soluços, arquejava com o rosto apertado nas mãos.

*

* *

O abbade previra com juizo.

Dyonisio Jose Braga, recebido o recado pela criada, que se excedeu — por estar offendida na insidiosa recovagem da carta — enfardelou a sua roupa em um caixão de lata, e exigiu uma declaração abonatoria de sua honradez. Lavrou-a o abbade, e Thomazia assignou-a.

Depois, o padre desceu á botica, e disse ao pharmaceutico, por entre coisas agradaveis, que elle de-

vêra ter respeitado o melindroso infortunio de uma senhora que inspirava mais compaixão que amor.

E então Dyonisio, n'uma explosão de raiva ironica, perguntou ao abbade:

— E que lhe inspira ella a v. s.ª?

— A mim? amisade e respeito: o que póde inspirar a um saccerdote dos meus annos.

— Conte-me lérias, sr. abbade — retorquiu o outro com sarcastica brutalidade.

O padrinho de Alvaro, que tinha cincoenta e sete annos fortes e sangue turdetano nas veias, sentiu na espinha dorsal um formigeiro extraordinario, e ainda olhou para a mão do almofariz; porém, sotopondo o brio do fidalgo á paciencia de padre chrstão disse-lhe com violenta brandura:

— Vá com Deus: e... vá com Deus!

Dyonisio, nos lances apertados de sua vida de amores perigosos, só levou pancada quando não pôde esquivar-se pela porta da prudencia, e até pela janella, conforme a necessidade. O semblante do clerigo e o tregeito diagonal dos olhos ao almofariz tocaram-lhe na costella fracturada em Villar de Frades; pelo que, abafando as coleras, prometteu esvurmal-as com resalva das costellas sans.

N'esse mesmo dia funccionou na pharmacia da Ponte-de-Pé, e divulgou que sahira de Agilde em consequencia dos ciumes do abbade de Pedraça. Os cavalheiros da localidade, sequiosos de escandalos, propalaram a calumnia, e confirmaram o boato de que elle, o hypocrita, já havia mandado para o Brazil um filho, que lá na Residencia era conhecido pelo *Alvaro engeitado.*

— Que eu conheço perfeitamente — disse um cavalheiro do Arco — Esse rapasola esteve em Pedraça no anno passado, e ouvi dizer que casara muito rico no Rio de Janeiro; mas lá diziam que o padre era padrinho.

— E' pai — confirmaram todos.

E cada qual fez o seu relatorio de devassidões de padres. Um dos relatores era o já celebrado poeta de Refojos que, na ausencia de Vasco Pereira, podera repatriar-se, e reassumir as funcções de Juvenal em Cabeceiras. Elle esfregava as mãos, arregaçava um sorriso cheio de ameaças e dentes cariados, e dizia, trincando o charuto, que ia escrever um romance fulminante contra os padres. Foi muito applaudido, e arranjou logo cincoenta assignaturas. Tecendo o enredo, explicou que o ex-frade de Pedraça seria o protagonista, e Thomazia a heroina.

Se os padres escrevessem romances contra os novellistas, quantas obras de execução prima e de primeira verdade nos não dariam! Faça-se o clero romancista, e descreva os padres levados á desmoralisação pelo exemplo das altas capacidades seculares que os arguem de ignorancia. Quando vierem a medir-se n'esse torneio de armas iguaes, então saberemos quantos devassos verosimeis e não tonsurados correspondem a um PADRE AMARO que prende o filho a uma pedra e o afoga com suas mãos. Em quanto, porém, o romance urdir crimes descommunaes, sendo tantissimos os vulgares, não se receia que a litteratura amena faça grandes males.

*

* *

Thomazia fechou a pharmacia, em quanto o abbade contractava no Porto quem a dirigisse. O boticario que veio não tinha mais habilitações que o commum dos praticantes analphabetos. A pharmacia administrada por Dyonisio era nova, fornecera-se de remedios francezes, tinha fundas de camurça, seringas de bomba, e frascos variegados na vitrine de páo-oleo. Os facultativos recommendavam-na. A' botica de Agilde restavam só os freguezes da mostarda, das malvas e da flôr de sabugueiro.

O praticante era imberbe e lorpa; e, como tinha tempo, fazia gaiolas para grilos, e tambem fazia ratoeiras, por não saber fazer colheres. A receita não dava para o ordenado do caixeiro.

Aconselhou o abbade á comadre que traspassasse a botica, alugasse a casa, e fosse para Pedraça. Annunciou-se o negocio nas gazetas do Porto. Dyonisio dava gargalhadas na pharmacia da Ponte-de-Pé, quando leu o annuncio, e disse que não queria a botica pelo carrêto, asseverando que as drogas eram anteriores á invasão dos francezes. Não mentiria muito.

O abbade já sabia que o calumniavam, e diffamavam a pobre mulher á conta d'elle. Queria soccorrêl-a, mas com delicadeza, e cautella. Não sabia, porém, como tirar-se d'esta difficuldade.

Um dia, Thomazia, resolveu-a: foi á Villa do Arco, onde tinha um parente. Allugou uma cazinha,

e annunciou-se mestra de meninas. Quando o compadre o soube, já ella estava installada, e exercia o professorado com seis educandas. O abbade, com os olhos humidos de lagrimas, disse-lhe que ella era uma alma rara, e que tinha virtudes tamanhas que até a sua fragilidade parecia um acto meritorio, por que da queda procediam tão nobres procedimentos. O que elle fez, melhorando-lhe a vida, foi conseguir-lhe a nomeação de mestra-regia.

Tinha muitas prendas de bastidor a filha de Macario, escrevia bem e orthographicamente, aprendera historia nos compendios de Vasco e nos romances. Deu-se zelosamente ao magisterio, e chegou a tocar o summo bem de uma vida conformada e serena. As familias do Arco estimavam na, recebiam-a e presenteavam-a liberalmente. A mancha estava delida. Alvaro, o pequenino anjo, parecia pedir indulgencia para a mãe. A calumnia de Dyonisio sumiu-se na obscuridade das grandes infamias. A miudo, o abbade e a irmã visitavam a comadre, e a levavam comsigo nas férias para Pedraça.

*

* *

N'este tempo, Vasco Pereira Marramaque visitou com a esposa as quintas do Minho. Traziam comsigo a primeira filha de poucos mezes. O fidalgo soube em Agilde que Thomazia fechára a botica; e, obrigada pela necessidade, abrira escola no Arco. Teve pena, e más recordações. Lembrou-se da innocente alegria d'aquella rapariga; do bom Ma-

cario Affonso, que o recebia em sua casa e consentia que a filha lhe desse as mais raras flôres; da docilidade e abnegação com que ella o amara; do jubilo com que lhe fallava do filho; a morte do velho longe da filha e do seu leito, desterrado voluntariamente; o desinteresse da mulher sem reputação nem bens da fortuna; em fim, estas imaginações ali, n'aquella casa, onde Thomazia estivera, não lhe seriam muito afflictivas, mas eram incommodas. E, com quanto estivessem cortadas as relações com o abbade, não se dedignou de lhe escrever, pedindo-lhe que convencesse Thomazia a receber uma mezada bastante á sua independencia. E, feito isto, ficou contente comsigo, como quem diz: «Sempre sou um Marramaque! Dou-lhe alguns pintos que me não fazem falta, e honro o meu nome.» O ser fidalgo tem isto de bom: quando a consciencia não obriga, obriga o appellido. Peor é quando não ha appellido nem consciencia.

O abbade respondeu com tres palavras: *Thomazia está independente.*

Casualmente encontrou Vasco o primo Abreu de S. Gens. Fallou-se das mulheres conquistadas na mocidade de ambos.

— E a boticaria? — perguntou o bacharel de Refojos.— Já sabes que está abbadessa?

— Abbadessa?

— Sim; passou da botica para a egreja, mas em melhores condições que muitas que vão da botica para a cova.

— Não entendo — volveu o de Agilde.

— *Monsieur, ce n'est pas ma faute*, dizia o Boi-

leau a quem o não percebia. Então não sabes que a Thomazia é mestra de meninas, e é menina do abbade de Pedraça?

— Isso é calumnia! — acudiu Vasco.

— Olha o vaidoso!... Repugna-te crêr que na herança de uma mulher educada pelo teu amor gentilissimo succedesse o velho frade de Tibães!... Pergunta essa historia ao boticario da Ponte-de-Pé...

E contou-lhe o que sabia, convencendo-o. Vasco riu-se muito d'aquelle rir que está todo no machinismo dos queixos e da larynge. Lá por dentro mordia-o o despeito por vêr que um homem de cans e barriga proeminente vingára estancar os prantos de Thomazia que não podia consolar-se do apartamento de Vasco.

— Fortes asnos somos nós, a final! — dizia elle ao primo Abreu. — A gente a cuidar que tem grande responsabilidade porque faz voar estas andorinhas d'um telhado para outro!...

— Ainda ahi estás!... Eu é que me considero sempre o seduzido e me lastimo sinceramente porque ando a fazer saltar da cama as lebres que outros abocam.

E, discorrendo largamente n'este estylo methaphoricamente venatorio, concluiram que Thomazia, em remate da cantiga, era a filha de boticario *pur sang*.

*

* *

A mestra regia ensinava o filho; e, á custa do esforço que faz prodigios, aprendeu quanto ignora-

va e Alvaro devia saber. Quanto á carreira do educando, estava destinada. O padrinho deliberou envial-o a um afilhado que tinha rico no Brazil.

— Foi um engeitado — contou o abbade — que aqui me trouxe a Maria Moisés para eu baptisar. (1) Com aquella labia que ella tem, foi m'o mettendo em casa, e cá ficou o rapazinho. Foi á escola, tinha muita habilidade, e queria ser doutor o meu engeitado. As minhas posses não me davam para tanto. Mandei-o para o Rio. O rapaz sahiu tão honrado, que parecia querer começar em si briosamente a sua geração, visto que não tinha antepassados. O patrão deu-lhe a fiiha e grande dote. Infelizmente morreu-lhe a esposa e um filho. Está rico, mas viva triste. Queria que eu fosse para o Rio, e eu quero que elle venha para a minha companhia. A isto responde que tem medo á ociosidade; que precisa trabalhar e fatigar-se para dormir e esquecer-se. O meu Alvaro irá para o outro que tambem é Alvaro; eu direi a ambos que se amem como irmãos.

Thomazia escutava-o lagrimosa; mas não contrariava o alvitre do abbade. Alvaro era pobre. A casa de Agilde nem inquilino tinha. A botica era um fóco de cheiros maus e aziumados a vaporarem dos velhos frascos de louça amarella desvidrada. Nos gavetões medicavam-se impunemente os ratos roendo as hervas e olhando com o maior cynismo para o frasco do arsenico. O archanjo S. Miguel com as

(1) A proxima *Novella* dará ampla noticia de Maria Moisés.

côres perdidas, envolvia-se em filagranas da teia de uma aranha de barriga preta, que prendia uma das orlas da telilha nas pontas do diabo, e a outra no capacete do anjo. Nos pratos da balança haviam-se passado phenomenos execraveis. As aranhas femeas, depois de acariciadas, comiam alli os maridos, consoante o seu mau costume: viam-se nas conchas de latão os restos mortaes dos aranhões. A botica esquecera, excepto aos garotos que enfiavam calhaus por uma fresta, e regalavam se de ouvir lá dentro o tinir das pedras no bojo das garrafas.

Portanto, o filho de Vasco Pereira Marramaque era um menino pobrissimo, que o amor maternal não devia esquivar ao trabalho e ao destino que o padrinho lhe talhára. Aos doze annos, o pequeno abraçava-se na mãe, e pedia-lhe que não o deixasse ir para o Brazil. Dizia elle que ia morrer, porque era muito fraco. Na verdade, aquella creança bebera no leite da mãe as lagrimas que ella reprezára. Crescera tolhiço, magrinho e pallido, como os filhos das casas opulentas e velhas raças. Fatigavam no os estudos, tinha escuridões subitas de entendimento, e cahia em somnolentas abstracções. Dizia então a mãe ao compadre:

— Este menino vae morrer.

O abbade não fazia cabedal d'estas prophecias, mas prophetisava tambem:

— Alvaro, dentro em poucos annos, virá rico para a patria.

— Rico! para que?... Trouxesse elle o bastante para a sua subsistencia... Com tão pouco se vive! E se lhe dessemos um officio?

— Sapateiro? E' natural que fosse o primeiro na geração dos Marramaques, posto que dizia meu avô que conhecera a trisavó d'este senhor de Agilde palmilhando chinellas em Lanhoso. Ainda assim não se renove a vergontea dos sapateiros n'este illustrissimo tronco. Bem bastam os que hão de vir quando os vinculos forem abolidos...

A abbade de Pedraça, sobre ser genealogico de farpada lingua, era discursivo em cousas sociaes quando a comadre se mostrava complacente em ouvil-o; mas, n'este caso, a sua manha era distrahil-a das lastimas, e ir contemporisando com o amor de mãe.

Escrevera elle ao afilhado do Rio prevenindo-o de que estava educando um outro Alvaro para lh'o entregar, e contava-lhe sentimentalmente a historia d'esta creança sem pae. O brazileiro não respondeu; veio pessoalmente buscar o seu promettido filho. «Sê tu pae d'elle» dissera-lhe o padrinho.

Thomazia ganhou animo quando viu o protector do seu Alvaro. Era um homem de vinte e seis annos, com o rosto carregado das sombras de uma tristeza maviosa, dulcificando as palavras amargas com o sorriso da resignação.

— Sou muito doente — dizia elle — mas, se eu morrer, seu filho, minha senhora, voltará para sua mãe com bastantes recursos. Póde confiar m'o; amal-o-hemos todos tres. Imagine que eu, magoado com a abnegação de meu padrinho — que nunca me permittiu dar-lhe meio por mil dos meus haveres — quero vingar-me em beneficiar este seu afilhado. Eu tenho no coração muito amor sem destino. Não

amei pae nem mãe. Tive esposa e filho. Todo o amor que lhes consagrei está para ser dado a um ente que não seja esposa ou filho, porque essa felicidade não se repete.

*

* *

Alvaro Affonso da Granja sahiu do Arco para o Rio de Janeiro em 1863. Ia nos doze annos.

O brazileiro tinha propensões desacostumadas nos homens gravidos e pezados de dinheiro. Procurava atar os elos da realidade ás commoções da vida idealisada nas novellas. Em Lisboa, quiz ir ao parlamento para vêr o recentissimo visconde de Agilde, o pai do seu pupillo. Entrou na galeria do povo com o menino. Perguntou a um visinho:

— Faz favor de me dizer qual d'estes deputados é o visconde de Agilde?

— E' aquella besta que acolá está fallando com outra besta...

E citou o nome da outra, que eu delicadamente não repito, se bem que não receio que ella me leia.

Alvaro não tinha de memoria a classificação zoologica d'aquellas especies parlamentares. Veio, porém, a saber que o visconde de Agilde era um sujeito de bigode encerado, luneta de um vido, calvo, de feições duras, trigueiras e descarnadas.

— Elle pediu a palavra — notou o informador, e continuou: — Quanto quer o senhor apostar que o visconde diz tres asneiras em duas palavras?

— Não aposto, porque já ouvi dizer quatro — respondeu Alvaro.

— Então o senhor, por mais que me digam, é do Porto, e conversa com os janotas do Suisso? Espere, lá vae o javardo grunhir.

O visconde, d'esta feita, deixou desairado o critico que era da opposição. Ora este critico era aquelle poeta de Basto, que projectava romancear o abbade, e conseguira ser correspondente politico de um jornal portuense.

O visconde pedia estradas no Minho. Disse com soffrivel pronuncia ingleza que Braga era um dos nossos *rotten-boroughs*, (burgos-podres) dos quaes o governo não fazia caso. Disse que Basto estava encravado entre serras intransitaveis. Perguntou ao presidente se estavamos na idade media.

— Vê o asneirão? — observou o de Refojos — Pergunta se estamos na idade media.

— Deixe ouvir, se faz favor.

O orador observou que nas trevas da idade media o rico-homem dispensava estradas, por que vivia circumscripto no seu solar torreado, sem fazer parte do systema arterioso da nação.

— Que burro! — observou o correspondente do *Nacional*, tomando notas — que dois burros é aquelle homem!

O discurso acabou de repente, quando começava a ter graça. O orador, perorando, repetiu que o Minho sem estradas era o melhor membro da nação, mas gangrenado, putrido, paraplegico.

— Onde mora o visconde, sabe dizer-me? — perguntou Alvaro.

— Em Andaluz, no palacio do conde de Cabril. O senhor é pretendente?

— Nada. Sou brazileiro.

— Ah! Quiz-m'o parecer no sotaque... Provavelmente é do Minho, e quer comprar ao visconde alguma das quintas que lhe restam... Se é isso, vá, que eu sei que elle perdeu em casa do marquez de Niza 500 libras a noite passada... Está ali está sem nada. Teve oito contos de renda ha dez annos; hoje não tem tres e tem seis filhos.

No dia seguinte, os dois Alvaros passeavam no largo de Andaluz; e, quando viram sahir de uma cocheira o coupé que entrou no vasto portico do conde de Cabril, avisinharam-se do pateo.

O filho de Thomazia era de todo estranho ás excentricidades do seu amigo, quando este lhe disse:

— Vaes ver teu pae...

— O sr. Vasco de Agilde? — perguntou o menino.

— Sim, o visconde...

— Elle não é visconde — emendou Alvaro.

— E' visconde desde antes de hontem.

Entraram, quando o deputado reeleito descia a escada com um pretendente de cada lado e dois no couce. Elle vinha coberto, com o paletó alvadio no braço, e um charuto apertado entre os quatro dentes incisivos. Parecia vesgo por causa da luneta pensil de um só vidro sem aro que o obrigava a convergir estrabicamente o olho esquerdo. Resmoneava uns monosyllabos, e dava aos hombros, escutando com fastio um dos importunos.

Quando viu o desconhecido ao lado da carruagem, perguntou, gesticulando de fórma que os pretendentes sahiram:

— Que pretende o senhor?

— Cumprimentar v. ex.ª pela energia do discurso que hontem tive a fortuna de escutar, pois que, tendo eu sido creado em Basto, muito me congratulo com os meus conterraneos tão distinctamente representados.

— Obrigado... Faço o meu dever — respondeu o visconde com agraciado aspeito.

— E ao mesmo tempo, ex.mo senhor, na minha passagem para o Rio de Janeiro, onde resido, tenho a honra de deixar o meu nome lembrado a v. ex.ª, para que se um dia, se abrirem estradas em Basto, v. ex.ª me considere tributario de 12 contos de réis para esse grande impulso civilisador.

— Oh! — exclamou o deputado — é muito louvavel patriotismo! Aperto-lhe a mão de patricio, e lamento que Portugal esteja tão escasso de homens da sua tempera. D'onde é?

— Fui creado em Pedraça, sr. visconde, sou afilhado do sr. frei Alvaro.

— Ah!... do abbade... Como passa elle?

— Robusto ainda com os seus 64. Recordo me de ver a v. ex.ª, quando em menino estudava logica com meu padrinho.

— Sim?

— Perfeitamente me recordo; e v. ex.ª talvez se lembre de um rapazito que lá chamavam o *Engeitado*...

— Tenho uma idéa de um pequeno que subia ás cerdeiras e nos deitava cerejas...

— Era eu.

— O senhor?... Então enriqueceu? Muito folgo... E este menino é seu filho?

— Não, senhor - respondeu Alvaro a meia voz — Este menino é filho de v. ex.ª

O visconde fez dois gestos indecisos entre a surpreza desagradavel e o receio de que os lacaios escutassem.

— Vae commigo para o Rio — proseguiu o brazileiro — e, como a morte por lá é mais frequente, não quiz eu que elle, tendo de morrer na flôr dos annos, fosse d'este mundo sem conhecer seu pae. Eu aprecio muito este lance, porque fui engeitado.

O menino fitava como assustado o rosto do visconde, que tambem o encarava attentamente.

N'este ponto, vinha descendo a viscondessa com tres meninas, clamando com vozes argentinas que retiniam na amplidão do pateo:

— Ainda ahi estás, Vasco? Leva-nos comtigo até ao Chiado.

— Sim, filha — disse o marido; e voltando-se para o brazileiro: — Procure-me em occasião mais opportuna.

— Sr. visconde, recebo as suas ordens agora — disse Alvaro, recuando com o menino pela mão. — A'manhã sahimos no paquete, e não ha razão para que eu torne, visto que o meu intento era simplesmente comprimentar v. ex.ª

A viscondessa estava já ao lado do marido, olhando para o pequeno, quando Alvaro se despediu cortejando-a.

— Quem é? — perguntou ella.

— Um brazileiro de Basto.

— O pequeno é galante. Parece-se com o nosso Heitor. Não achas?

— Não reparei.

D'ahi a minutos, dizia-lhe Leonor:

— Vaes tão calado e triste! Que tens tu, Vasco?

— Que heide eu ter, filha?... E' o demonio da politica...

— Estavas tão alegre ao almoco... Ah! uma cousa... Dá-se baile nos annos da Piedade?

— Responderei á tarde. Ainda não sei se o banco de Portugal me reforma a lettra dos cinco contos...

— Mas eu já escolhi o meu vestido e os das pequenas.

— Se escolheste os vestidos, nem por isso é obrigatorio o baile.

— Sim... — redarguiu a viscondessa com disfarçado despeito. — Em todo o caso, não digo nada, por emquanto, á prima Penafiel, nem á prima Ponte que mandaram saber...

— Sim, não digas nada.

— Mas é exquisito...

— O que é exquisito, Leonor?

— Que se fallasse n'isto na *soirée* do primo Fronteira...

— Quem fallou não fui eu.

— Consultei-te primeiro.

— Em summa, Leonor — concluiu o visconde com desabrimento — pela vigesima vez te annuncio que estou mal de fortuna, que em vendendo cinco quintas que me restam, a casa de teu pae volve á miseria antiga.

— Á miseria! essa é boa! eu nunca soube o que era miseria... Que delicadeza tão provinciana!...

Pára! — bradou ella ao trintanario, á entrada da rua do Ouro, e saltou do coupé com as filhas.

A mais velha, Maria da Piedade, perguntava baixinho á mãe:

— O' mamã, o papá disse que nós estavamos na miseria?

— Não, tola.

*

* *

Quem vira Leonor de Mascarenhas, no solitario e caduco palacio de Andaluz, dez annos antes, modesta, paciente, sem invejas, escusando se com os achaques do pae, quando a convidavam para a sala ou para o camarote; disfarçando com o amor filial a mingua do vestido, do chapeu e dos somenos atavios que as filhas das creadas de seus avós esperdiçavam; — quem prediria então que aquelle anjo meigo do lar, assim que respirasse o esbrazeado ambiente das salas, queimaria as azas, e em vez d'ellas se faria uns voadouros de brilhantes farrapos para esvoaçar-se ao ponto culminante da elegancia, do fino gosto, da bella extravagancia, do renome de figurino?

Nos primeiros annos era o marido que a instigava envaidecido da primazia que os localistas lhe decretavam, especialmente o *Agapito;* depois eram as amigas invejosas que a rivalisavam apanhando de salto o segredo das modistas mais a ponto informadas do ultimo baile do Louvre; por fim, quando Vasco Pereira cheio de melindres lhe disse a medo que os filhos eram já muitos e os rendimen-

tos desfalcados com a exorbitancia do luxo, Leonor já não podia entregar-se vencida ás suas competidoras, e consentir que a modista divulgasse que a rainha dos bailes abdicára por falta de quatrocentas libras annuaes em que o seu reino estava tributado no balcão da suzerana Lavaillant.

No transcurso de dez annos, a grande casa dos Marramaques adelgaçara-se por maneira que não rendia o lucro dos capitaes levantados no banco de Portugal e no Hypothecario. Os dois irmãos de Leonor exercitavam o communismo em familia, e o conde de Cabril presenteava o principe proscripto com os dinheiros do genro, consentindo todavia que no palacio de Andaluz se pensasse liberrimamente em politica. Os filhos tresandavam a cocheira e republica, promettendo esfaquiarem os burguezes com vehemencia tal de palavras iracundas que pareciam os dois Gracchos; o genro bamboava-se na redouça de todas as seitas liberaes á espera de cair uma vez sobre a pasta da marinha; quanto ao conde, a Russia movia-se, e não dizia mais nada. Estava idiota, e fazia a côrte ás amas de leite dos netos.

O dinheiro de Vasco Pereira cicatrisára umas ulceras e fizera repercutir outras peores. Elle, por sua parte, lançou-se no jogo como financeiro. Estreiou-se com felicidade n'aquelle systema de supprimentos á quebra das rendas. Teve noites cheias na banca do conde de Farrobo, posto que lhe repugnasse concorrer áquella tavolagem com merciei-ros e comicos, como se no estalão das paixões infames não fossem iguaes todos os homens. Depois, atraiçoado pela fortuna, passou a emparceirar-se

com o marquez de Niza, que esvasiava o estanque das torrentes de ouro que confluiram para elle, atravez de quatro seculos, desde Vasco da Gama; e, navegador audaz do revolto oceano dos vicios, affrontava o cabo da desesperação como seu inclito avô o cabo da Boa Esperança. Releve-se o gongorismo a uma justa indignação!

*

* *

O visconde de Agilde não melhorou com o fallecimento do sogro em 1868, nem com o estabelecimento dos cunhados em alquilarias e carros de transporte. N'aquelle anno o banco Hypothecario absorveu-lhe tres quintas nas margens do Tamega, e reduziu-o a pouco mais de um conto de renda. Agilde era já propriedade de um brazileiro. Elle mesmo gelou de espanto quando assim, aos 44 annos de idade, se viu desvalido com seis filhos, com a importancia politica perdida, desacreditado em todos os grupos por que a nenhum era util nem temivel. Os seus constituintes provincianos preferiram-no — ah! crel-o-heis, Pisões? — preferiram-no áquelle Juvenal de Cabeceiras, ao correspondente do *Nacional*, ao mordacissimo informador de Alvaro, em summa ao versista que principiára a popularidade de Vasco por aquelles dois versos:

O' bardo de Celorico,
Quem te deu tamanho bico?

A viscondessa, á volta dos quarenta annos, caiu em si, e praticou o heroismo de vender as suas joias para pagar dividas ignoradas do marido. Dois filhos do visconde, Heitor e Ruy, eram guardas-marinhas, devassos e caloteiros; o mais novo era pensionista no collegio militar. Havia tres meninas: Maria da Piedade era a primogenita, e orçava por dezeseis annos, quando o visconde deliberou transferir-se para uma quinta nos arrabaldes de Braga.

E partiram.

D. Leonor de Mascarenhas estremeceu quando por entre um carvalhal sem folha, n'uma tarde de vento glacial, em novembro, viu a casa expiatoria onde ia amarral-a a corrente da pobreza. Era um renque de quinze janellas de sacada com portadas vermelhas, peitoril de pau, e caixilhos de vidraças empenados pelo sol e podres da chuva. Por sobre o telhado erguia as suas ameias escuras um simulacro de torre de menagem varada por duas janellas sem portas, mas tapadas por dois molhos de palha painça que, vistos de longe, pareciam homens de borco a precipitarem-se da torre. Estava aberto um postigo do portão de carvalho; o vento sacudia-o contra o batente, e fazia uma compassada e asperrima toada de matraca. No grande terreiro interior corriam espirrando duas cabras espavoridas, e estacavam ás vezes voltando de esconso para os desconhecidos adventicios as narinas fumegantes. Por uma cancella tosca de passagem para a quinta entrava o cazeiro carregado de herva; e, vendo os patrões, atirou o molho sobre um carro com o cabeçalho ao alto, desbarretou-se, coçou-se e disse:

— Isto por aqui é novidade!

O visconde, para não desdizer da desordem dos seus habitos, nem avisou o cazeiro, nem perguntou se a casa da quinta ainda estava de pé.

Entraram na sala de espera. E' como quem entrava na casa da neve nas Rodas do Marão. O coração tremia de frio. As tres meninas olhavam espavoridas para a mãe, aconchegando os capuzes das capas ao rosto. O vento assobiava mugidos nas cavernas dos forros; dois enormes ratos atravessaram a vasta quadra, velozes e de facinho baixo, como dois vadios de boa familia que passaram a noite em orgia, e foram sorprendidos pelo sol alto. Leonor sentou-se em um escano de espaldar brazonado, e não pôde ter as lagrimas. O marido, esquivando-se áquelle espectaculo, passou para o interior da casa, ao passo que o cazeiro ia abrindo as janellas.

Pouco depois, chegaram alguns carros de bahus e mobilia, com creados, que ajuizavam assim dos dominios senhoriaes do patrão:

— Que diabo de casa é esta? Aqui ha lobos!

O escudeiro dizia que não matára ninguem para se sujeitar a tal degredo. A cosinheira, vendo a primeira sala, exclamou:

— O que não será a cosinha!

Esta crise foi-se modificando a pouco e pouco. Parte da casa foi reparada e confortavelmente trastejada. Uma das salas tinha um fogão antigo com columnas de bronze, mandado vir de Italia por D. José de Menezes, arcebispo de Braga. A viscondessa e as filhas passaram ali quatro mezes, chorando sempre as lagrimas azedas que o fumo da

lenha lhes estillava dos olhos. O visconde passava os dias na cama, lendo os jornaes da opposição e fumando charutos de vintem com magnanima coragem. Seis mezes depois, embranquecera-lhe o bigode, refegaram-se-lhe as palpebras, e espaparam-se-lhe os musculos faciaes.

Maria da Piedade era a sua filha adorada que o acariciava e de mãos postas lhe pedia que tivesse paciencia. Imaginando que o pae envelhecia e definhava na soledade do seu quarto, pediu lhe licença para lhe comprar, com o producto das suas poucas joias, um cavallo que o levasse a passeios.

— De que me servem estas pulseiras e estes broches que me deu a madrinha Lavradio? — dizia ella. — Mande-os vender, meu papá, e compre um cavallo. Depois, se tornar a ser rico, dê-me outras joias, sim?

Elle estreitava-a febrilmente ao coração, e murmurava:

— Como eu vos desgracei, meus queridos filhos!

Maria da Piedade ameigava-o com pueris carinhos e dizia-lhe:

— Não tenha pena de nós que ainda podemos ser muito ricos.

— De quem esperas tu a riqueza?

— A riqueza é não precisar d'ella, meu papá; não sei onde li isto...

*

* *

No anno seguinte, o visconde de Agilde foi a Basto

a fim de demandar uns foreiros remissos de Chaves e terras de Barroso. Raposa aos grilos.

Hospedou se na villa do Arco, e lembrou se que devia estar ahi Thomazia, a mestra de meninas. Perguntou por ella ao seu procurador.

— Ha seis annos que essa pessoa sahiu de cá — esclareceu o procurador. — Não sei se v. ex.ª sabe que ella mandou o filho para o Brazil...

— Sei.

— Levou-lh'o o Alvaro Engeitado, um capitalista que...

— Bem sei.

— Depois, quando o abbade de Pedraça morreu, a Thomazia que era para elle como se fosse filha, apezar do que dizia o patife do boticario da Ponte-de Pé — que já o levou o diabo com um tiro que lhe deu o irmão da Russa de Gandarella, uma linda moça que o malandro seduziu...

Como lhe faltasse a respiração e a grammatica, o procurador tomou folego, e, começando oração nova, continuou:

— A Thomazia cahiu doente, esteve a tocar em thysica, veio cá o filho, levou-a comsigo para o Brazil, e para lá foi, vae em seis annos. Já depois que lá está, mandou uma doação da casa de Agilde a uma creada velha, e tem mandado esmolas a varias pessoas. Ouço dizer que o filho tambem está rico como um porco, porque é socio do outro. E' o que consta.

*

* *

Temos que accrescentar a estas informações que Alvaro Ribeiro, socio de Alvaro Affonso da Granja, falleceu em 1869. Um dos seus legatarios e testamenteiros foi o filho de Thomazia. Liquidada a parte do socio, que avultou a duzentos contos — cifra que ninguem hoje em dia reputa riqueza — Alvaro Affonso começou a sentir a infinita tristeza da doença que fere todas as fibras e as vae matando uma a uma, minuto por minuto. Não tinha ainda vinte e dois annos. A mãe perguntava a Deus se do fundo do seu calix de expiação havia de beber ainda a ultima lagrima do filho moribundo.

A medicina mandou o enfermo a ares patrios. Era uma esperança, que se figurou á pobre mãe remedio seguro. Em março de 1870 desembarcaram em Lisboa. Era primavera, não a dos poetas, mas a primavera de Portugal, fria e nubelosa. Alvaro Affonso tiritava e aquecia o rosto com as palmas ardentes das mãos.

Alugou e mobilou casa em Lisboa. Thomazia não mostrava desejo de voltar ao Minho. Passeavam em carruagem. A mãe gostava do arvoredo do Campo Grande. Lembrava-lhe Agilde, os castanheiros seculares da quinta de Vasco, as avenidas fechadas de alamos. Tambem o via a elle, no rosto do filho, quanto póde similhar-se um moço alegre e saudavel a outro de olhos mortiços orlados de manchas azues que davam relevo aos ossos. E afas-

tava-se de Alvaro, a fim de embeber as lagrimas.

Um dia desceram a pé a travessa dos Carros. Alvaro, no largo de Andaluz, parou defronte de um palacio. Reconhecera o pateo da casa em que vira o pae. Lá estava um coupé á porta, como onze annos antes. Estremeceu. Ia ver, segunda vez, o pae. Passados minutos, viu entrar no trem um homem baixo, sobre o redondo, com oculos de ouro, e duas grossas cadeias no collete de velludo azul ferrete. A mãe sentára-se em um banco assombrado por uma arvore enfezada, que a Flora phantasiosa dos lisboetas chama o jardim de Andaluz.

— Não morará elle aqui já? — pensou Alvaro Affonso.

O sujeito dos oculos disse ao cocheiro:

— Vamos em casa do sr. visconde da Gándárinha, heim? e passa vóssê no Chiado onde comprei o guarda-lama e pede elle, heim?

Era lingua de brazileiro, sem duvida nenhuma.

Ficou á porta o guarda-portão em mangas de camisa e collete de listas amarellas e escarlates. Alvaro perguntou-lhe:

— Quem mora n'esta casa?

— E' o sr. commendador Barcellos.

— E' d'elle o palacio?

— E muito d'elle: comprou-o ao visconde... visconde não sei de quê...

— De Agilde?

— Isso.

— Onde está esse visconde, sabe?

— O bolieiro que ali vae no nosso coupé foi d'elle. Acho que o visconde está lá para o Minho.

Esta casa foi-lhe penhorada e vendida em praça. Deu cabo de tres milhões o tal banaboia.

— Obrigado — disse Alvaro, chamou a sege, e foi buscar a mãe pelo braço.

— Que estavas tu a conversar com aquelle criado? Pareces-me mais pallido!

— Não, minha mãe; como me pareceu conhecer o homem que entrou no coupé fui perguntar-lhe quem era.

Até aos dez annos, Alvaro lembrava-se de ter ouvido sua mãe fallar de Vasco, em conversação com o abbade; mas nem no Brazil nem em Lisboa lhe ouvira proferir tal nome, nem lhe occasionava modo a que elle satisfizesse uma dolorosa curiosidade.

Thomazia lia o *Jornal do Commercio* e sob a epigraphe *Má estrella* viu a noticia da prisão de D. Tello Mascarenhas, por ter anavalhado um fadista na taverna do Dá-Fundo. O localista accrescentava: *Ha fatalidades inexplicaveis. O conde de Cabril, egregio fidalgo dos arraiaes legitimistas, teve tres filhos. Um, D. Nuno, morreu ha dois annos da marrada de um touro no Cartaxo; a filha, D. Leonor, que reinou nos salões do seu tempo, casou com um provinciano perdulario que esbanjou o seu e o alheio: escusamos nomeal-o. O terceiro entrou hoje no Limoeiro, e ali esperará monção de passar á Africa entre matadores da sua tempera. Os avós de D. Tello tambem iam para a Africa, mas na qualidade de governadores como D. Fernão Mascarenhas em 1480, D. Jorge Mascarenhas em 1622, e D. Fernando Mascarenhas em 1628.*

Thomazia relia a noticia, com o rosto coberto de lagrimas.

— Que é, minha mãe? — perguntou Alvaro, curvando-se sobre o hombro d'ella.

— Ahi tens, lê!... Deus é severo com todos os culpados... Ahi verás o que o mundo pensa... de teu pae.

E, levantando-se, foi a soluçar para o seu quarto.

Passados instantes, Alvaro entrou serenamente na alcova, poz a mão amoravelmente no hombro da mãe, e disse-lhe:

— Se houvesse um meio delicado de eu soccorrer... meu pae!...

Ella, apertou-o ao seio, beijou-lhe com arrebatamento as faces, e balbuciou:

— Abençoado sejas tu, meu anjo, meu adorado filho!... Vinga, vinga tua mãe!

*

* *

Era abril.

O visconde de Agilde assistia aos trabalhos de jardinagem de sua filha Piedade. A viscondessa, sempre a tremer de frio com as mãos forradas em um regalo velho e esfumado, não sahia do fogão. As outras meninas polkavam de chinellos em uma grande sala, cantarolando a musica, muito esbofadas e vermelhas. Paravam ás vezes abraçadas, e achavam-se ridiculas.

O visconde e a filha viram apear de um garrano, na testada do portão, um sujeito mal entrajado.

— Quem é aquelle homem? — perguntou Piedade.

O pae entalou a luneta no olho direito, e disse:

— Algum foreiro dos executados que vem pedir espera, talvez.

Aproximava-se o adventicio com o velho chapeu de felpo na mão.

— Jesus! — exclamou Piedade — que parecenças elle tem com o mano Heitor!...

— Quer alguma cousa? — perguntou Vasco Marramaque no tom usual e impertinente d'estes interrogatorios.

— Alguns minutos de attenção, se v. ex.ª m'os concede.

— E' sobre negocio de foros?

— Não, sr. visconde.

— Suba. Ficas, Piedade?

— Fico, papá — e não desfitava os olhos do moço que tinha o rosto e o timbre de voz do mano Heitor.

O visconde subiu o escadoz que levava á sala de espera. Alvaro seguia-o. Passou o fidalgo a uma segunda sala, e, entrando primeiro, disse:

— Entre.

Quando entrou, já Piedade, pé ante pé, atravessava o salão, e cingia-se escutando.

— Escutar! porque? — pergunta a discreta e positiva leitoro. — Presentimento mysterioso?

— Não, minha senhora; simplesmente curiosidade na aldeia que é capaz de nos fazer andar, para encher tempo, a escutar por portas o que dizem os visinhos.

Eis o que ella escutou:

— Devo dizer a v. ex.ª o meu nome: chamam-me Alvaro Affonso da Granja; sou filho de Thomazia Affonso, de Agilde.

O visconde não se descompoz, não esbugalhou os olhos, nem expediu os *ahs* aspirados dos grandes espantos.

— Bem... — disse elle — é um pequeno que foi para o Brazil...

— Ha onze annos. Tive então a honra de ser apresentado a v. ex.ª por Alvaro Ribeiro...

— Recordo-me.

— Fui infeliz. Uma doença pertinaz, resultante da constituição fraca, não me deixou trabalhar. Voltei pobre e doentissimo. Disseram-me os medicos que talvez ares patrios me restaurassem. Estou na patria, mas careço de meios com que possa tratar-me. Venho, pois, pedir um favor a... meu pae... Não sei se v. ex.ª consente que eu lhe dê este nome...

— Não nego que sou seu pae — respondeu o visconde com fina e placida naturalidade. — Que posso eu fazer em seu beneficio?

— Permittir-me que eu convalesça ou morra na sua companhia — volveu Alvaro soffreando o transporte do contentamento.

— Na minha companhia é impossival. Creio que sabe que sou casado e tenho filhos.

— Sei.

— N'esta casa não ha a felicidade que chamam fortuna, nem sequer a outra que chamam paz. Sou infeliz, ter-lh'o-hão dito; infeliz em todos os

sentidos. Desejo, porém, concorrer para o seu restabelecimento com os meios escassos de que disponho. Está em Braga?

— No Bom Jesus.

— Em hospedaria?

— Sim, senhor.

— Lembro-lhe que no hospital de S. Marcos ha quartos particulares com excellentes medicos e optimo tratamento. Eu escrevo a meu primo Magalhães, que é o provedor da Misericordia, e responsabilisome pelo pagamento.

— Obrigado a v. ex.ª, mas não venço a repugnancia que me fazem hospitaes.

— Pois então, conserve-se onde está — volveu seccamente o visconde. — Em todo o caso, se eu fizer pouco em seu auxilio, creia que não posso fazer mais.

Alvaro não sentia os raptos que nos dramas desenlaçam situações analogas. A verdade é pouco dramatica. Elle queria desfigurar-se subitamente, manifestar-se rico, sem phrases arredondadas de antemão.

Premeditára o que quer que fosse na hypothese de ser bem ou mal recebido; mas o gélido socego com que o pae lhe fallava impunha-lhe moderação no artificio dos arrebatamentos filiaes. De mais a mais enganara se, cuidando que o sangue dos filhos, na presença dos paes, golphava áquellas tempestades que os dramaturgos levantam nas scenas do reconhecimento. Sentia-se a fallar com aquelle pae como com qualquer outro visconde. Se Alvaro fosse crendeiro até á parvoice, duvidaria se

com effeito Vasco Pereira era seu progenitor, visto que a natureza não gritava.

O visconde, proferidas as ultimas palavras, dera tento que era escutado. Suspeitou da viscondessa. Ergueu-se de impeto, e foi á porta. Viu Maria da Piedade.

— Escutei, escutei, papá; peço-lhe perdão — disse ella, entrando. — O meu papá disse ainda agora que era infeliz em todos os sentidos. Não me queixo; mas esqueceu-se de mim... Já me tem dito que eu sou a sua consciencia, e a sua vontade... Pois então, se sou a sua vontade, deixe ficar seu filho n'esta casa...

— E' impossivel. Não conheces o genio de tua mãe?

— Não se diz á mãe quem este senhor é; diga-lhe que é filho de um seu cazeiro da quinta de Arnosa. Conhece-se que está muito doente — dizia Piedade olhando compadecidamente para o irmão. — Quando o mano Heitor veio do Cruzeiro vinha assim. Precisa ser tratado com desvelo. Eu encarrego-me d'isso, que sou sempre a enfermeira n'esta casa.

Estas palavras commoveram Alvaro. Sentia agora o coração que estivera atrophiado face a face do pae. Não era a irmã: era a mulher formosa. N'estes conflictos é que a natureza costuma fazer prodigios. Borbulharam-lhe as lagrimas, e disse balbuciando:

— Minha senhora, a sua compaixão e a compaixão de minha mãe ser-me-hiam um divino amparo, se eu podesse viver.

— Tem mãe? — perguntou Maria da Piedade.

— Sim, tenho, minha senhora.

— Ah! tem?! — e olhou para o pae, como a interrogar-lhe mudamente o coração. — E não póde estar com ella... porque são pobres?

Alvaro, abaixando os olhos, fez um gesto affirmativo.

— Deixe estar... — disse ella — tudo se ha de remediar... Está no Senhor do Monte, não está?

— Sim, minha senhora.

— Deixa-me lá ir amanhã, papá? E' um passeio... Vou visitar o meu mano Alvaro... — E estendeu-lhe a mão que elle levou aos labios. — Tem febre!... que mão tão quente! A'manhã conversamos, sim?

— Mas que vaes tu fazer ao Bom Jesus? — interveio o visconde. — Eu sei o que é; mas pódes cumprir o teu desejo sem lá ir.

— Posso; mas, se o papá consente, quero lá ir...

— Vae.

— Que caminho segue v. ex.ª? — perguntou Alvaro Affonso.

— Ora *vossa excellencia!* «Que caminho segue a mana Piedade?» é como deve dizer. Vou d'aqui ás primeiras capellas a cavallo na burrinha do cazeiro; se me parece dou a volta a cavallo; se não, subo as escadas.

— Eu virei esperal-a ás primeiras capellas — tornou Alvaro.

— Pois sim; mas veja lá não se fatigue.

Ouviu-se no interior da casa uma voz aspera, gritando:

— Não se almoça hoje n'esta casa? onde está mettido o sr. visconde e a Piedade?

— Lá vamos, mamã! — respondeu Maria.

Alvaro, apertando a mão do pae, beijou-lh'a, e disse lhe:

— O ouro já não póde dar a felicidade a v. ex.ª Quem tem esta filha, perdeu o direito a esperar outra riqueza.

*
* *

Quando Maria da Piedade avistou o portico do Sanctuario, viu parado um coupé com dois criados na almofada. Perguntou ao escudeiro se conhecia aquelle trem.

— E' de um brazileiro que está no Bom Jesus ha oito dias. Ainda hontem á tarde o vi n'este carro na Senhora á Branca. Parece-se muito com o mano de v. ex.ª

— Com o mano Heitor?!

— Sim, minha senhora, principalmente quando veio da Africa ha 6 annos.

Maria insensivelmente soffreou as redeas do jumento, quedou-se a olhar para o escudeiro, e a dizer pausadamente:

— Parece-se com o mano Heitor?!

— E' como um retrato. Ha casos assim, minha senhora.

Ia perturbada.

A pouca distancia do coupé, viu abrir se a portinhola por dentro, e descer Alvaro.

Soltou uma exclamação, e retrahiu-se dos braços que lhe offereciam amparo para apear-se.

— Vejo que minha irmã sómente acceita de bom rosto a mão dos seus irmãos pobremente vestidos! — dizia elle sorrindo. — Tem a bondade de continuar o seu passeio na minha sege?

Piedade desceu, acceitou-lhe o braço, e entrou na carruagem. Na perturbação com que entrara, deixou cair no tapete de zebelinas um lenço branco que continha cuidadosamente atado pelas pontas um voluminho pezado.

Alvaro levantou-o, e, como ella se désse pressa em o receber, negou-se a entregar-lh'o.

— Que é isto? saibamos, mana Piedade; o que aqui está parece-me que é a prova real do seu sobrenome — é a *piedade* fraternal — é uma esmola que vae aqui para um irmão doente e pobre, não é?...

— Eu pensei que... — balbuciou Maria.

— Pensou que já se não faziam romances, principalmente de homens ricos a fingirem-se pobres? Tem razão, mana Piedade, eu sou um desmentido a todos os costumes. Agora, dê-me licença que eu examine todas estas cousas que são minhas — e desatava as pontas do lenço.

— Não veja — acudiu ella — não veja... peço-lhe...

— Não verei; mas guardo-as: isto é meu. Se tenho alguma riqueza que me enche a alma, é isto. Olhe, Piedade, olhe para mim... Não lhe parece que estou melhor? Veja o que é a felicidade! Não me doe o peito, não tenho febre, e até sinto — desculpe-me a prozaica franqueza — sinto vontade de

jantar... Tenho saude!... Quer que eu lhe diga tudo que se vae formando na minha intelligencia, na minha consciencia e no meu coração? Entrei aqui ha oito dias sem fé, achava tudo isto uma irrisão da desgraça. Sinto me agora religioso. Preciso de orar... heide ir ajoelhar-me diante da imagem de Jesus Christo, ha de ir commigo, sim? Peça-lhe que me dê saude, que me deixe viver para poder amal-a, minha querida irmã; peça-lh'o a chorar, como eu estou chorando...

E, soluçando, abafava o rosto no lenço que continha as joias de Maria da Piedade.

Quando apearam no terraço do hotel da Boa Vista uma senhora gravemente vestida de seda escura avisinhou-se da carruagem.

— E' minha mãe — disse Alvaro; e, descendo, beijou-lhe a mão.

*

* *

As lagrimas da fé, se Deus não existisse, fariam commover o Nada.

Maria da Piedade e a mãe de Alvaro choraram prostradas á cruz de Jesus Christo. Pediram a saude do filho e do irmão, abraçadas aos pés do Redemptor.

Alvaro restabeleceu-se.

Foi a felicidade que o salvou? foi aquelle amor de irmão, amor indefinivel e santissimo que o distrahiu da idéa da morte, e o encheu das forças vitaes que a sciencia nega ao milagre e concede ao mysterio?

Eu, espirito apoucado, tenho a audacia de me erguer até Deus, e não faço grande conta das sciencias medicas quando me não dizem porque processo physiologico se salvou o enfermo que ellas me asseveraram moribundo.

Alvaro Affonso da Granja deu pelas joias de Maria da Piedade as quintas do visconde de Agilde penhoradas pelo Banco Hypothecario. Piedade fez presente das quintas a seu pae, com a condição de a deixar viver seis mezes de cada anno em Lisboa com seu mano Alvaro. Thomazia chama-lhe a sua filha; e D. Leonor de Mascarenhas, quando falla de Alvaro, chama-lhe *o bastardo*. O visconde de Agilde nunca mais viu a filha do boticario; mas, se um dia puder furtar-se á vigilancia da esposa, hade ir ajoelhar-lhe aos pés, a confessar a saudade, e aliviar o pezo da vergonha e do remorso.

S. Miguel de Seide, 25 de setembro de 1876.

FIM

VII

MARIA MOYSÉS

A

THOMAZ RIBEIRO

São passados dez annos depois que vieste aqui. Foi hontem; e a pedra onde gravei o teu nome está denegrida como a dos tumulos antigos. Debaixo d'ella estão dez annos da nossa vida. Jazem ali os homens que então eramos. Estou vendo Castilho encostado ao frizo da columna tosca; estou ouvindo os teus versos recitados em nome de meus filhos... Ah! é verdade... tu não os recitaste porque tinhas lagrimas na voz e no rosto. Que faria de ti a politica, meu querido, meu poeta da patria e da alma?

S. Miguel de Seide, novembro de 1876.

MARIA MOYSÉS

PRIMEIRA PARTE

O pequeno pegureiro contou as cabras á porta do curral; e, dando pela falta de uma, desatou a chorar com a maior boca e bulha que podia fazer. Era noute fechada. Tinha medo de voltar ao monte, porque se affirmava que a alma do defuncto capitão-mor andava penando na Agra da Cruz, onde apparecera o cadaver de um estudante de Coimbra, muitos annos antes. O povo attribuira aquella morte ao capitão mor de Sancto Aleixo de além-Tamega, por vingança de ciumes, e propalava que a alma do homicida, de fraldas brancas e rossagantes, infestava aquellas serras. O moleiro das Poldras contrariava a opinião publica, asseverando que a aventesma não era alma, nem a tinha, por que era a egua branca do vigario. A maioria, porém, poz em evidencia o facto psycologico, divulgando que o moleiro era homem de máos costumes, tinha sido

soldado na guerra do *Russilhão*, não se desobrigava annualmente no rol da igreja, nem constava que tivesse matado algum francez.

Era por 1813, meado de agosto, quando o pastor chorava encolhido a um canto do curral, e pedia ao padre Santo Antonio com muitas lagrimas que lhe deparasse a cabra perdida.

João da Lage, o amo, assomou á porta da córte, e bradou:

— Perdeste alguma rez?

O rapaz tartamudeou, tiritando de medo.

— Perdeste, ladrão? vai em cata d'ella, e, olha lá: se a não trouxeres, não me appareças mais, que te arranco os figados pela bocca.

E deu-lhe dois valentes pontapés á conta.

Este João da Lage era homem de principios menos maus, assentados em religião e patria; havia matado dois francezes doentes nas ambulancias retardadas, e acreditava que o fantasma era a alma do capitão-mor e não a egua branca do vigario.

O rapazinho deitou a correr, e lá foi caminho da serra. Tendo de optar entre os maleficios da alma penada e a biqueira do tamanco do amo, preferia encontrar o defuncto capitão-mor. Ainda assim, ia resando alto quanto sabia da cartilha: os *Peccados mortaes*, as *Obras de misericordia*, os *Sacramentos da Sancta Madre Igreja*, tudo. A' sahida da aldeia, recuou estarrecido. Vira um fantasma branco a destacar das trevas, e agachado na raiz de um castanheiro.

— O' Zé da Monica, és tu? — perguntou o suspeito fantasma.

— Sou eu, tia Brites — respondeu o rapaz suspirando offegante — Credo! que medo vossê me fez!

— Tu onde vás a esta hora?!

— Vou á cata de uma cabra Vossê viu-a?

— Eu não. Olha lá, a tua ama Zefa tambem anda á procura da cabra?

— A'gora! A senhora Zefinha está doente ha mais de mez e meio na cama.

— Isso sei eu; mas havia de jurar que a vi saltar agora o portelo da cortinha do rio! Se não era a Zefa, era o demo por ella!

O rapaz tornou a tolher-se de medo, e perguntou a meia voz:

— Seria a alma?

— Do sr. capitão-mor? Não me pareceu; que ella ia de saia escura, e levava um saiôto pela cabeça.

N'este comenos, descia o moleiro do lado da serra pela barroca escura com dois jumentos carregados de folles, e vinha cantando:

Já fui canario do rei,
Já lhe fugi da gaiola,
Agora sou pintasilgo
D'estas meninas d'agora.

— P'ra pintasilgo estás muito fanhoso, ó Luiz! — disse galhofando a Brites do Eirô.

— O' lá, sua bruxa, que feitiços está vossê a fazer ahi? — respondeu o veterano do 2.º regimento do Porto — Não me metta medo aos burros que elles já estão estacados a olhar p'ra vossê. Deixe passar os parentes.

— Eu não sou da tua familia, ouviste, jacobino?

— replicou a velha, e fazendo-lhe duas figas, accrescentou; — toma, que te dou eu, hereje!

— O' tio Luiz! — perguntou o pegureiro — vossemessê viu ahi na Agra da Cruz uma cabra?

— Não a vi, rapaz, mas ouvi-a berrar lá para o rio. Mette ahi pela cangosta do Estevão, e vae pela beira do rio abaixo que a topas lá para a Varzea das poldras ou na Insua.

— Está mesmo indo... — intreveiu a tia Brites — Boa hora é esta para um rapazinho se metter á cangosta do Estevão!

— Então que tem?

— Que tem?! Vai perguntal-o á Zefa do João da Lage que ficou lá tolhida uma noite, e nunca mais teve saude.

— Sim, sim, tia Brites; vossê lá sabe d'esses tolhiços, e eu tambem sei como as raparigas se tolhem nas cangostas. Tens medo, rapaz?

— Tenho, sim, senhor.

— Espera ahi que eu venho já.

E, tangendo os burros que espontavam o tojo dos valados, foi descarregal-os, encheu-lhes a mangedoura de herva, gargalaçou da borracha uma vez de vinho, e voltou onde o esperava o pastor, a quem a tia Brites contava casos varios de almas penadas.

— Vamos lá, pequeno — disse o moleiro — Conheço bem o teu amo, e sei que elle á conta da cabra, se tiver meio quartilho de aguardente no bucho, é capaz de te quebrar os braços; por isso é que eu t'a vou ajudar a procurar. De que tens tu medo, rapaz? E' da alma do capitão-mor? Não se-

jas tolo. As almas boas dos que morrem são de Deus, não fazem mal a ninguem; e as más são do diabo, que as não larga das unhas.

— Arrenego-te eu! este homem está vestido e calçado no inferno! — murmurou a tia Brites, erguendo-se indignada, benzendo-se de hombro a hombro, e do alto da cabeça ao umbigo.

— Que está vossê a rosnar, mulher! Que este rapazelho seja parvo, tem desculpa; mas vossê, com mais de setenta annos na carcassa, já tinha tempo de ter juizo n'esses cascos. Vossê ja viu almas, ó creatura?

— A mim não me impecem, graças a Deus! — respondeu Brites com desvanecimento — Ellas bem sabem com quem se mettem.

— Não se mettem no seu corpo? Podera...—redarguiu o veterano sempre risonho — Eu, se fosse alma penada, topando vossê, desatava a fugir. A alma que se mettesse n'esse corpo, devia sahir suja como a ratazana d'um cano.

— Vai-te; vai-te, jacobino; cruzes, diabo, cruzes! — exorcismou a tia Brites com dois dedos em cruz, e metteu-se em casa ás arrecúas.

*

* *

— E' o que te digo, rapaz. Deixa lá asnear o povo. Olha se te guardas de alguma sacholada de teu amo, que das almas do outro mundo te livro eu.

O moleiro ia conversando com o pastor pela pedregosa cangosta do Estevão. Apesar das palavras

animadoras do veterano, o rapaz, ao passar nos lanços mais escuros do pedregal, ia orando mentalmente fragmentos da Cartilha. Os vagalumes phosphoreavam entre os silvedos, e ás vezes um melro assustado batia as azas na ramagem das sebes. O pastor então maquinalmente agarrava-se ao braço do moleiro, que lhe mettia a riso a covardia.

Ao fundo da viella, que desembocava no rio, havia dois portelos, um á direita para uma varzea de milho espigado com grande folhagem, outro á esquerda para um panascal que entestava com a corrente do Tamega. Sahia então do rio para a cangosta um grande vulto alvacento chofrando na agua com pernadas longas e mezuradas. O rapaz expediu um ai rouco, e agarrando-se aos suspensorios de couro do moleiro, gritou:

— O' tio Luiz, ó tio Luiz!...

— Que é?

— Vossemecê não vê?

— Vejo, pedaço d'asno, vejo; é a alma do capitão-mór que anda a pescar bogas com chumbeira... Não vês que é um homem em fralda? Abre esses olhos, bruto!

Era o cazeiro da quinta de Santa Eulalia, que vinha batendo com a chumbeira as ángras do rio por onde o escallo costumava acardumar se.

— E's tu, ó Francisco Bragadas? — perguntou o moleiro.

— Sou.

— Ouviste por hi berrar uma cabra?

— Ha pedaço, berrava ali no bravio do Pimenta; mas já depois a ouvi lá p'ra baixo na Insua.

— O peixe cai? Dá cá duas bogas para eu cear.

— E' má noite. O peixe metteu-se aos poços. Anda coisa má por aqui... Vou-me chegando a casa.

— Coisa má? Topaste algum avejão no rio? Olha que a alma do capitão-mór anda na serra; mas talvez viesse tomar banho, que a noite está quente.

— Homem — volveu o pescador escrupuloso — deixemo-nos de graçolas. Ahi bem perto d'onde tu estás, para lá d'esses salgueiros, ouvi eu, quando passei p'ra riba, uma cousa que parecia uma creatura a chorar e a gemer.

— Isso era coruja ou sapo — replicou o moleiro com a intemerata certeza das sciencias naturaes.— Se tens medo, vou comtigo; mas has de repartir do peixe que levas... Lá está a cabra a berrar, ouves, rapaz?

— Já passou para além do rio — disse o da chumbeira — havia de ser pelo açude. Tendes que fazer. Adeus, Luiz.

— Má raios partam a cabra! — praguejou o moleiro.— Temos de ir passar ás poldras. Olha que espiga! Eu antes queria pagar a rez a teu amo que ir agora além do rio!

N'este momento, ouviram gemidos, que pareciam pouco distantes, á beira do rio.

O pastor, com as mãos fechadas sobre a bocca, e pondo-se de cocoras, disse:

— Ai Jesus!

— Aquillo é cousa! — observou o veterano com pachorrenta reflexão.— Bem dizia o outro. Não é coruja nem sapo... A'gora é!

— Então que é, tio Luiz? — perguntou o rapaz com a rouquidão aphonica do pavor.

— E' uma mulher a chorar, tu não ouves? Vamos ver quem geme antes de mais nada.

Transpoz o moleiro de um pulo o valado, tossindo de maneira que significava coragem n'este bravo do Roussilhão; mas que em outros bravos que tossem não tem sempre o mesmo significado. O pequeno seguia-o tão de perto que o trilhava nos calcanhares.

Seguiu bem rente a ourelá do Tamega; de vez em quando ouvia os gemidos, mas pareciam-lhe mais longe ao passo que mais se avisinhava, porque a voz ia esmorecendo em soluços abafados. Ao cabo do hervaçal adensava-se uma moita de alamos e salgueiros, e lá no interior o rio espraiava-se, formando lençol de agua murmurosa, onde os pescadores colhiam com a chumbeira as bogas no tempo da desóva. Ao chegarem alli, ouviram estas palavras:

— Quem me acode, que eu morro sem confissão!

— Ella é a senhora Zefinha! é a minha ama! Valha-me Deus! — exclamou o pastor, e com incrivel animo rompeu a direito por entre a ramaria do salgueiral, e saltou, sem arregaçar-se, aó rio, que lhe dava pelo joelho. O moleiro seguiu-o. Com meio corpo na agua e os braços enroscados no esgalho de uma arvore, entreviram, mal distincto na escuridão cerrada pela ramagem, aquelle vulto de mulher, que repetia as palavras:

— Quem me acode, que eu morro sem confissão!

— O' senhora Zefinha! — disse o rapaz — é vos-

semecê? — e deitou-lhe os braços ao peito erguendo-a para si. — O' tio Luiz, ajude-me que eu não posso!

— Eu cá estou — disse o moleiro, levantando-a a custo, porque ella tinha as mãos recurvas e os braços rijamente hirtos no tronco do salgueiro como se em ancias de asfixia se houvesse agarrado n'elle.

— Isto que foi, Josefa? — perguntou Luiz, tomando-a nos braços, e galgando a custo o vallado que se esbarrondava cedendo aos pés vacillantes de Luiz, molhados pela agua que escorria dos vestidos.

A filha de João da Lage, estorcendo-se nos braços do moleiro, dizia com palavras soluçantes:

— Não me leve para casa, pelas almas bemditas. Deixe-me deitar na terra, e vá chamar o sr. vigario para me absolver, que eu estou a expedir.

— Tem paciencia, moça; aqui não te deixo, que estás toda ensopada em agua, e tens a cara a arder... Tu cahiste ao rio, Josefa? que vieste aqui fazer tão de noite?

— Jesus valei me! Jesus acudi-me! Jesus salvai-me! — murmurava ella perdendo o alento, e tiritando em calefrios.

Luiz, receiando que a convulsa rapariga lhe expirasse nos braços, atirou-a para o hombro direito, e apertou o passo por entre o hervaçal, dizendo ao rapaz que fosse adiante avisar o amo.

No momento em que transpunha o portêlo com o embaraço do pezo e do estorvo que lhe fazia o vestido molhado, teve de colher as saias com a mão esquerda; e, n'este lance, sentiu nas costas da mão um contacto de liquido quente com fartum enjoativo

de sangue. Então pensou que ella estivesse ferida, e perguntou:

— Tu feriste-te, Josefa?

Ella não respondeu, nem gesticulou levemente. Os braços pendiam inertes ao longo das costas do moleiro, e a cabeça balançava machinalmente conforme os movimentos variados que elle lhe dava ao corpo ageitando-o para saltar a parede escadeada. Vencida a difficuldade, e conseguindo assentar o pé no trilho pedregoso, por onde viera, sentou se esbofado no respaldo de uma fraga; e, como gelado do terror do cadaver que lhe parecia resfriar nos braços, tremia, descendo do hombro para o regaço a mulher que effectivamente estava morta.

Chamou-a, agitou a, invocou as almas á mingua dos recursos humanos; e, encostando-a á ribanceira, enxugava com a rama dos fetos seccos o suor que lhe gotejava das faces ao peito.

Poucos minutos depois, João da Lage, o vigario, e outras pessoas attrahidas pela curiosidade ou pela compaixão, desciam a cangosta do Estevão com fachos de palha accesos. A Brites do Eirô, que os vira passar, ajuntou-se ao grupo dizendo que, ao toque das Trindades, tinha visto Josefa saltar para o campo da Lagôa e metter para o lado do rio, com o saioto pela cabeça.

Na extrema da viella encontraram o Luiz moleiro sentado á beira de Josefa que, vista á luz dos archotes, parecia viva porque tinha os olhos abertos.

— Que é isso, rapariga? — perguntou o pae.

— Não lhe perguntes nada, João, que ella está com Deus — respondeu Luiz.

O vigario, apalpando-lhe as mãos e o rosto, confirmou:

— Está coberta de suor frio. Que foi isto? — ajuntou elle voltando-se para o João da Lage — vossê hade saber pouco mais ou menos porque esta boa rapariga se deitou a afogar!

— Eu não sei — respondeu o pae com a serenidade de um estranho narrador. — Ella estava doente ha mais de mez e meio; mandei chamar o boticario de Friume; elle receitou-lhe não sei que barzabum de xaropadas que a rapariga nem p'ra traz nem p'ra diante. Ora vae hoje ali pela sesta fui achar a minha Maria a chorar, mas nada me disse. Depois, fui regar um campo de milho, e quando tornei a casa á noite, e perguntei por minha mulher, soube que ella estava ainda no palheiro. Fui-me onde a ella, perguntei-lhe o que tinha, e ella já me não respondeu, porque estava sem accordo; peguei n'ella e deitei-a na cama; e agora quando lá chegou o rapaz com a noticia, ia eu mandar chamar o barbeiro das Vendas Novas a ver se m'a sangrava.

N'esta conjunctura, voltaram-se todos para um dos campos por onde vinha correndo a mãe da morta, chamando a filha a grandes brados.

Os archotes erguidos ao alto alargaram a penumbra e condensaram mais a treva por onde o vulto da mulher vinha crescendo com as mãos na cabeça. A Brites aconchegava-se do vigario a fim de, no caso de intervenção diabolica, se encostar á columna da egreja. Luiz meditava nas revelações do lavrador, e João esperava quieto, silencioso e estupido a chegada da mulher.

Ella saltou do campo á barroca por cima do tapume de espinheiros e silvas, foi direita a filha, deitou-se sobre ella a beijal-a, a sacudil-a, a chamal-a com gritos de louca, e ali perdeu os sentidos entre os braços brutaes do marido que se esforçaram por desprendel-a da morta.

*

* *

Vinte e quatro horas depois, o cadaver de Josefa de Santo Aleixo, a loura mocetona, desceu á cova, porque o fedor da podridão obrigára a alterar o estylo das quarenta e oito horas sobre terra. Maria da Lage, a mãe, diziam que dava em louca, porque não comia, nem bebia, nem chorava; e, durante a noite, fugira para o lado da serra. O pae da defuncta, aborrecido dos interrogatorios impertinentes que lhe faziam os visinhos e parentes ácerca das causas que levaram Josefa a matar-se, fechou-se na adega; e, nas seccuras da sua ardente afflicção, é natural que bebesse.

O leitor urbano mal imagina como são estes paes e maridos ruraes quando lhes morrem as filhas ou as mulheres. Os mais lugubres, se estão seis horas no forçado jejum a que os obriga a funeral lareira apagada, começam a cahir n'um sentimentalismo de burros com fome. Nunca vi uma lagrima luzir n'estas caras. A's vezes, morrem mães que deixam um grupo de creanças ali a chorar n'um canto da cosinha. Os viuvos olham para os pequeninos de travez, e ralham-lhes brutalmente. A estupidez é

mais valente que a morte. Se falta a luz que adelgaça e rompe a treva do homem barbaro, á mistura com a velhacaria que a civilisação lhe tem dado, o cerebro e o coração são umas empadas de massa inerte, umas substancias granulosas ou fibrosas contidas em sacos membranosos. Não ha nada mais bestial que o homem sem a alma que se faz na educação. A mulher já não é assim. A maternidade é uma illustração que lhe dá a intuitiva intelligencia do amor e das grandes tristezas. Essas, em toda a parte, a chorar, são mulheres; e, ainda na derradeira curva que atasca em lama a espiral da degradação, é-lhes concedido remirem-se pelas lagrimas. Estas reflexões não são todas minhas: quem fazia algumas era um escrivão do juiz de paz, que fôra desanojar o João da Lage; e, posto a um canto do sobrado, conversava com um minorista da Povoa, que assistira aos responsos.

—Vossê conhecia esta rapariga, padre Bento? —perguntou o funccionario ao minorista.

—Vi-a uma vez na romaria de S. Bartholomeu, fez um anno em 24 de agosto. Assisti-lhe aos exorcismos na capella do santo.

—Ah! conte-me isso... ella tinha demonio no corpo? Note vossê, padre Bento, que os espiritos maus quasi sempre se ferram nos bons corpos!

O tonsurado entreabriu um sorriso de forçada complacencia, e não deu azo a que o espirito-forte abrisse a valvula dos sarcasmos, por causa dos quaes havia sido expulso de um convento graciano onde noviciava, e tambem porque sabia francez, e lia *O Citador* de Pigault Lebrun, e chamava á car-

niceria da revolução franceza a grande operação da catarata social. Dizia cousas como os socialistas de hoje, que estão a chocar o ovo de uma cousa peor, que hade ser os socialistas de ámanhã.

— Bonita era ella... — concordou o estudante de theologia dogmatica; e, movendo pausadamente a cabeça como quem confirma uma recordação dolorosa, accrescentou: — Bem sei eu quem foi a causa d'este suicidio...

— Sabe? e está calado com isso...

— Estou, e... estarei—respondeu discretamente.

— Já sei quem foi a causa de se suicidar a Josefa — acudiu o escrivão.

— Sabe?... então quem foi?

— Foi vossê, padre!

— Não me diga isso nem a rir! — acudiu o theologo com semblante mortificado.

— Estou a brincar, padre Bento. Sei quem é o meu amigo; sabe-o toda a gente; mas conte-me essa historia se confia em mim.

— Lembre-se que essa pobre mulher ainda está quente na terra. Conversaremos outro dia.

O minorista ergueu-se, quiz despedir-se de João da Lage, que se fechára na adega com a sua dor, e sahiu acompanhado do escrivão, que o não largou até lhe arrancar o segredo ás reluctancias do escrupulo. O futuro presbytero comprehendia christãmente o dever da caridade; mas, vencido pela pertinacia do amigo, disse o que sabia, encarecendo o melindre da revelação. Summariamente contou o seguinte:

Que Josefa, quando foi exorcismar-se á capella

de S. Bartholomeu, a Cavez, não tinha no corpo o espirito immundo; e accrescentou em parenthesis que não duvidava da existencia de demonios succubos e incubos. [1]

E demonstrou que havia obsessos, auctorisado com S. Gregorio, Santo Athanasio, Santo Hilarião, que luctou com elles em fórma de mulheres. O escrivão replicava que todos os homens eram Hila-

---

[1] A profunda certeza de que o corpo humano está exposto ás invasões diabolicas, entra no Minho, em capacidades de bachareis. Vinte e oito annos depois que o minorista professava crenças em obsessos, por 1841, na freguezia de Ribas, concelho de Celorico de Basto, um moço de lavoira requeria ao juiz de paz — que o era dos orphãos tambem — n'este sentido: «Que a alma de certa pessoa se lhe mettera no corpo, e o não deixava dormir, exigindo-lhe um sermão e certo numero de missas; e, como elle supplicante era pobre, requeria que esta despeza fosse feita á custa da caixa dos orphãos.»

O juiz de paz ponderou seriamente e conscienciosamente a justiça do pedido; mas não quiz ainda assim decidir sem consultar pessoa de maiores theologias. Mandou, pois, ouvir o doutor curador dos orphãos; o qual respondeu «que se ouvisse previamente o conselho de familia.» O conselho reunido deliberou que, visto o doutor curador não impugnar, era de parecer que se concedesse á alma a graça que requeria, e se aliviasse o rapaz do vexame. Em consequencia, prégado o sermão e ditas as missas, o rapaz ficou são e escorreito. (Veja o *Periodico dos Pobres no Porto* de Maio de 1842, e a *Revista Universal Lisbonense* do mesmo anno, pag. 430). O doutor curador de Celorico provavelmente está hoje no Supremo Tribunal de Justiça a lavrar accordãos. Similhante magistrado, se conservar ainda no espirito as velhas crenças até certo ponto christãs, decerto não fará justiça de moiro.

riões, e cada qual era o demonio de si mesmo; porém não citava auctor digno de credito; toda a sua erudição n'este importante assumpto era um fragmento de má e velha poesia franceza que dizia assim:

On se livre á la volupté
Parce qu'elle flatte et qu'on l'aime;
Et si du diable on est tenté,
Il faut dire la vérité:
Chacun est son diable á soi-même.

O minorista, ouvida a traducção da quintilha, confundiu o adversario com latim; e a respeito da filha de João da Lage, continuou:

— Não era possessa; era a paixão que a desnorteava. O sr. Mauricio conhece o morgado de Cimo de Villa?

— Se conheço! aquelle cadete de cavallaria de Chaves que estudou primeiro para frade cruzio, e assentou praça quando ficou senhor da casa por morte do irmão... Esse rapaz foi para a côrte com o pae... Foi elle então quem n'a apaixonou...

— Foi. Ha quem os visse no bosque de amieiros da Insua, defronte da Granja. O senhor sabe...

— Conheço esse bosque. O meu padre-mestre de latim chamava-lhe a *Ilha dos Amores;* foi lá que todos os bons latinistas meus condiscipulos leram a *Arte de amar* de Ovidio; e o cadete, pelos modos, applicou as theorias do Sulmonense...

— Não vamos tão longe, sr. Mauricio — emendou o minorista.— O que se diz é que elle passava o Tamega nas poldras, com a canna de pesca e o ca-

cifro; depois, mettia-se na Insua, e a Josefa ia lá ter.

— Tudo isso é innocentemente pastoril. Depois elle fazia de *Felicio* e ella de *Florisa*, como os pastores de Fernão d'Alvares d'Oriente, e altercavam os seus queixumes ao som do arrabil... Vamos ao fim do conto: a rapariga fragil e bonita...

— Devagar — atalhou o prudente moço. — Não inventemos culpas, attidos á logica dos delictos. E' necessario attender aos temperamentos das pessoas, quando não quizermos extremal-as pela virtude.

— Padre, eu não o percebo. Quer dizer que elles se amavam honestamente? Diga isso assim pelo claro, que eu acredito tudo quanto ha virginalmente extraordinario em um cadete de cavallaria de Chaves.

— Digo o que sei e presumo sempre o melhor quando não tenho provas do peior. E, quando as tenho, calo-me. O que affirmo é que o morgado de Cima de Villa, chegando ha dois mezes de ferias de Coimbra, onde estuda mathematica, pediu ao vigario de Santa Marinha que o cazasse com Josefa de Santo Aleixo. O vigario recuzou se e avisou Christovão de Queiroz, pae do cadete. O fidalgo sahiu, como o senhor sabe, com o filho para a capital; e lá, como o cadete quizesse fugir-lhe, ou mesmo recusasse obedecer-lhe, metteu-o no Limoeiro. Entretanto, Josefa suicida-se. Agora, seja qual fôr a causa que levou esta mulher morta á desesperação, a caridade o que ahi vê é uma desgraça, e a religião chora uma alma condemnada.

— Adivinhei o que o padre não sabe...

— Nem quero saber — acudiu o minorista, e retirou-se, agitando rapidamente ambas as mãos com gestos negativos.

*

* *

A nossa curiosidade n'esta epoca de escalpello, vae além dos limites que o theologo abalisou á sua. Desenterre-se o cadaver, e venha para o amphitheatro anatomico.

Josefa não fôra calumniada pelo escrivão, quando elle lhe malsinou a innocencia nos sinceiraes da Insua. Uma cousa verdadeira, que os maus homens quasi sempre tem, é a critica mordaz dos costumes. Percebem e farejam os actos mais absconditos da sociedade, como se a sociedade fosse obra d'elles.

As pessoas candidas e boas vivem constantemente logradas, e andam tão vendidas n'esta feira de peccados, como o *Seraphim* do auto de Gil Vicente. Enlevadas no especulativo, pairando ao de cima d'estas ambulancias em que todos gememos amputados na alma ou no corpo, quando cuidam que é virtude e resguardo a ignorancia das coisas mundanaes, vem o *Mercurio* do poeta jogratesco de D. Manuel, e diz-lhes:

Muitos presumem saber
As operações dos ceus,
E que morte hão de morrer,
E o que ha de acontecer
Aos anjos e a Deus,
E ao mundo e ao diabo

E o que sabem tem por fé;
E elles todos em cabo
Terão um cão pelo rabo
E não sabem cujo é.

Isto que diz aquelle grande realista do seculo de quinhentos, é verdade. Os que se derem a parafusar operações do ceo, quando mal se precatarem, são filados, onde quer que seja, pelo mastim da ironia que lhes crava o dente canino da chufa. Estes bons corações passam entre nós mordidos, espavoridos, com os dedos no nariz, e vão deixando os paletós nas mãos incontinentes das Zuleikas.

Mauricio, o escrivão, tinha no corpo a nevrose que augmenta o calibre da retina, e lhe espelha imagens atravez de corpos opacos. Raciocinou com a logica dos corruptos, que e a arte de pensar bem. Quem pensava mal era o theologo, imaginando que o cadete e a loura de Santo Aleixo, emboscados no choupal da Insua, eram mais innocentes que os passaros. Não se póde ser perfeito hoje em dia sem se ser um bocadinho idiota. A esta saudavel ignorancia das miserias do proximo chama o meu padre Manuel Bernardes «trevas clarissimas».

*

* *

Ora vamos á historia, já que me coube em sorte arpoar com penna de ferro, no fundo lodoso d'este tinteiro, as phrases do meu tempo.

Era pescador e caçador Antonio de Queiroz e Menezes. Viu no monte a filha do lavrador de San-

to Aleixo. As serras tem sombras do infinito. O coração ahi é maior que as dimensões do peito. O homem como se vê só, no cabeço de um fragoêdo, dá-se grandeza extraordinaria, mede-se pelo comprimento de horisonte a horisonte. Se o amor lhe rutilou ahi como um relampago que fulgura n'uma vasta cordilheira de montes, é um amor olympico, titanico, immenso, que disparado sobre a modestia e singeleza d'uma rapariga montezinha, faz lembrar Camões:

> .... *Qual será o amor bastante*
> *De nympha que sustente o d'um gigante?*

Andava elle cursando rethorica em Coimbra para ir vestir habito de frade fidalgo em S. Vicente de Fora. Tinha vinte e dois annos, e aspecto pouco de bernardo. Era magro e pallido, da pallidez dos que amam, segundo o preceito ovidiano: *Paleat omnis amans.* Tinha extasis nos pincaros das serras, como se ouvissse as harmonias das espheras. Sentia o grande vazio que a rethorica lhe não enchia. Queria o amor, não queria tropos; preferia uma mulher feia, se as ha, á mais nitida metaphora de Cicero ou Vieira.

N'estas idéas o encontrou Josefa da Lage, nos montados da sua freguezia. Córaram ambos. Este rubor era o primeiro lampejo do incendio. Depois, á volta de poucos dias, o fogo levou de assalto aquelle combustivel edificio de innocencia, cheios de fluidos inflammaveis. A serra tinha penhascaes, bosques, cavernas, insinuando o amor selvagem.

Rodeava-os uma natureza contemporanea do homem vestido da pelle do seu confrade em civilisação, o grande urso e o grande veado. A forma selvatica e antiga do proscenio deu-lhes geitos de antigos actores da vida animal. Ninguem que os visse, ninguem que lhes lesse os grandes livros do padre Sanches, ácerca do matrimonio. Oh! a solidão, entre dois amantes, faz os poetas; mas talvez primitivos de mais, algum tanto gaelicos, normandos, alheios de tudo o que é epistolographia amorosa, — pelles-vermelhas no rigor antropologico, á vista do modo como a gente em honesta prosa costuma cazar-se.

Assim seria; mas elles adoravam-se.

— Não serás frade! — disse-lhe o coração a elle.

— Assim que meu pae morrer — disse elle á filha do lavrador — caso comtigo. Vou sentar praça, quer meu pae queira quer não. Sou o morgado, porque meu irmão mais velho morreu.

Ella, para ser feliz até ás lagrimas, não precisava d'estas esperanças. Preferia tel-o, e amal-o nas mattas chilreadas, nos desfiladeiros dos montes, no sinceiral da Insua, nas alcovas de ramagem que só elles e os rouxinoes conheciam nas margens do Tamega.

Foi por ahi que deslisaram tres mezes do estio e outono de 1812. Elle foi para Coimbra, com farda de cadete.

O velho fidalgo de Cimo de Villa ponderou na mudança de idéas do filho. Escodrinhou razões secretas que o movessem; todavia, não o contrariou. Tinha meninas para conservar a raça dos Queirozes e Menezes; mas a casta varonil iria pelas gera-

ções além menos sujeita a reparos de genealogicos.

Nas suas pesquizas descobriu que o filho, vindo a ferias do Natal, passára o Tamega, e caçára nos montados de Santo Aleixo. Foi visto. E' que os arvoredos estavam desfolhados; os choupos da Insua mostravam as grimpas curvadas á flôr da corrente arrebatada; nos reconcavos das penedias, em vez dos froixeis de relva, havia lençoes de neve, palmilhada pelos lobos. Como não tinham florestas confidentes, foram vistos á beira do rio, alli mesmo, na cangosta do Estevão, sentados n'aquella fraga, onde o Luiz moleiro encostou o cadaver de Josefa. O velho não deu a minima importancia á denuncia, logo que lhe disseram quem era a rapariga.

— Antes por lá que pelas criadas da casa — disse o assizado fidalgo. — E' rapaz, e precisa de se divertir.

No ultimo quartel da vida, os paes... e até as mães — santo Deus! — dizem aquillo. *Precisam divertir-se* os filhos: levem a deshonra onde quer que seja; mas não corrompam a disciplina domestica, não embarrem pelas creadas, não perturbem o serviço da casa. Com que zêlo estas matronas veneram a moral da cosinha, da salgadeira e da dispensa!

*

* *

Nas ferias de Paschoa, Antonio de Queiroz viu chorar Josefa. Não eram lagrimas de amante magoada, nem de filha malquista de seus pais: eram lagrimas de mãe. Entrara-se de uma terrivel ver-

gonha e confusão. Ninguem a suspeitava: e ella, se alguem a encarava a fito, estremecia. A mãe era cruel com as mulheres manchadas. No seu serviço não entrava jornaleira de má nota. Não se ajoelhava na igreja á beira de creatura de ruim vida. Dava-lhe este direito haver sido filha humilde e esposa honrada do homem com quem a casaram, o João da Lage, que era vêsgo, cambado, lanzudo e bebado.

O pae viu de longe, uma tarde, Josefa a conversar em uma barroca com o fidalguinho, e disse-lhe:

— Se tua mãe o sabe, dá-te cabo do canastro, rapariga.

Não lhe bateu, porque estava sempre ás avessas da mulher. Se elle imaginasse que a mãe fechava os olhos ás toleimas da moça, então com certeza lhe dava.

A rapariga tremia pois da mãe, e queria fugir; mas o cadete, cheio de bons propositos, jurou-lhe que viria casar com ella, antes de cinco mezes. Dizia o cirurgião que o velho tinha uma anazarca, e não viveria mais de trez. O estudante contava com isto, e dizia-o com uma socegada fleuma como se se tratasse da esperançosa morte de um parente desconhecido para onde houvesse de lhe vagar a administração de um vinculo. Pobres paes! A verdade é que o fidalgo tinha as pernas inchadas, e promettia não incommodar muito tempo a sua familia.

Passados os cinco mezes aprazados, Christovão de Queiroz desinchou, ao contrario de Josefa da Lage. Parecia castigo um pouco zombeteiro! O estudante, quando recebeu esta nova com os parabens do cirurgião, foi á terra; e, como já disse o mino-

rista, expoz ao vigario o estado melindroso da rapariga, e pediu-lhe que os recebesse. Já sabem que o vigario denunciou ao velho o proposito do joven doido que pensava em envergonhar seu pae, não só descendente de Bernardo del Carpio, illustrissimo gallego, sobrinho d'el rei D. Affonso, o Casto, mas tambem representante de Fernão de Queiroz castelhano que entrou em Portugal a servir el rei D. Fernando contra o de Castella, — um renegado da patria. O fidalgo, quando tal ouviu, mandou sellar as mulas dos lacaios e pôr aos varaes da liteira a parelha dos nedios machos. O filho recebeu ordem de acompanhar seu pae á côrte, onde não havia côrte n'esse tempo. A surpreza abafou a reacção do moço; mas o velho, em todo prumo da sua soberba, se o filho reagisse, iria á sua panoplia — que era um feixe de montantes e partazanas ferrugentas encostadas a um canto da tulha — e seria capaz de lhe metter um ferro de lança no degenerado peito! Assim fizeram sempre Queirozes, *os bons*, entenda-se; porque ha em Portugal outros Queirozes, que não vem de Bernardo del Carpio — o qual matou o rei dos Longobardos em Italia — e estes fazem o que lhes parece, porque não são dos bons, nem tem diplomas de assassinos desde o seculo X [1].

[1] Como agora se está operando em Portugal um renascimento de estudos proveitosos, indico á mocidade a leitura attenta de tudo que entende com Bernardo del Carpio, e principalmente a *Historia verdadeira* do mesmo *em idioma lusitano por Antonio da Silva, mestre de grammatica*, Lisboa, 1745, 4.º.

Chegados á capital, o solarengo provinciano, sem consultar o filho, agenciou-lhe noiva entre as mais estremes do sangue germanico das Asturias. Isto de esposas, quanto mais barbaras na origem, melhores. Quem poder hoje provar, com trinta e seis quarteis, que seu trigesimo avô era celta, ibero, huno, vasconio, ou gepida, tem barrigadas de orgulho de raça; mas bom será que tenha d'outras para a digestão. Os arabes eram intelligentes, civilisados, e finos: porém vão lá filtrar em uma neta de Pelagio ou Cid uma gota de sangue mussulmano! E' uma arvore podre, uma genealogia estragada; porque póde ser que alguma d'essas Urracas, Ortigas ou Gelorias antigas passasse pelo harem do amir de Cordova, Al horr-Ibn-Abdur rahman-Ath-Thakefi, sugeito que foi muito amado pela melodia suavissima do seu nome.

Não estava no rol das infelizes senhoras de raça mixta a destinada esposa de Antonio de Queiroz. Era Telles de Menezes, mas *dos bons*, oriundos de uma D. Ximena, filha de Ordonho 2.º, que fugiu ao pai com um cavalleiro, que a abandonou em um bosque, d'onde a misera foi dar ao sitio que hoje e Turguêda, na comarca de Villa Real, e ahi casou com Telo, lavrador do casal de *Menezes*. [1]

---

[1] Os linhagistas contam assim a origem d'esta illustre familia. Do rarissimo *Nobiliario* manuscripto de Damião de Goes damos o traslado da original e romantica formação da familia *Menezes e Telles*. «Os Telles e Menezes ha-se por certeza descenderem de el-rei D. Ordonho II de Leão, pela infanta D. Ximena, a qual, enamorada de um cavalleiro da côrte de seu pai, determinou fugir com elle; e, tomando de

— Escolhi-te mulher — disse Christovão. — E' ainda tua parenta por Menezes. Não é herdeira;

---

suas joias e vestidos o que pôde, certa noute executaram este intento, tomando-a elle nas ancas do seu cavallo; e, como as terras não eram tão povoadas como agora, e havia grandes mattas, elles se embrenharam n'ellas, por fugirem de quem os buscava. O cavalleiro, reconhecendo o mal que tinha feito, ou por temor ou por força do fado, com o pretexto de que ia buscar mantimento, se foi, e nunca mais tornou. Vendo a dita infanta sua tardança, e conhecendo sua fugida, com muitas lagrimas começou a caminhar por aquellas mattas com grande risco e trabalho, e no cabo de alguns dias foi ter a um cazal que se chamava *Menezes* [1] onde morava um lavrador que se chamava Tello, com sua mulher, os quaes espantados d'esta novidade por este seu cazal estar mettido em uma grande montanha, compadecidos das lagrimas da hospeda, e agradados da sua grande formosura a recolheram em sua casa, na qual a infanta, despindo os seus ricos saios, se vestiu de saial, e, occultando quem era, os ficou servindo como criada, até que, morrendo a mulher d'este lavrador, este casou com ella, pensando fazer-lhe n'isso esmola. E d'este matrimonio tiveram filhos. D'ali a muitos annos, andando el-rei D. Ordonho, correndo a sua terra, já esquecido de sua filha, foi ter áquelle cazal, onde Tello com sua filha morava, e onde o lavrador o agazalhou como pôde. A infanta vendo ali seu pae, a toda a pressa fez do brocado dos seus vestidos que ainda guardava, dois pelotes a dois filhos que de seu marido tinha, que parecendo-se com ella, eram muito louros e formosos, e logo guizou umas malpassadas que era a maneira de comer de que seu pae se pagava, e n'ellas deitou um annel que o dito seu pae lhe dera; e, feito isto assim, mandou este guizado pelos filhinhos que com muita graça apresentaram na mesa d'el-rei os pratos; o qual, vendo esta novidade, perguntou a Tello que mulher era a que tinha; e, contando-

---

[1] *No termo de Villa Real, freguezia de Turgueda, junto da grande serra do Marão.*

mas o irmão morgado está ethico, e o segundo genito é aleijado e incapaz para o matrimonio. Virá

---

lhe elle o successo passado, de como ali tinha vindo aquella mulher, o dito rei se levantou da meza, logo, e se foi onde ella estava, que, prostrada em joelhos com muitas lagrimas, recebida de seu pai com grande piedade e contentamento, e trazendo comsigo para a côrte a filha, marido, e meninos fez ao genro muitas mercês, e dos dois meninos se affirma procederem os *Telles e Menezes*, formando os ditos apellidos do lavrador e do cazal.»

Até aqui o celebrado chronista d'el-rei D. Manoel. Se o amigo de Luthero e Erasmo era tão veridico historiador como genealogico, mui graves contas hade ter dado a Deus, depois de as cá ter dado ao conde da Castanheira que lhe bateu directa e indirectamente, por causa de sua bisavó D. Maria Pinheira, de Barcellos. Convem saber que o rico-homem Tello Peres, oriundo das Asturias, e quinto neto de D. Fruella II, foi senhor de *Menezes*, na Navarra, por troca de Malagan que fez com Affonso VIII, na era de 1217, (anno de Christo 1179). Menezes era na Navarra, e não em Turguêda, nas faldas do Marão. D'este Tello descende D. Affonso Telles que casou, em segundas nupcias, com D. Thereza Sanches filha illegitima de D. Sancho I e de D. Maria Paes, a Ribeirinha. D'esta vergontea é que abrolharam ao diante flôres como Leonor Telles. Quanto ao annel que fazia parte do guizado de Ordonho II encontra-se memoria d'elle nas armas de todos os Menezes, bons: Cantanhedes ou Marialvas, Taroucas ou Penalvas, etc. Não se comprehende que a fabula da fugitiva filha do rei asturiano seja regeitada como patranha, e nos timbres das armas de Menezes appareça uma figura de mulher de cabellos soltos com um escudete de ouro e um annel perfilado de vermelho com um rubi engastado. Eis aqui um bonito assumpto para os saráos litterarios da Academia real n'este inverno. E quando estes estudos não valham muito para a historia patria, são assaz aproveitaveis para uma Fauna Lusitana bem methodica.

ella por tanto a herdar os vinculos. E' preciso que a visites hoje commigo.

— Meu pai — respondeu Antonio com respeitosa serenidade — póde v. s.ª dispôr da minha vida; mas do meu coração já eu dispuz. Ou heide casar com uma rapariga de baixa condição a quem prometti, ou não casarei nunca.

O velho poz a mão convulsa nos copos do espadim, arquejou largo espaço, e disse:

— Duvido que vossê seja meu filho. Prohibo-lhe que se assigne *Queiroz de Menezes*. Adopte o appellido de algum dos meus lacaios.

Antonio levantou o rosto e redarguiu:

— Não se ultraja assim a memoria de minha mãe.

O velho nutava entre a colera e a vergonha. Estendeu o braço, e apontou-lhe a porta, rugindo:

— Espere as minhas ordens no seu quarto.

Ao outro dia, um mandado da regencia ao intendente geral da poiicia ordenava a prisão do cadete de cavallaria, Antonio de Queiroz e Menezes, no Limoeiro.

*

* *

Josefa esperava confiada, mas afflicta. Não sabia escrever, não tinha ninguem a quem pedir a esmola de uma carta. A mãe olhava para ella com attenção, mas sem desconfiança. Fazia-lhe umas perguntas da maior naturalidade, e inferia das respostas que a rapariga não estava sã. O cirurgião da terra,

que matava pelo *Portugal Medico* e pelo *Mirandella*, receitava-lhe implastos de ervas orjavão e sempronia, fervidas em um quartilho de aguardente. Ao fim de quatro mezes, João da Lage, que matava o bicho todos os dias, e tão copiosamente como se tivesse no estomago a arca de todas as bestas-feras diluviaes, queixou-se rusticamente das sangrias que soffrera o pipo. A mulher refilou; e, no apuro da sua indignação, bradou-lhe:

— Ainda eu te veja como está a rapariga!

— Salvo tal logar! — retrucou. — Rebentada te veja eu a ti!

O cirurgião continuou até ao quinto mez; depois, sorrindo com certa velhacaria, tocou brandamente na face da doente, e disse-lhe a meia voz o que quer que fosse muito semelhante ao que uma comadre, pela bocca de Gil Vicente, havia dito tres seculos antes a Rubena:

Isto é cousa natural,
E muito acontecedeira,
Se nunca fora outra tal,
Disseamos que era mal,
Por serdes vós a primeira.

A vida intima é cheia de passagens ridiculas. A gente, que escreve casos tristes, se lhes não joeirasse a parte comica, não arranjava nunca uma tragedia. Estava alli aquella desgraçada mulher sobre as brazas do seu supplicio, e á volta d'ella a bruta vida de seus pais — elle a esconder o pipo da aguardente de medronho, a mãe a pisar erva sempronia

e a pedir sinceramente ao ceo que lhe levasse o marido em uma das suas frequentes borracheiras.

Josefa já não sahia da cama, afim de evitar que a vissem. Expedia gritos de indisivel angustia, estorcia-se em phrenesis. Tinha alanciada a alma pelo tormento da desesperação. Antonio de Queiroz não chegava!

Um dia, porém, uma mulher não conhecida de Maria da Lage, muito velha e bem agraciada de semblante devoto, perguntou-lhe no adro, ao sahir da missa, como estava a sua Josefa. A lavradeira disse mal humorada o que sabia da doença, e perguntou-lhe quem era. A curiosa respondeu que era d'além-Tamega, e viera áquella freguezia por causa d'um sonho que tivera. E, dizendo isto, levantou os olhos para o ceo, e baixou-os logo para a terra com humildade de pessoa indigna das mercês do alto.

— Então que sonhou vossê, tiazinha? — perguntou Maria da Lage aconchegando-se da mulher com bastante fé.

— Em sua casa lh'o direi, pois que a sua casa é que venho.

E deixou cahir uma das contas de páo preto, que batendo na immediata do rosario, fez o soído de umas castanhetas.

Quando entraram no quinteiro, sahia o lavrador da adega, onde pela terceira vez fôra matar o bicho, aquella hydra de Lerna que botava cabeças todo o santo dia no bucho herculeo do João da Lage. Vendo a companheira da esposa, perguntou-lhe:

— Quem é essa creatura, ó Maria?

— Que te importa? Se havias de ir á missa, ficaste a beber, borracho! Entre cá p'ra dentro, santinha.

— Guarde-o Deus, sr. João — disse a hospeda.

— Vossemecê não é a Rosaria, a mulher do Manuel Tocha, caseiro do sr. sargento-mór da Temporan? — perguntou João, infitando-se n'ella.

— Sou, sim senhor.

— Valha-a o demo! Custou-me a conhecel-a! Vossê vem assim a modo de quem anda a pedir p'ra uma missa! Se quer beber, entre cá. Vossê parece esmaleitada, mulher!

— Deus lhe dê saude; agora não é preciso. Vou cá dentro conversar com a sua companheira á conta d'umas meadas.

— Meadas? Vossês lá as arranjam... — disse ironicamente João, ao que a mulher retorquiu:

— Vai-te deitar.

Elle não se offendeu, porque, em verdade, foi se deitar, como quasi sempre ia, nos fenos do palheiro, onde tinha visões como nunca tiveram os narcotisados kalifas de Damasco, resupinos em almofadas da Persia.

Entretanto, a mulher de Manuel Tocha revelava á mãe de Josefa que sua filha estava doente de morrer, se lhe não acudissom...

— Tenho-lhe posto cataprasmas de orjavão e sempronia, ha quatro mezes a eito todas as noites — atalhou Maria da Lage.

— Isso não lhe faz nada; é o mesmo que pôl-as na barriga d'aquella cadella, — e apontava para uma perdiguera que uivava, ouvindo tocar ao longe uma requinta.

— Raios partam a cadella! isto é agouro! — exclamou a dona do casa, remessando-lhe um canhoto ás pernas com grande colera.

— Sua filha está infeitiçada, tia Maria — proseguiu a outra.

— Eu já a levei ao sr. São Bartholomeu — contraveio Maria.

— O santinho tira o cão tinhoso, mas não desfaz os bruxedos—replicou Rozaria Tocha. — Vamos ver se ainda lhe podemos valer.

— Deu-lhe p'ra inchar! — observou a mãe da enfeitiçada.

— Não qu'elle é isso quando o feitiço adrega de pegar d'ostrução — explicou sufficientemente Rozaria.

— Vejam vossês! — volveu a outra assombrada, cruzando os braços.— Quem m'a tolheu?

— Isso agora! — e olhou para o tecto. — Vamos. Leve-me onde a ella, que eu preciso requerel-a. Aqui levo as *arreliquias* p'ra lhe deitar ao pescoço.

E mostrou dependuradas de um negalho surrado e sebaceo as seguintes, entre outras cousas cabalisticas: duas figas de azeviche, duas pontas de vacca loira, um canudinho de latão com um agulheiro, outro como um dedal, o *sino-saimão* aberto em placa de chumbo. Dizia ella que os canudos continham ossos das sete irmãs santas naturaes de Basto, de S. Cucufate de Braga, de S. Pascasio, bracharense tambem, e de S. Rozendo, do Porto, cidade que ainda não deu outro santo, nem promette. E, exhibidas as reliquias, accrescentou:

— Preciso ficar sósinha com a doente, e vosse-

mecê em quanto eu lá estiver não me corte o ar, entende?

— Olhe que eu não sei o que vossemecê diz, santinha, lá d'isso de cortar o ar, salvo seja.

— Não abra a porta do quarto em que a tolhida estiver commigo, percebe agora?

— Ah! quanté isso, vá descançada. Feche-se por dentro no sobrado, que ninguem lá vae. Venha d'ahi com Deus.

E, encaminhando a supposta benzedeira ao sobrado alto em que estava a filha, entrou com ella e disse a Josefa:

— Aqui te trago a saude, rapariga! Mal haja quem te metteu no corpo o feitiço! Tantos diabos o levem...

— Credo! credo! — atalhou a benzedeira. — Vá vossemecê rezar sete salve rainhas, e não falle no berzabum. Nada de chamar quem está quêdo.

*

* *

Fechada com Josefa, Rosaria escutou á fechadura os passos da outra que descia; e, abeirando-se á doente assustada pela inopinada visita, disse-lhe com o maior e mais desbeato desempeno:

— Eu venho aqui com um recado do fidalgo novo de Cimo de Villa.

— Elle onde está? — exclamou Josefa em ancias de alegria.

— O sr. Antoninho está preso em Lisboa.

— Ai! meu Deus! preso!

— Não barregue, falle baixo, que se nos ouvem, lá vae tudo co'a breca. Eu lhe conto, Josefinha. O fidalgo escreveu de Lisboa ao filho do meu amo, que é o sr. sargento-mór da Temporan, a dizer-lhe que o pae o mettera em ferros d'el-rei porque elle não quizera casar com uma menina de lá, e diz que o não tira da cadeia em quanto elle teimar que não casa. Olhe que diabo de homem, Deus me perdoe! E vae ao depois, o sr. Antoninho escreveu ao meu patrão novo a contar-lhe isto e aquillo e aquell'outro, pr'aqui, p'racolá, e escreveu-lhe então a dizer-lhe que a sr.ª Josefinha estava n'esse estado, e coisas e tal, como o outro que diz, que em bom panno cae uma nodoa. E vae depois o meu amo foi onde a mim, e contou-me réz véz tudo, e até me leu a carta, que as bagadas me cahiam quatro a quatro por esta cara abaixo (e alimpava a cara enxuta ao avental.) O' filha, as mulheres nasceram para os trabalhos! Não chore, creatura, que eu vou dizer-lhe ao que venho e vossemecê vae ficar alegre como uma levandisca. O meu patrão mandou-me chamar, leu-me a carta, e disse-me que viesse eu fallar com vossemecê, custasse o que custasse, e lhe dissesse que fugisse quanto antes de casa e fosse ter á quinta do Enxertado, que é do sr. Antoninho, e lá seria recolhida pelo feitor até elle vir de Lisboa. Ora aqui tem.

— Pois sim — exclamou Josefa com exultação e profundamente abalada. — Eu fujo ámanhã, porque tenho medo que minha mãe me mate, se desconfia. O peor é que eu não sei o caminho para o Enxertado.

— Não tem que saber...

E explicou-lhe o trilho que devia seguir passadas as poldras do Tamega; mas, para se não enganar, disse que mandaria o rapaz das cabras esperal a na encruzilhada do Matto, ao pé da caixa das alminhas, e não descobrisse ella quem era ao rapaz, e que lhe dissesse sómente: «ande lá.»

Rosaria embiocou o rosto no lenço, enfiou as camandulas no pulso esquerdo, e desceu as escadas. Maria da Lage sahiu lhe da porta da cosinha com a bocca aberta e cheia de interrogações:

— Então?

— E' o que eu lhe dizia, creatura — respondeu Rosaria. — Pegou-lhe deveras; mas tem cura. Vá vel-a que já não parece a mesma; tem outro duairo na cara, está com uma pelle de rosto que parece uma rosa, benza-a Deus!

— Pois ella sãsinha e escorreita é como não ha muitas; e então virtude? isso é que nenhuma, nem na mais pintada! As outras por ahi na freguezia todas tem rapazes que lhe rentam, e algumas... sabe Deus o que ellas fazem. Cala-te boca! (e, estendendo os beiços, esbofeteava os). A minha Josefa nunca tolejou tanto como isto. Andaram ahi atraz d'ella os fidalgos de Agunchos, a mais os filhos do sr. capitão-mór, Deus lhe falle n'alma, que é um que dizem que anda a penar na Agra; vossemecê hade ter ouvido dizer...

— Sim, sim, Deus o despene!

— Pois é verdade, e a rapariga teve bons casamentos fallados, e lá quem na tirasse das suas devoções, de ir lavar ao rio, e de guardar as ovelhas

era matarem-na. Pois olhe que esses feitiços são invejas das desavergonhadas que não podiam levar á paciencia a virtude da minha Josefa. Havia de ser a bregeira da Rosa da Fonte e aquella tinhosa da Bernarda do Manel Zé! Cala-te, boca! Em fim, vossemecê agora hade mastigar um bocado de presunto para beber uma pinga do velho.

— Deus lh'o accrescente, sr.ª Maria; eu jejuo para ganhar o jubileu. Vou-me indo que são horas. Adeusinho, se fôr preciso que eu cá torne, não tem mais que mandar-m'o dizer.

Maria galgou as escadas, e foi topar a filha sentada na cama a desengrenhar os seus loiros e bastos cabellos com uns meneios largos de braços e um atirar de tranças para traz que parecia uma alegre amante a pentear-se para ver passar o noivo amantissimo.

— Ora ainda bem! — exclamou a risonha velhota. — Foi o meu padre Santo Antonio que trouxe cá a santa da mulher! Vaes te prantar a pé, rapariga? Ha cinco semanas, fal-as ámanhã, que não sahes d'esse ninho! Queres tu comer? Vou-te buscar uma tigella de caldo, uma posta de presunto e um pichel de vinho. Bebe-lhe, cachopa, e mal hajam as invejosas que te fizeram a mandinga. Hão de roel-a! Sabes quem foi?

— Quem foi o que, senhora mãe?

— Quem te fez o feitiço? ninguem foi senão a Bernarda do Manel Zé que te veio aqui pedir um dia, lembras-te? o teu jaqué amarello com botões azues. Foi para te fazer o feitiço no jaqué.

— A'gora foi, coitada da pobre rapariga que é tão boa! — contradisse Josefa.

— Então quem foi? — interpellou a mãe com azedume — quem foi?

— Eu sei lá, senhora mãe! quem foi o que?

— A mulher que aqui esteve comtigo não te disse que era feitiçaria o teu mal?

Josefa, caindo em si, respondeu balbuciante:

Ah! sim, isso disse ella, mas...

— Mas quê? Não foi outra senão aquella tysica que não quer que haja outra mais bonita na freguezia. Pões-te a pé ou não?

Josefa com o pente na mão direita descahida e inerte, e a cabeça encostada á mão esquerda, sentia-se como cançada, esvahida de alento, e esmorecida como se o subito incendio de felicidade fosse um lampejo de estopas que se inflammam e nem faulhas deixam. E' que ella n'esse momento sentira uma dôr physica, desconhecida, não forte, mas acompanhada de um calefrio. A mãe, vendo a mudar de côr, attribuiu o desmaio a fraqueza, e correu a trazer-lhe uma farta malga de caldo fumegando por entre uma floresta de couves recheadas de feijões vermelhos. Quando entrou no quarto, viu a filha fóra da cama, vestindo as saias com agitação febril, e chamando Jesus, com os dentes cerrados.

— Que tens tu, mulher? — exclamou a mãe

— Estou muito afflicta, afflicta! Jesus, valei-me! —dizia Josefaentre gemidos, sentando-se, erguendo-se, e fazendo até uns gestos diante da mãe como se quizesse ajoelhar-se-lhe com as mãos erguidas.

— Que tens, mulher? — bradava a mãe, seguindo-o espavorida n'aquelles tregeitos phreneticos. — Doi-te alguma cousa?

— Tenho uma dôr muito grande... muito grande...

E, como levasse as mãos aos quadris no impeto da dôr aguda, a mãe quedou-se como estupefacta a olhar para ella. N'este instante fez-se-lhe luz na alma a um clarão infernal. Aquelles gritos e contursões recordaram-lhe que havia sido mãe: viu, como nunca vira, os signaes exteriores do crime nem sonhado; os modos supplicantes da filha confessavam o crime.

Fez-se uma desfiguração improvisa e medonha nas feições de Maria da Lage, quando, crescendo para a filha, com as mãos fincadas nas fontes, bramiu:

— Tu que tens? tu que fizeste, amaldiçorda?

Josefa ajoelhou-se, com as mãos no rosto lavado em lagrimas, e murmurou:

— Deixe-me chorar, minha mãe, que eu á noite vou-me embora.

— Vais-te embora, malvada? Então p'ra onde vais tu? Morta te veja eu antes de á noite! P'ra onde queres tu ir? Quem foi que te botou a perder? Respondes, mulher perdida? Olha que se me gritas de modo que alguem oiça, dou-te com o olho de uma enxada na cabeça! Pois tu! pois tu!... Ai! que eu indoideço! ai que eu indoideço!...

E, com as mãos na cabeça, partiu a fugir escada abaixo, e foi sumir-se no palheiro, dando gritos com a cabeça mettida no feno para os abafar.

Entretanto, João da Lage, entrando á cosinha para jantar e não vendo ninguem, foi bater á porta da filha.

— Que é de tua mãe, rapariga? — perguntou de fóra, porque a lingua da chave estava corrida.

— Não está aqui, sr. pai.

— Hoje não se come? Cá vou ver o que está na panella: quando ella vier, diz-lhe que eu cá m'arranjei.

E, de feito, extrahindo do pote um naco de toicinho com que fez uma enorme e pingue sandwiche entre duas talhadas de broa, foi para a adega, sentou-se ao pé da cuba, e murmurou: «Aguenta-te João, que tua mãe não faz outro.»

Este homem tinha em si algumas faiscas do genio de Diogenes, um tudonada do espirito de Epicuro, e o mais era espirito de vinho. Viveu assim largos annos, reformando-se sempre para peor, e morreu aos 80, como lá dizem, coberto de musgo, que era o sarro interior que lhe porejava na casca. Com alguma sentimentalidade no coração e frugalidade no estomago, morreria na flôr dos annos.

*

* *

Com toda a certeza, Maria da Lage soffrera punhalada que rasga profundas fibras em peitos de mães honradas. Era dura de condição, tinha o orgulho selvagem da honra, comprehendia barbaramente o dever da mulher, e julgava-se com direito a murmurar de todas as frageis, sem descriminar

as infelizes. O seu odio ás mães tolerantes com os desatinos das filhas era intranhado, convicto e implacavel. Da caridade christã só intendia o preceito da esmola. O confessor não lhe ensinara outra interpretação da terceira virtude theologal. Não perdoava cegueiras de amor porque não amára nunca. Se imaginava que a filha podia desvairar uma vez, sentia nas mãos as crispações nervosas de quem estrangula um pescoço. Como era deslingoada e mordacissima nas fraquezas alheias, impunha tacitamente á filha o dever de a sustentar na sua soberba inexoravel. Uma ligeira camada de verniz social não sei o que faria d'esta mulher. Ainda um d'estes dias contavam as gazetas de uma illustre dama parisiense que matou a ferro frio uma neta que conspurcára a sua raça em amores abjectos. Em tempos tenebrosos, os mosteiros portuguezes eram o dragão com os colmilhos abertos para esta especie de victimas que os pais lhe atiravam: se o cubiculo claustral as não amordaçava, havia o tronco, a enxerga e a fome; depois a sepultura; mas o brazão limpo. Se ha inverosimilhança na crueldade das mães como Maria da Lage é lá onde são raras as que pódem ler ás filhas o livro da sua vida honesta.

Ao intardecer d'aquelle dia de agosto, a mãe de Josefa, segundo o marido contou ao vigario na cangosta do Estevão, foi levada em braços para a cama; e n'aquelle lance, João, ouvindo dizer que o pegureiro perdera uma rez, deixou a mulher a escabujar no catre, e foi interpellar o rapazinho, reclamando-lhe a cabra ou os figados.

Ao mesmo tempo, Josefa era mais um dos innumeraveis exemplos da força prodigiosa da mãe, quando a soledade e o desamparo a obrigam a soccorrer-se de si mesma. Ninguem lhe ouviu os ultimos gritos d'ella nem os primeiros vagidos da creança. Quem ler, em um tratado de obstetricia, as regras, conselhos e disvellos que a sciencia agrupou á volta da puérpara, e souber da inutilidade da arte e dos preceitos, quando o infortunio ou o acaso interceptam o menor auxilio á mãe, nivelando-a n'esse lance ás especies irracionaes, convence-se de que a mulher do periodo quaternario (vou assim longe porque na Biblia se conhecem de nome as parteiras Seffora e Fua) não carecia de mais assistencia que a loba das cavernas. E observa tambem que os encarecimentos, e demasias da arte a enfraquecem e melindram, privando-a da confiança pessoal, da consciencia da força propria e de algum modo estorvando as influencias directas da natureza.

Josefa, quando descia de manso a escada do seu quarto, amparando-se á parede, trazia debaixo do braço um berço com o filho: era o mesmo berço em que a mãe a creára, uma canastrinha de verga urdida tão densa e solidamente, e com o fundo fasquiado de madeira tão impermiavel, que poderia estancar a agua sem transudar. Um saiote de baeta dobrado envolvia a creança, deitada sobre a velha enxerga de serradura.

A mãe era robusta; sentia-se esvaída, mas contava comsigo, se tomasse algum alimento. Na cosinha não estava ninguem, quando ella atravessou de

passagem para o quinteiro. Olhou para a lareira a vêr se acharia um pouco de caldo. Não o queria para si; era para o converter no leite da sua filha. Pousou o berço no escano; ia levantar o testo do pucaro; mas n'este instante ouviu os brados da mãe, cuja cama era na tulha, no mesmo plano da cosinha. Estremeceu, cuidando que fosse apanhada; pegou da creança, e fugiu, lançando a saia de panno azul pela cabeça, e apertando o berço contra o peito.

O seu destino era o abrigo que o pai de sua filha lhe dera. Da parte d'além-Tamega, logo á ourela do rio, pediria que a fossem guiar no máo caminho da grande legua que a distanciava da quinta do Enxertado. Lembrou-se de José da Monica, o pastorinho que lhe era muito affeiçoado; mas, ao atravessar o quinteiro, ouviu a voz do pae a praguejar contra o rapaz, que perdera a cabra. A Brites do Eirô reconheceu-a a saltar para o campo da Lagôa: o pescador da chumbeira ouviu-a chorar na Cangosta do Estevão, quando amamentava a creança, e lhe parecia que a filha, não achando leite, se lhe estirava hirta nos braços como morta. Atormentavam-na dôres outra vez, e sentia-se torvada, desfallecida e sem forças para transpor as poldras que não estavam perto. Havia de atravessar o hervaçal que o moleiro e o pastor percorreram um quarto de hora depois. Quando ouviu vozes, ao longe, no alto da barroca, ergueu-se cambaleando, saltou a valla, invocando o auxilio das almas bemditas. Era o Luiz moleiro que vinha descendo com o rapaz. Ao avistar as poldras que alvejavam poídas e resvaladiças ao lume d'a-

gua, teve vertigens e disse entre si: «Eu vou morrer.» Poz o berço á cabeça, esfregou os olhos turvos de pavor, e esperou que as pancadas do coração socegasssem. Depois, benzendo-se, pizou com firmeza as quatro primeiras pedras; mas d'ahi em diante ia como cega; a corrente parecia-lhe caudal e negra. Quiz sentar-se em uma das poldras; e, na precipitação com que o fez para não cahir, escorregou ao rio. A agua era pouca, e a queda de nenhum perigo; mas o berço cahiu na veia da corrente que era bastante forte para o derivar. Quando ella estendeu o braço já o não alcançou. Arremessou-se então ao rio; mas os altos choupos da margem, encobrindo a baça claridade das estrellas, escureceram o berço. N'este lance, perdido o tino, a desgraçada cortou de travez para a margem, onde um claro de areia se lhe afigurou o berço. Quando ahi chegou, cahiu; e, na queda, agarrou-se ao esgalho do salgueiro em que o pastor e o Luiz moleiro a encontraram moribunda.

Sabem os successos posteriores, desde que ella expirou nos braços do veterano até que o escrivão do juiz ordinario nos deu o exemplo da dissecção d'aquelle cadaver. Viram que Maria da Lage, rompendo sósinha pelo escuro da noite, quando ouviu dizer que a filha se afogára, foi mãe n'aquella já tardia explosão de angustia e amor. O remorso pôde mais com ella que a selvageria da sua virtude; mas ainda viveu seis annos com revezes de demencia, e morreu em casa dos seus irmãos em Santa Maria de Covas de Barroso, repellindo o marido desde que lhe ouvira dizer: «A rapariga

faz-me falta porque não tenho quem me governe a casa.»

*

* *

Antonio de Queiroz soube no Limoeiro, por carta do seu amigo da Temporan, que Josefa de Santo Aleixo se suicidára no mesmo dia em que elle conseguira enviar-lhe o aviso para a fuga. O informador, espantado do successo, attribuia á demencia repentina a resolução da infeliz que ainda na manhã d'esse dia se mostrára contentissima com a deliberação da fugida para a quinta do Enxertado.

O vigario de Santa Marinha tambem avisou Christovão de Queiroz do suicidio da rapariga. O fidalgo conferenciou com a regencia, e o intendente geral da policia mandou passar alvará de soltura ao cadete de cavallaria.

— Vamos para a provincia, se não quer casar — disse Christovão ao filho.

— Nem caso nem vou para a provincia, meu pae — respondeu Antonio de Queiroz.

— Tornará para o Limoeiro.

— Irei já em quanto lá tenho a minha bagagem.

— Para onde quer ir?

— Para o Rio de Janeiro: seguirei lá a vida militar.

— Sabe que é o successor dos meus vinculos?

— Disponha v. s.ª d'elles se quer e se póde; a mim me bastariam a felicidade, a mocidade e a alegria que me matou.

— Com quem cuida vossê que falla? — interpellou o fidalgo com Bernardo del Carpio ás cavalleiras que lhe esporeava as ilhargas com o direito de avô. Afuzilavam-lhe os olhos, como ao seu antepassado quando matou o rei dos longobardos em Italia.

— Com quem cuida vossê que falla? — repetiu o convulso velho.

— Com v. s.ª, um homem que eu sinceramente temo, porque tem a minha liberdade e o Limoeiro á sua disposição.

— Não é meu filho! Vá para o Brazil, vá para onde quizer. Sua mãe teve cinco mil cruzados de dote. D'essa sei eu que vossê é filho. Recebel-os-ha hoje, e ámanhã partirá!

FIM DA PRIMEIRA PARTE

VIII

MARIA MOYSÉS

MARIA MOYSÉS

SEGUNDA PARTE

Francisco Bragadas, o timorato pescador de chumbeira, despedindo-se do moleiro, com certas apprehensões agoirentas, teria dado trinta passos rio abaixo com a rede já enrolada, quando ouviu no recanto escuro ou angrasinha da corrente, que espraiava para dentro de um algar, o chôro abafado de uma creança. A' primeira, esfriou de medo; mas esperou a reacção do bom senso. Pé ante pé, acercou-se do logar sombrio d'onde vinha a toada incessante d'aquelle rispido chorar. Elle, que era pae de muitos pequenitos, não podia confundir os vagidos de um menino com os guinchos das desdentadas bruxas, as quaes, por via de regra, costumam cacarejar casquinadas de riso quando lavam nas claras aguas das ribeiras os seus indecentes arcaboiços.

Estendendo a mão, tocou na face tepida da creança. O berço quedára-se enleiado na ramagem

de um salgueiro vergado pelo pezo de uma rede ou pardêlho, como lá dizem, que d'alli, atado n'elle, atravessava para a margem da Insua, — um bosque de choupos assim chamado. As boias arfadas pela corrente chofravam nos flancos do berço. Francisco Bragadas exclamou levantando a canastrinha:

— Oh! pobre menino! atiraram-te ao rio! Ainda eu mais verei n'este mundo! — E, apalpando-lhe o corpo por debaixo do saiote, disse maravilhado: — E nem sequer está humido! isto é milagre!

Como a chumbeira lhe pezava, escondeu-a em uma lura do vallado, e deitou a correr para casa, com o berço debaixo do braço.

A mulher de Bernardo, sentada á porta da cosinha, embalava uma filha com o pé, em quanto amamentava a mais nova.

— Cá tens mais um, mulher! — disse elle, quando a avistou.

— Um quê, homem?

— Um creanço que pesquei no rio.

— Tu estás tolo, Bernardo?

— Aqui o tens tal qual o topei engasgalhado n'um amieiro, berço e tudo. Olha que desgraça, ó Isabel!

A mulher benzia-se; foi buscar a candeia; convenceu-se que era uma creança viva, poz as mãos, olhou para o ceo com profunda magua, e exclamou:

— O' homem, o mundo está a acabar!

— Dá-lhe o peito quanto antes, senão o mundo acaba-se para elle. Aqui t'o deixo, que eu vou contar aos fidalgos este caso.

— Ai! — exclamou ella examinando a creança — é uma menina, e ainda não tem cortada a *invide!*

Queria dizer que ainda não estava ligado o cordão umbilical. Isabel tinha a sciencia pratica de mãe de onze filhos, todos nascidos sem mais auxilio que o do seu homem e o da sua serena coragem n'aquelle acto. Confessava-se na vespera, commungava de madrugada, e depois com o maior socego d'alma e muita conformidade com as dores, matava uma gallinha, e dizia ao marido:

— Vamos a isto, Bernardo.

Depois, lá prestava os cuidados á creança, ella mesma a lavava, não na queria enfaixada; dava-lhe aos braços toda a liberdade, todo o alento aos pulmões. Era como as mulheres de Israel, de quem as parteiras egypsiacas diziam ao Pharaó: «As mulheres dos hebreus não são como as dos egypcios; porque ellas mesmas se sabem partejar, e, antes de nós chegarmos, párem.» (*Biblia*, *Exodo*, cap. 1.º, v. 19). E, dois dias depois, mandava o homem para a lavoura, e ella ia para a labutação da cozinha, dos cevados, da maceira, com umas cores rosadas que parecia uma noiva na vespera de ser esposa.

O cazeiro atravessou um campo de hortas e pomares na extrema do qual estava a casa nobre, onde os fidalgos de Santa Eulalia costumavam passar o estio para se banharem no Tamega.

Esta familia era do Arco de Baulhe, gente nobre e antiga. Duas senhoras de outros tempos com seu irmão desembargador aposentado, homem erudito em historia patria, sabendo de cór a *Monarchia* de Brito. Estava hospede na casa o conego de Braga João Correia Botelho, ainda frescal, grave, fallava muito no Pentateuco, e asseverava que o primeiro

e mais veridico historiador do genero humano fôra Moysés — asserto que ninguem lhe contestava. D. Maria Tiburcia e D. Maria Filippa eram solteiras. Passavam dos cincoenta, idade em que o sexo principia a descaracterisar-se, periodo equivoco em que a mulher, se não tem filhos que lhe affirmem uma serventia retrospectiva, parece que foi sempre assim, uma cousa melancolica, embalsamada, e presa á bisca sueca pelo espirito e á caixa do esturrinho de 1813 pelo nariz.

Haviam sido feias de modo e feitio pouco vulgar, mas muito honestas, posto que não antipathisassem com Cupido. Gostavam de alguns sujeitos que fingiram ignorar o sentimento involuntario que accendiam. Ellas tinham fogo latente no peito; mas, por causa da má cara que possuiam, tornaram sagrado aquelle fogo de que ellas mesmas eram as vestaes. Para estas senhoras não tinham significação estas palavras do padre Manuel Bernardes: «Mui ingremes e costa arriba são as veredas da castidade!» Eram castas estas duas irmãs como as melancias são frescas e os tremoços semsaborões: — era o seu feitio e a sua natureza. Na folha do inventario cabia a cada uma dez mil cruzados; porém, nunca exigiram quantia notavel de seu irmão, senhor de grandes prazos, o doutor Theotonio de Valladares, que tambem era solteiro, mas menos casto que as manas. E era isso não pequeno desgosto para ellas. O mano doutor tinha servido logares de magistratura, desde juiz de fóra até corregedor, em varias comarcas, e por todas ellas deixára prole illegitima. Umas filhas eram freiras franciscanas, outras eram

mães; alguns filhos seguiam as lettras, outros as armas: tinha filhos para todos os officios e artes. Era o D. Sancho *povoador* de seis comarcas, mas povoador de sua lavra, moto-proprio e propagação pessoal.

*
* *

Quando o cazeiro, a deitar os bofes pela bôca, appareceu a dar noticia do achado da creança no Tamega, estavam as senhoras e mais o conego e o irmão a jogar a sueca. Largaram as cartas a um tempo. O conego ergueu os oculos de tartaruga para a testa, e exclamou:

— Parece um caso biblico!

— Ha factos analogos na historia da Lusitania— observou o desembargador, recordando-se.

Em quanto os dois pilares da historia sagrada e profana porfiavam em erudições respectivas ao caso, D. Maria Tiburcia disse ao ouvido de D. Maria Filippa:

— Olha que isto é marosca, mana!...

— Marosca?

— Sim. Deixemo-nos de trêtas... A creança é filha do mano Theotonio.

— Credo! tu que dizes, mana Tiburcia? O mano doutor não mandava atirar ao rio a creança...

— Isso sei eu; mas arranjava esta comedia com o cazeiro. O Bragadas vem ensaiádo por elle, e talvez pelo conego.

— Eu sei! — duvidou a outra. — O mano Theo-

tonio não precisava de estar com estas indróminas... E quem hade ser a mãe ?

— Faltam ellas por ahi...

— E' necessario — disse o conego Botelho — baptisar a creança ámanhã, que não vá ella morrer, que é o mais natural. Madrinha hade ser uma de vossas senhorias, minhas senhoras ; padrinho hade ser o sr. desembargador.

— Promptamente ! — annuiu o doutor Theotonio.

— Vês ? não é elle o pae — disse D. Maria Filippa á irmã a meia voz.

— Será elle o conego ? — redarguiu D. Maria Tiburcia.

— Não sejas má lingua ! Olha quem ! coitado do homem !...

— Então qual é madriaha ? — perguntou o padre.

— Póde ser a mana Filippa — disse a outra.

— Serão vossas senhorias ambas, porque madrinhas tem logar de mães, ou mãesinhas, que é o diminuitivo de *madres mães*.

— *Matrecula*, de *mater* — accrescentou conspicuamente o doutor.

— Isso — confirmou o conego, em quanto as duas irmãs estavam a ver se percebiam o modo como eram mães por um figurado esforço de latinidade.

— E na qualidade de mães substitutas que o sacramento lhes confere, visto que a recem-nascida não tem mãe conhecida, tem de ficar a creancinha a cargo de seus padrinhos, pois que o Francisco Bragadas tem onze filhos... — accrescentou o conego.

— Serão doze — atalhou o agricutor — mas se vos-

sas senhorias tomarem conta da engeitadinha, boa esmola lhe fazem.

— Sim, Francisco — disse o desembargador — tomaremos conta da engeitada. A'manhã iremos a S. Salvador baptisal-a.

O cazeiro sahiu alegre, a pensar que Deus lhe olharia pelos seus pequenos, em paga de elle acudir áquella creança que, depois de baptisada, se morresse, já teria azas que a levantassem até ao paraizo. Elle não era theologo, nem conhecia o limbo.

— Como hade ella chamar-se? — perguntou o conego.

— *Maria*, já se vê — respondeu D. Tiburcia — A mana é Maria.

— Bem sei, minha senhora; mas hade accrescentar-se-lhe um sobrenome indicativo da circumstancia em que foi encontrada, n'um berço sobre o rio. Muito bem sabe o sr. desembargador o que a Biblia refere. O impio Pharaó mandára matar as creanças do sexo masculino, dizendo: «Lançai no rio todo o que nascer macho, e não reserveis senão as femeas».

— Sim, conveio o desembargador, vae o conego contar-nos o caso de Moysés.

— Justamente, Moysés foi achado no rio, e vinha á flor da corrente deitado n'um berço. Parecia-me, portanto, que a menina se chamasse *Maria Moysés*, em commemoração de tão extranho successo.

— E porque não hade chamar-se *Maria Abidis?* — perguntou o doutor.

— *Abidis?!* — disse o padre invocando a memoria — que é isso de *Abidis?!*

— E' um caso similhante da historia portugueza, sr. conego. Leia, leia o meu Bernardo de Brito. Não lhe tenho eu dito cem mil vezes que a nossa historia é um thesouro de ricos acontecimentos applicaveis philosophicamente a tudo quanto ha mais extraordinario?! Eu lhe conto de memoria; e, se ella me falhar, irei buscar o tomo I da *Monarchia Lusitana* que é livro que nunca me larga. — E tomando do esturrinho de D. Tiburcia, continuou com emphase: — Gorgoris, rei da Lusitania, no anno 2806 da creação do mundo, foi o inventor do mel.

O conego sorriu-se.

— O senhor ri-se? — acudiu o doutor.

— Eu cuidei que o inventor do mel houvesse sido o inventor das abelhas — explicou o padre.

— Essa não me parece de homem que lê! Esse casaco que o senhor tem vestido, quem o inventou? quem é que inventou os casacos, pergunta a minha curiosidade?

— Eu não sei.

— Se o conego quer que o inventor do mel haja sido o inventor das abelhas, responda que o inventor dos casacos foi o inventor dos carneiros que dão a lã dos estôfos.

— Tem razão — conveio ironicamente o conego — Vamos á historia de Gorgoris.

— Que por inventar o mel se chamou o *Melicola*.

— *Meli* e *colo:* não o inventou, *cultivou-o;* são coisas diversar — reguingou o padre.

— Inventou, de *invenio — eu acho*. Achou-o.

— Ai! que fazem somno á gente com a secca dos

latinorios!... — atalhou D. Maria Filippa — Vá, mano, conte lá a historia.

— E' melhor — obtemperou o hospede — Eu não interrompo mais seu mano, minhas senhoras.

— Interrompa quanto quizer, que eu cá estou. O rei da Lusitania Gorgoris teve uma filha que se apaixonou por um homem de baixa extracção. O que denunciou estes amores foi, diz Bernardo de Brito em uma palavra de cunho portuguez de lei, foi a «emprenhidão».

— Credo! que palavra! — exclamou com engulho D. Maria Tiburcia.

— Não parece palavra de pessoa ecclesiastica! — notou a outra senhora não menos escandalisada.

O mano Theotonio, como tinha piscado o olho direito ao conego, ria-se; e o conego, com a maior gravidade, disse:

— Minhas senhoras, os antigos faziam as coisas e diziam-nas; hoje em dia a civilidade não permitte dizel-as. Ande lá com a filha de Gorgoris, sr. desembargador.

— Deu ella á luz um menino, que o avô deitou ás féras; e, como as feras o não comessem, atirou-o ao Tejo. Foi o menino encontrado no sitio que hoje chamam Santarem; e, como quer que uma corça lhe desse o primeiro leite, chamou-se o menino *Abidis*, e d'ahi veio chamar-se ao logar *Esca Abis* (manjar de Abidis), e, corrupto, *Scalabis* etc.

— Tudo isso me parecem vocabulos corruptos e interpretações corruptissimas, — objectou o conego Botelho — e, ainda que as intendesse, fabulas de Brito não me engodam. Esse frade, se não inven-

tou o mel como Gorgoris, inventou *Laimundus*, e *Mestre Menegaldo* e *Pedro Alladio*, que existiram tanto n'este mundo como o tal Abidis. Em fim, sr. doutor Theotonio de Valladares, permitta-me que eu repugne a que a engeitada tenha um sobrenome procurado na fabula.(1)

*

* *

Quando os sinos de S. Salvador festejavam com tres repiques o baptisado de Maria Moysés, os sinos de S. Aleixo dobravam a finados. A creança sahia da pia baptismal, ao mesmo tempo que o esquife da mãe, posto no lagêdo da egreja, entre quatro cirios, era responsado por alguns clerigos que franziam os narizes offendidos dos miasmas da carne pôdre. A opinião dos padres e dos assistantes ao officio era que a suicida praticara aquelle crime por-

---

(1) O desembargador entupiu; mas eu não me calaria ás rasões do conego, nem ás de João Pedro Ribeiro, nem ás de Schœfer, nem ás dos srs. A. Herculano, Hubner e Pinheiro Chagas. Creio em Bernardo de Brito comó nos Lunarios Perpetuos e nos Discursos da corôa, desde que li na *Monarch. Lusit.*, t. 1.º, pag. *mihi* 109, estas linhas que são do meu bernardo e mestre, as quaes encerram um programma de lealdade que só póde ceder á lizura do manifesto de um deputado garraio: *O historiador que presume de verdadeiro e quer authoridade em suas cousas, mais seguro lhe é ficar falto por escrupuloso que dizer muito com perigo do seu credito.* E' o mais que podia dizer Hallan, Herder, Martinez Marina, Niebuhr ou Thierry.

que devia ter chagas de lepra que a corroiam. O vigario consentia que a enterrassem em sagrado, por que a moribunda, segundo o testemunho do moleiro, pedira fervorosamente a confissão.

Quando a familia de Santa Eulalia ia caminho de casa com a afilhada, o conego, ouvindo além-Tamega o tanger a finados, disse:

— Uns nascem e outros morrem... Não saberei eu dizer quaes são os mais felizes...

— Eu cá por mim antes queria nascer que morrer — disse D. Maria Tiburcia com a energia explosiva dos dizeres sentenciosos e finos.

Conversaram a respeito da engeitada, até toparem um homem de Santo Aleixo a quem perguntaram quem lá morrera. Contou elle que se deitara ao rio a filha do João da Lage.

— A Josepha? — perguntou Isabel, a mulher do Bragadas que levava a menina — Vossê que me diz, homem? A Josefa, que era a virtude em carne e osso! e então bonita, fidalgas? Faz p'rá semana santa dois annos que ella foi de Madanela na procissão do enterro. Ai, senhoras, que eu não quero que haja mais lindo anjo do ceu!

— Porque se matou ella? — perguntou o desembargador.

— Saberá vossa senhoria que até esta manhã não se dizia nada ao certo. Uns diziam que ella não podia aturar o pai que, com licença de v. s.as, é um bebado.

— Eu dou licença — disse o conego rindo.

— Outros — proseguiu o informador — dizem que lhe subira o flato ao miolo: mas o que por lá cor-

ria agora é que ella... Emfim, morreu, acabou-se... Deus lá sabe.

— Mas que é que dizem? — instou o dootor.

— Emfim, v. s.ª manda .. O que dizem é que ahi pelo verão ia por lá um fidalgo... o sr. Antoninho de Cimo-de Villa...

— Não queremos saber d'isso... Miserias, miserias... Vamos embora... — atalhou D. Maria Tiburcia.

— E abandonou-a? — perguntou o conego.

— Nada; o que dizem é que o fidalgo velho metteu, á conta d'ella, o filho no Limoeiro, e ella então, isto é o que dizem, atirou se ao rio. Eu digo o que ouvi, que eu não sei nada... Sim, eu não sei se isto que dizem, se assim é nem se não é. Deus lá sabe.

O desembargador foi discorrendo ácerca da corrupção dos costumes, que attribuiu a Voltaire, a Rousseau e a Helvetius, posto que nunca os lesse, o que elle confessava com honrada jactancia. Deu como prova da corrupção das aldeias um suicidio e uma tentativa de infanticidio no mesmo dia e na área de um quarto de legua. Fez ao proposito reflexões politicas e até propheticas. Previu o advento monstruoso das idéas jacobinas. Disse que, na qualidade de desembargador, lavraria a sentença de morte dos portuguezes que militavam na França com o tigre da Corcega. Citou os generaes portuguezes que deviam ser enforcados; e, n'um rapto de vidente, exclamou: «Quem viver dez annos ha-de ver cahida a inquisição, ó sr. conego!»

— Deixal-a cahir — disse o padre.

— Deixal-a cahir? E a fé?

— Qual fé? a estatua que está no frontal da Inquisição no Rocio? Deixal-a cahir tambem, com tanto que nenhum de nós esteja debaixo.

— Fallo na fé, no dogma, sr. conego!

— Ah! isso é outra coisa... Cuidei que me fallava da Fé de pedra, sr. desembargador. [1]

* *

Este conego, cujo retrato eu vi ha dias, em Braga, na galeria dos bem-feitores do hospital de S. Marcos, não era, como se vê, um estremo defensor do Santo Officio, nem acreditava nas invencionices de Bernardo de Brito, mas dava aos pobres invalidos e enfermos parte de suas rendas, e estimulava, como ha pouco presenciámos, a caridade dos seus hospedeiros amigos, em beneficio da engeitada. Folguei de vêr aquelle ridente aspeito em que reluzem uns olhos sagazes, posto que já desvidrados pelo

---

[1] A estatua da Fé, que estava encimando a fachada do palacio do Santo Officio no Rocio, foi derribada com uma corda e despedaçada em 1821. Na manhã do dia seguinte os inimigos da revolução liberal afixavam nas esquinas este pasquim:

ESPERANÇA *não ha;*
FÉ *já não temos;*
E CARIDADE?
Nós lh'a faremos...

E fizeram.

puir dos setenta annos. Estava ao pé de mim o nonagenario provedor da Misericordia que me disse ter ainda conhecido aquelle alegre ancião com a sua cabeça veneranda á jelosia de uma casinha da rua d'Agua. Foi elle quem recolheu no convento das Therezinhas de Braga, aos quinze annos, Maria Moysés, quando já eram fallecidos o desembargador, e uma das irmans, a madrinha da engeitada.

Pelo que respeita a D. Maria Tiburcia, não sei se me acreditam, mas a minha obrigação é atirar para ahi com as perolas da verdade sem me preoccupar com o destino d'ellas. D. Maria Tiburcia, preenchidos os cincoenta e sete annos, casou com um mancebo, que estudava theologia moral com tanta incapacidade, que preferiu D. Tiburcia com 10:000 cruzados, ao Mestre Larraga com a sciencia do céo. Este moço fazia sonetos e madrigaes. Conhecia toda a symbolica das flôres; mas não as comia como Esdras, a unica pessoa, que eu saiba, que se sustentou quartorze dias de flôres. *Manducabis solummodo de floribus*, disse-lhe o anjo; deu-se bem o floriphago, e — accrescenta Isidoro de Barreira — tornou a comer outros sete dias flôres e a sustentar-se. [1] A hyndiosincrasia do marido de Tiburcia não eram flôres: era boi e leitão, frigideiras de Braga e murcellas de Arouca.

O desembargador quiz pôr a irmã por demente; mas ella, que prefazia quatro emancipações com-

---

[1] *Esdras*, 4. 9. Isidoro de Barreira, *Tratado da significação das plantas*, etc. pag. 21.

pletas, não lhe refilou os dentes, por que os não tinha, ma safou-se de casa, e desmaiou cheia de pudor e denguice nos braços do seu bardo e marido.

A outra, D. Maria Filippa, injuriou-a até ao extremo de lhe dizer, cara a cara:

— Estás uma carcassa e queres casar! Não tens vergonha! Põe um caustico n'essa cabeça, doida!

Depois, fez testamento, e deixou 5:000 cruzados a sua afilhada Maria Moysés, representados na quinta de Santa Eulalia, na margem direita do Tamega.

O tutor e director da recolhida, o conego Botelho, desejou residir um verão na quinta de Santa Eulalia para repassar tristemente na memoria os vinte estios que ahi folgára com o seu amigo Theotonio e com as duas irmãs, que elle, em dias de alegre humor, chamava as duas bisoas, como quem diz que só tinham prestimo para a sueca. Maria, a herdeira da quinta, acompanhou o, resolvida a não tornar para o convento. Ideara um viver muito diverso do monastico. Não podia conventualmente exercitar umas extranhas humanidades que lhe agitavam o coração desde que sua madrinha lhe legara recursos para as realisar.

Assim que chegou a Santa Eulalia revelou ao conego o seu pensamento: era crear meninos engeitados!

Era bom e caridoso o padre; mas achou tão original e extravagante aquella idéa em uma menina de dezoito annos, que lh'a desapprovou em termos energicos. Sabia o conego que uma anonyma viuva franceza abrira um asylo de expostos perto de Saint-

Landry; não ignorava que uma respeitavel matrona, Isabel Lhulller, auxiliára S. Vicente de Paulo em dar abrigo ás creanças abandonadas; mas uma menina solteira a lidar com engeitados figurou-se-lhe exercicio menos consentaneo com a pureza e candura de annos tanto em flôr. Além d'isso, Maria Moysés, sósinha, sem familia, sem auxiliares, e desprovida de recursos bastantes, em que especie de serviço aos engeitados empregaria a sua caridade? Indo buscal os á roda para os crear em sua casa? Assoldadando amas para a creação physica, e mestres para a creação moral? mestres para as lettras e para os officios? Em que veios de imaginario ouro se alimentara esta utopia que poderia ser virtuosa se não fosse indiscreta?

Ella ouviu silenciosa o conego, e depois de muito instada a explicar o seu proposito, disse singelamente:

— O meu desejo é dar aos engeitados a caridade que eu recebi.

— Mas tencionas procural-os?

— Isso não; espero que a divina Providencia os leve onde eu estiver.

— E's uma virtuosa creança, Maria — replicou o padre — mas vieste tarde á procura d'um mundo que passou. Exercita a caridade quanto as tuas forças t'o permittirem; porém, não vás além do que te rende esta quinta. Oito carros de milho, quatro pipas de vinho, e dez almudes de azeite é o teu rendimento. Contam-se milagres de multiplicação que talvez se possam repetir no teu pouco; mas o maiz prudente é contares pela arithmetica que eu

te ensinei. Quem tem seis por anno e gasta sete, ao fim de seis annos tem só um. Gasta os seis, Maria, os seis sómente em obras justas de misericordia, e não dês alento aos costumes depravados tomando a teu cargo os filhos que as mães abandonam.

— Tambem eu fui abandonada — disse ella.

Ora, passados alguns dias, Maria Moysés tinha em casa dois meninos na primeira infancia. O velho Francisco Bragadas, que era agora cazeiro da engeitada que encontrou no rio, contou-lhe que a moleira da Trofa, viuva de um soldado que estava lá para as Ilhas com o irmão do sr. D. Miguel, morrera de *cambras* deixando dois filhos pequenos, que não tinham migalha de pão.

— Vê, sr. conego? — disse ella — Já tenho dois!

— Esses dois iria eu buscar-t'os, se o rheumatismo me deixasse, menina.

— Então vou eu?

— Pois vae, Maria, vae... Assim, acredito eu que a divina Providencia t'os mande. E olha que são mais dignos de compaixão os orphãos que viram morrer sua mãe, do que os engeitados que a não conheceram.

*

* *

A filha que Izabel, mulher do Bragadas, amamentava, quando o marido lhe levou a engeitada, era agora uma guapa môça de quem Maria se affeiçoára fraternalmente. Joaquina, posto que pobre,

fôra pedida por um lavrador abastado de Cavez; deviam casar no S. Miguel, depois das colheitas; mas na noite de 24 de agosto, quando em Cavez se festeja S. Bartholomeu, os festeiros do Minho brigaram com os de Traz-os-Montes, segundo o barbaro estylo d'aquella romagem. O tiroteio de ambas as margens do Tamega principiou ás dez da noite. Ao romper da alva, os turbulentos accommetteram-se peito a peito de clavinas engatilhadas, e dos dois valentes que cahiram mortalmente feridos na ponte, um era o noivo de Joaquina. A rapariga ainda o viu muribundo; quiz despenhar-se da ponte, e foi levada sem alento para casa da mãe do morto, que a tratou com o amor que tinha ao filho. Volvidos alguns dias, tornou para casa de seus pais. Maria Moysés deu-lhe uma cama em sua casa, e fez-se sua enfermeira moral; todavia as angustias da rapariga recresciam, e o proposito do suicidio revia-lhe nas meias confidencias á sua bemfeitora.

Uma noite, acorçoada pelo amoroso disvelo de Maria, a filha do Bragadas, com mais lagrimas que expressões, revelou que estava perdida, porque o pai de seu filho já não podia remediar a sua deshonra.

A engeitada quedou-se a olhar para Joaquina com muita tristeza e espanto. Do seu proprio nascimento inferia ella uma desgraça semelhante á de Joaquina; mas o pudor, a religião, a repugnancia congenial da sua vida pura soffreram uma dôr intima com a inesperada confissão. O coração decerto as tinha, mas não lhe inspirou de prompto palavras confortadoras. Separou-se d'ella fundamente ma-

goada e pensativa; mas não adormeceu. Alta noite ouviu ringir a porta do quarto de Joaquina. Ergueu-se alvoroçada pelo presentimento de que a infeliz rapariga ia matar-se. Não a encontrou no quarto; correu á porta da sala de espera que ella n'esse momento abrira. Reteve a desvairada, e disse-lhe abraçando-a:

— Onde vaes?

Joaquina, com a vista vaga e turva de quem chorou até que a demencia lhe seccasse as lagrimas, sentindo-se apertada ao seio d'aquella a quem se confessara mãe deshonrada e perdida, balbuciou:

— Não diga a ninguem a causa da minha morte, que meu pae está muito acabado; e, se elle o souber, morre de paixão...

— Falla baixinho, que não ouça o sr. conego — disse Maria apontando para o quarto do hospede — Vem para o meu quarto, Joaquina, lembra-te que eu sou aquella engeitada que teu pae poz no colo de tua mãe quando tu lá estavas. Vem; e, se és minha amiga, não chores, nem me assustes.

*

* *

No começo do inverno, Maria Moysés sahiu de Santa Eulalia, e pediu aos seus caseiros que deixassem ir com ella sua filha.

— Para onde vai a senhora então? — perguntou o Bragadas.

— Vou passar o inverno em Braga, onde tenho as minhas amigas do convento. Aqui lhe deixo os

meus orphãos, que já podem ir á escola. Trate-os como costuma tratar os filhos que não tem mãe, sim?

— Vá descansada, mas ó senhora, isto de escho-la para que monta? Eu tambem não sei ler, nem nunca me fez minga. Lá se elles tivessem que comer, vá; sabendo ler, não era máo; mas o que elles carecem é de se pegar ao trabalho, guardar uns cevados em quanto não podem ir ao monte com a rez, e depois é agarrarem-se á enxada e á rabiça do arado.

— Não quero, sr. Francisco. Quero que aprendam, e depois veremos. Talvez os mande para o Brazil.

— Ah! a senhora está a ler! quel-os fazer brazileiros? Boa vae ella! Se vae n'esse modo de vida, queira perdoar-me, mas a minha ama dá conta do que tem. Olhe que os milhos este anno quasi que não espigaram, e as oliveiras estão tolhidas de ferrugem. Vinho, então, não se enche a cuba pequena.

— Paciencia. Para nós e para os pequenos sempre ha de chegar.

Na primavera seguinte, Maria e Joaquina voltaram á quinta. O caseiro, quando viu apear uma mulher desconhecida com uma creança nos braços, pergunto á filha:

— Aquillo que é, ó moça?

— E' uma engeitada de que tomou conta a senhora. Pozeram-na no pateo da nossa casa, e a senhora não a deixou deitar á roda.

— Está bem aviada a senhora! — tornou o Bragadas com bastante rabugice, e algum zelo pelas

commodidades da sua ama — E tem de pagar e dar de comer á mulher que a cria?

— Pois ella!...

— Ora adeus, adeus! Isto assim vae tudo pela agua abaixo. O melhor é dizer que a quinta dos fidalgos do Arco é agora a roda dos engeitados. Esta senhora carece de tutor, quando não, d'aqui a poucos annos, está a tocar ao viatico.

— Olhe que ella ouve, meu pae.

— Deixal-a ouvir...

— Ralhe, ralhe, tio Francisco, que eu não me offendo — disse Maria Moysés, sorrindo. — Que tem que eu morra pobre? Acabarei como comecei. Já nasceu alguem mais pobresinha que eu? Não se arrependa de ter sido quem deu causa a que eu fosse a dona d'esta quinta. Se eu ficar sem ella, tio Francisco, é porque a reparti por muitos pobres; mas a melhor porção ha de ser a minha, porque o prazer de dar é muito maior que o de receber.

— Sim, sim...—obtemperou ironicamente o Bragadas, com o seu frio egoismo de velho.— A senhora lá sabe o que lhe convem. O que eu lhe digo é que, se se espalhar a noticia de que a senhora recolhe os engeitados, verá que lhe chovem em casa como a praga do Egypto. E olhe que está em terra azada para metter em casa mais garotos do que andam na escola do Farripas em Santo Aleixo. Isto por aqui é um louvar a Deus de mulheres perdidas... Já não ha pais que saibam crear as filhas com pão e pau...

Joaquina afastou-se com os lhos marejados de lagrimas, e Maria Moysés, retirando-se, cortou a dia-

tribe que o pae austero vociferava contra a dissolução dos costumes.

*

* *

O conego Botelho, no estio de 1835, fez a ultima visita á quinta de Santa Eulalia.

— Venho despedir-me — disse elle — despedir-me de ti, e d'estas arvores que eu vi plantar. Este olmo que ainda tem um signal de lettras, fui eu que o plantei ha vinte e tres annos. Chamava-se a arvore do conego. Lá pela vida fóra, Maria, quando te sentares n'este banco de cortiça, lembra-te do teu amigo. E, para que possas mais alguns annos possuir a tua quinta e ser a dona da arvore do conego, saberás que no meu testamento reparto entre ti e a Misericordia de Braga os meus poucos haveres. Receberás quatro mil cruzados. E' o mesmo que deixal-os a um hospicio de infancia desvalida. Applica-os segundo o teu plano caritativo; mas não sacrifiques o passadio da tua velhice. A esmola é boa, mas a prodigalidade é má, ainda quando se quer justificar com o titulo usurpado de caridade. De vez em quando, Maria, vem sentar-te aqui onde agora estamos, quando eu já estiver dormindo o somno eterno, e imagina que me ouves estes conselhos que te deixo.

*

* *

Falleceu o conego João Correia Botelho em 1836.

Maria Moysés, n'este anno, transcendia de jubilo, porque a prophecia de Francisco Bragadas se realisára; tres expostos lhe pozera a Divina Providencia no pateo durante o anno. Como conforto á saudade do seu bemfeitor, dera-lhe Deus a alegria de tres engeitados, pobremente enfaixados em pedaços de lençoes velhos e baetas rapadas. Lavava-os e vestia-os, baptisava os e alimentava-os com leite de ovelha em quanto não appareciam amas. As amas desciam das terras de Barroso, vermelhaças, grossas, de grandes peitos e quadris. O velho Bragadas dizia que a patifaria era tal que as amas eram as proprias mães dos engeitados que regateavam o ordenado da criação antes de darem os seios exhuberantes aos filhos. E declamando contra a estragação dos costumes, exceptuava sempre as suas filhas, dando-as como exemplo. Joaquina ouvia com a alma confrangida as exclamações do pae; mas a dôr e a vergonha eram bem remuneradas pelo prazer de abraçar um gordo rapaz que lhe chamava tia.

Por toda a corda de Basto e Ribeira de Penna, por todo o Barroso e Cerva, d'aquem e d'alem Tamega, propalou-se que uma senhora de grande riqueza e caridade acceitava engeitados em sua casa. Onde chegou a nova foi tambem o sobre nome da senhora: chamavam-lhe *a santa Moysés*, sem respeito a processos de canonisação. Da confluencia de expostos á quinta de Santa Eulalia póde inferir-se que a virtude e a castidade de uma mulher era um aphrodisiaco para a fecundidade das outras.

Principiou a inquietar o animo de Maria o receio de não poder com tamanho encargo. Assaltavam-

na a cada passo as reflexões do conego Botelho. Quando se assentava á sombra do olmo, ouvia-o com saudade, e pedia a Deus que a ensinasse a responder aos argumentos do padre, e lhe désse meios para ver creados os dez engeitados que tinha em casa, e os que mandara crear fóra.

Os filhos da moleira já tinham ido para o Brazil; outros andavam na eschola; as meninas tinham mestras, que eram Joaquina em cousas de costura, e Maria no ler e escripta.

A herança do conego e os rendimentos da quinta, na verdade mal administrados, suppririam ainda assim as despezas no transcurso de dez annos. Maria, com a sua fama de santa, era havida em conta de tola pelos velhacos. A falsa piedade explorava-a. Festas de capellas, votos de missas pedidas, resplendores para uns santos, capas para outros, esmolas para entrevados de longe, esmolas para aleijados que iam a caldas e ao mar, esmolas para rapazinhos que iam para o Brazil, para cabaneiros a quem o incendio devorou a choça — com verdade ou impostura — ninguem ia da sua porta com as mãos vazias.

— Eu tambem sou pobre — dizia ella.

— Tem a graça de Deus que lhe dá tudo — respondiam os pedintes, com a certeza de que ella já havia pedido alguns centos de mil reis sobre a quinta.

As irmandades, que lhe emprestavam o dinheiro a juro, pediam-lhe donativos para reformar paramentos de sachristia, e madeiras para os vigamentos das egrejas.

Como só de per si já não podia cuidar na educação dos engeitados, Maria Moysés pedia ás pessoas abastadas que a auxiliassem, não com dinheiro, mas com a caridade de se encarregarem de alguns. Assim foi que o abbade de Pedraça tomou para si aquelle pequenino, que se chamou Alvaro, e depois legou ao filho natural do visconde de Agilde o farto ouro que parecia trazer comsigo o condão de virtude da engeitada de Santo Aleixo. (1)

*

* *

Em 1850, trinta e oito annos depois que sahira de Portugal, chegou á sua casa de Cimo de Villa em Ribeira de Penna, Antonio de Quiroz e Menezes, reformado com a patente de general no imperio brazileiro. Tinha sessenta annos. Não cazára, nem grangeára familia de ordem nenhuma. Viera só, mais velho que a sua idade, cheio de condecorações e mais nada. Antonio de Queiroz era rico em Portugal. Os vinculos não pôde o pae desvial os da linha varonil, nem os mordomos por elle encarregados da fiscalisação dos grandes bens lh'os depreciaram. As irmãs, casadas com pequenas legitimas, assim que chegavam navios brazileiros com a noticia das febres devastadoras, sentiam um vago contentamento na hypothese de ser Deus servido levar-lhes o mano

(1) Veja o FILHO NATURAL.

general. Como viviam cazadas com uns fidalgotes de meia escudela, fragueiros, brutos e forçados, á mingua de recursos, a matarem coelhos para matarem o tempo, aquellas senhoras mandavam deitar as cartas a uma creada velha para seberem se lhes viria alguma herança. Entretanto, o irmão, de vez em quando, ordenava ao mordomo que lhes desse porção das suas rendas superfluas.

O general chegou inesperadamente, recolheu-se á casa onde nascera; e tão funda amargura o avassallou que se arrependeu de voltar á terra natal, onde lhe entraram redivivas e pungentes ao amago da alma as recordações de Josefa de Santo Aleixo, — a sombra plangente que lhe seguira todos os passos da vida.

Perguntou pelos seus amigos da mocidade: todos eram mortos, exceptuado Fernando Gonçalves Penha, da casa da Temporan, aquelle que, a seu pedido, enviára a astuta cazeira a Santo Aleixo com o recado da fuga. Este mesmo, que seguira a carreira das lettras, era juiz em uma das Relações do reino. Escreveu-lhe Queiroz, noticiando-lhe a sua chegada. *Vem, para que eu não morra sem ver um amigo da juventude* — dizia elle.

Gonçalves Penha foi pressurosámente. Os dois velhos abraçaram-se a chorar. Reconheceram-se pela voz. Era tudo o mais uma transformação em que os vermes do sepulchro já pouco teriam que destruir. Antonio de Queiroz, o esbelto cadête de cavallaria que o outro conhecera de cintura feminil, e olhos negros docemente ameigados por alma apaixonada, era agora um ancião de grandes barbas

brancas, olhos apagados, e faces angulosas, a tiritar de frio, no amplo casacão de baeta.

— Ha quantos annos me não escreveste? — dizia Gonçalves Penha.

— Ha trinta e sete. Recebi duas cartas tuas, que ainda tenho, datadas de Coimbra.

— Só duas? Escrevi-te mais; porém, depois que teu pae morreu me disseram teus cunhados que entre os papeis d'elle appareciam cartas que eu te escrevera fallando-te d'aquella rapariga de Santo Aleixo. A omnipotencia de teu pae chegou a subornar o fiel do correio de Villa Pouca de Aguiar. Parece-me — proseguiu o desembargador reparando na commoção de Antonio de Queiroz — que ainda te sangra o coração...

— Ainda. Nunca, nunca se fechou a ferida. Está essa infeliz diante dos meus olhos como a vi, tal qual ella era, ha trinta e oito annos. Que me dizias tu n'essas cartas que eu não li?

— Posso lá lembrar-me agora!... isso vae tão longe... Só me recordo... deixa-me ver se reuno umas ideias vagas... Sim... eu mandei lá a minha caseira...

— Recordo-me, e Josepha respondeu alegremente que fugiria para o Enxertado na noite do dia seguinte; mas, n'esse mesmo dia á noite, 27 de agosto de 1813, suicidou-se.

— Ah! vou-me lembrando... Esse suicidio é que eu punha em duvida nas minhas cartas que não recebeste.

— Porque? então mataram-na?!

— Já não vive ha muitos annos o cirurgião que

a tratou; eu sahi d'aqui ha trinta e cinco e nunca mais o vi; se elle vivesse, poderia ajudar-me a recordar. Espera lá... Como a velhice nos barre tudo da memoria! Ah! uma circumstancia... o apparecimento de uma creança no rio...

— O quê?

— Espera, Antonio, não me quebres o fio das recordações.

Gonçalves Penha tapou a cara com as mãos, curvou-se bamboando a cabeça, ergueu-a com impeto, e disse:

— Parece que vejo reviver o passado... Olha, Queiroz, na mesma noite em que essa rapariga appareceu moribunda no rio, um homem que andava á pesca encontrou uma creança viva n'um berço levado á tona d'agua. Fallando eu a este respeito com o cirurgião, me disse elle que a Josepha talvez não se suicidasse; mas que morresse quando ia a fugir com a creança para tua casa.

— Não pode ser — atalhou Antonio de Queiroz.

— Porque não pode ser?

— Era cedo para ter já nascido o filho.

— Isso mesmo disse eu ao cirurgião, contando-lhe o que sabia da tua carta escripta do Limoeiro, por que tu, se bem me lembro, dizias-me que...

— Faltava um mez.

— Justamente; mas o cirurgião convenceu-me de que bastava a alegria de fugir, quando se julgava abandonada, para lhe produzir um forte abalo. E espera... outra circumstancia... a minha caseira foi disfarçada a uma quinta onde estava a crean-

ça que appareceu, e soube com certeza que fôra achada n'essa mesma noite, e que...

— Onde era essa quinta?—interrompeu o general.

— O' filho! isso é que eu não te posso dizer já; mas deixa estar... a cazeira deixou filhos que ainda são meus cazeiros. E' natural que elles a ouvissem muitas vezes fallar do caso milagroso da creança que appareceu deitada n'um berço de junco. Eu te direi o que souber. O' Queiroz — exclamou o juiz com enthusiasmo — e se tu descobrias agora o teu filho!

— Não me passa pelo espirito esse devaneio, meu amigo. Eu quizera antes que a morte d'essa infeliz não fosse um acto de desesperação; mas, pensando bem, Gonçalves, por que havia de suicidar-se ella?...

— Sim, tendo-me dito a cazeira que a rapariga chorava de alegria? Antonio... recordo-me eu agora perfeitamente de que, nas minhas cartas, te dizia que o teu filho podia existir... E foi por isso mesmo que teu pai as subtrahiu... Não te parece?

— E' possivel; mas... que novas dôres a esperança me está gerando na alma! A esperança!... que posso eu esperar das transformações de trinta e sete annos, meu amigo?

Tens rasão... Ainda mesmo que o pequeno encontrado fosse o teu filho, ha que annos terá morrido o homem que o encontrou no Tamega? Que destino levaria o rapaz? Ainda assim, olha que eu sei de casos de mais difficultosa averiguação que se tiraram a limpo. Os processos por causa de successões estão cheios de factos que parecem novellas, e nas genealogias ha muitos d'essa especie.

*
* *

Ao outro dia, o general Queiroz de Menezes sahiu, pela primeira vez, do seu carrancudo solar, e caminhou a pé e sósinho na direcção do Tamega. Os homens antigos, quando o viam ao longe, descobriam-se e paravam. Elle parava tambem diante d'elles, mandava-os cobrir, e perguntava quem eram. Alguns haviam sido seus companheiros na caça, outros brincaram com elle na infancia, e lembravam-se das travessuras do fidalguinho. O general recordava-se d'aquelles nomes, dava esmola generosa aos necessitados, e offerecia a sua amisade aos outros.

Chegando á ourela do Tamega, parou defronte da Insua. Era alli que Josepha esperava o juvenil aspirante embrenhada no choupal. Um conhecido amieiro de tronco esgalhado em ramos recurvos já não existia. N'esse logar estava uma azenha, com uma barca de passagem amarrada a uma argola de pedra chumbada na parede.

A' porta do moinho appareceu a moleira a perguntar-lhe se queria passar para além.

— Quero.

Já dentro da barca, perguntou-lhe se aquella azenha alli estava ha muito.

— Ha noye annos, meu senhor. Alli mais arriba havia um moinho que a cheia me levou. Fiquei com dois filhos pequenos sem modo de vida nem uma choupana; mas a mãe dos pobres acudiu-me. V.

S.ª hade conhecer a senhora da quinta de Santa Eulalia.

— Não conheço.

— Então, ainda que eu seja confiada, não é de cá.

— Sou; mas tenho estado longe.

— Lá isso, sim; que dez leguas em arredor toda a gente conhece a senhora de Santa Eulalia. Não ha outra assim no mundo. Só de engeitadinhos tem onze de portas a dentro.

— Onze!

— E' o que lhe eu digo, senhor.

— Bom é que haja uma santa onde ha tantas mães que abandonam os filhos.

— Não que elle tambem ha muita desavergonhada por esse mundo de Christo. Mulheres más por aqui é uma casa sim e outra não á ida para cima; mas á vinda para baixo são todas.

O general sorriu-se, e disse:

— Bem faz vossê em viver perto da ilha; quando a corrupção fôr geral, fuja para lá.

— Podéra! mas a mim já me não pega o andaço. Tomara eu pão para os meus filhos. Trabalho muito, e o corpo não me pede folia. Tenho esta barca a metter agua, e Deus sabe quando terei outra. A mãe dos pobres já me prometteu a madeira; mas eu até já tenho vergonha de lá ir.

— Pois não vá. A'manhã vá vossê á casa de Cimo-de-Villa, pergunte pelo Queiroz, e receberá dinheiro para a sua nova barca.

— Bemdito seja Deus! Então V. Ex.ª é o sr. general que chegou ha dias?

— Adeus, appareça, mulherzinha.

Saltou á margem.

— V. Ex.ª quer que eu espere? — perguntou a barqueira.

— Não, que vou passar ás pôldras de Santo Aleixo.

E caminhou pela orla do Tamega até saltar o combro que descia para a Cangosta do Estevão. Como ia fatigado, sentou se, enxugando o suor, na fraga a que o moleiro encostára o cadaver de Josepha, e lembrou-se que alli mesmo haviam estado sentados ambos em uma tarde de julho. Em baixo murmurava a corrente agitando as franças dos salgueiros, coaxavam as rans, e ás vezes um scalo de ventre prateado saltava á flôr d'agua. Elle parecia ver e ouvir; mas via e ouvia no passado o rosto e a voz de Josepha, e embebia no lenço as lagrimas.

Subiu o ingreme barrocal da Cangosta. Entrou na aldeia de santo Aleixo, e sentou-se no adro. O cansaço anciava-o. Da casa da residencia sahiu então um clerigo ancião, apoiado na bengala, e sentou-se á sombra do platano do adro, com o breviario debaixo do braço. Reparando no desconhecido, cortejou-o e offereceu-lhe a sua residencia.

— E' o reitor d'esta freguezia? — perguntou o general.

— Sim, senhor. V. S.ª não é d'áquem-Tamega?

— Não sou. Está aqui reitor ha muitos annos?

— Ha vinte e sete.

— Aqui é aldeia de ricos lavradores, ao que parece.

— Ha proprietarios muito ricos, os Pimentas, o tenente coronel, o antigo capitão-mór, etc.

— Se lhe não custa, sr. reitor, pois que é tão attencioso com os forasteiros, iremos dar um passeio por esta aldeia que me parece muito pittoresca.

— Da melhor vontade.

O reitor dizia lhe os nomes dos possuidores dos melhores edificios. Chegaram a um recanto onde se viam ruinas de uma casa de lavrador muito espaçosa. O general parecia querer reconhecer o sitio e a casa.

— Aqui — disse o vigario — morou um lavrador que morreu ha tres annos com mais de oitenta. Chamava-se o João da Lage. Bebia um quartilho de aguardente todos os dias, e chegou a idade tão provecta! Fiem-se lá nos medicos! D'esta casa tenho eu uma recordação muito funesta. Ha que annos isto vai!... Perto de quarenta... Em 1813, quando eu era minorista, vim aqui assistir com a minha sobrepeliz aos responsos de uma pobre rapariga que se afogou no Tamega, uns disseram que por vontade propria, e outros disseram que por desastre. Era uma flôr a môça. Ainda me recordo que, morrendo ella á noite, foi preciso enterral a ao outro dia, porque não se podia soffrer o cheiro do cadaver. Como a morte em poucas horas transformára uma creatura linda como os anjos n'um charco de podridões!

— Que motivo se deu para o suicidio?

— Não tenho a certeza; tenho a suspeita; porém, *perdoai aos mortos*, dizem os livros sagrados. O nosso dever é orar por elles, e não os chamar a contas.

O reitor, que assim fallava, era aquelle padre

Bento da Povoa que já em annos de indiscretas verduras queria que o escrivão respeitasse o cadaver ainda quente da suicida.

O general absteve-se de interrogações; todavia, o padre accrescentou:

— Esta casa vai desapparecer d'aqui. João da Lage morreu pobre. Devia tudo ás irmandades e á fazenda. Gastou trinta mil crusados, desde que a mulher lhe morreu de paixão lá para Barroso. Um brazileiro comprou esta quinta, que esbeiça lá em baixo com o rio, e está arrazando a casa para fazer um palacete. Ainda acolá se vê de pé um sobrado onde eu vim para acompanhar a morta á egreja. Alli é que ella dormia. Parece que V. S.ª está magoado com a historia da pobre môça...—disse o vigario attentando nas lagrimas reprêzas do ancião.

— Todos os velhos são faceis em chorar... Continuemos o nosso passeio, sr. vigario. D'aqui desce-se para as pôldras?

— Sim, senhor, por esta viela; depois, lá ao fundo, salta-se ao campo da direita. Eu acompanho-o até lá, porque vou ver uma doente que mora á beira do rio.

Quando chegaram ás pôldras, perguntou o general:

— O sr. vigario nunca ouviu dizer d'uma creança que appareceu por aqui n'um berço ao de cima da corrente?

— Foi muito perto d'aqui, talvez cem passos, onde o rio faz uma enseada. Essa creança recordo-me eu muito bem que appareceu na mesma noite em

que a Josepha da Lage se afogou. Deu muito que pensar e que suspeitar tal coincidencia; mas eu reprovei que se fizessem juizos temerarios. Esta terra, ainda mal, teve sempre peccadoras das que cuidam esconder-se aos olhos de Deus, quando pódem apparecer, sem os filhos que engeitaram, aos olhos do mundo.

— Ouvi dizer que a creança fôra salva.

— Sim, senhor, foi encontrada sã e enxuta n'um berço de canastra por um homem que andava pescando; era o cazeiro dos Valladares de Santa Eulalia. Deitaram-se muitas inculcas, mas nunca se soube quem era a mãe.

— O homem que encontrou a creança já é fallecido?

— Nada, não é; chama-se o Bragadas, e nasceu n'esta freguezia. Ainda ha dias vi no livro dos baptisados que elle já fez oitenta annos. Mas ha aqui um caso que parece conto de romance. O Bragadas é hoje cazeiro da mesma engeitada que elle achou!

— Como?! — exclamou Antonio de Queiroz.

— Tem razão de se espantar, meu senhor; mas a verdade é esta. O engeitado era uma menina de que tomaram conta os fidalgos, que a baptizaram com o nome de Maria Moysés, por ter sido achada no rio como o santo legislador dos hebreus. Depois, uma das senhoras, que foi madrinha, deixou-lhe a quinta de Santa Eulalia. Sahiu um anjo a creatura de Deus; chamam-lhe a mãe dos pobres; e recolhe, ensina e dá modo de vida a quantos orphãos e engeitados a mão da desgraça lhe leva ao seu regaço...

— Parece — atalhou o general — que são muitas as probabilidades a confirmar a hypothese de que essa engeitada seja filha de Josepha... Não concorda commigo?

— Eu já disse a V. S.ª que todos os juizos temerarios são venialmente pecaminosos quando redundam em desdouro de vivos, e muito mais de mortos que não pódem justificar-se. Não sei... E o que eu não sei, para mim é apenas possivel. Seja de quem fôr filha, Maria Moysés é uma mulher que faz lembrar as antigas santas.

— Conhece-a, sr. reitor?

— Nunca a vi; mas ouço dizer que tem no rosto a formosura da alma, e que parece ter vinte annos, andando já perto dos quarenta; sim, não ha de ir longe... de 1813 a 1850...

— Trinta e sete...

— E' isso, trinta e sete. Pena é que os poucos recursos lhe não permittam ir tão longe como o coração lhe pede. Alargou mais do que podia a área da caridade. Acudia a todas as desgraças com mais liberalidade que prudencia. A santa cegueira não a deixava prevêr os limites das suas medianas posses. Os rendimentos da quinta são escassos e talvez mal pagos pelo cazeiro á quem ella não pede contas, ou acceita as que elle quer dar lhe, porque foi elle quem a salvou. A pouco podiam montar. Verdade é que um conego de Braga, santo homem que eu conheci, lhe deixou alguns mil cruzados com que ella custeou por bastantes annos as despezas de alimentação e educação de engeitados e orphãos. Afinal, o dinheiro acabou-se, mas a cari-

dade na alma da santa mulher é que não esmoreceu. Não pede nada; mas, se sabe que um fidalgo ou abbade rico ou viuvo sem filhos está no caso de poder acceitar-lhe um orphão ou engeitado, escreve lhe a pedir pelo amor de Deus que o acceite e sustente com as migalhas da sua meza. E assim tem conseguido arranjar bastantes; e d'alguns se conta que foram para o Brazil e lá estão bem encaminhados.

— Sabe então o sr. reitor que Maria Moysés está pobre agora?

— Pobre de todo não direi, porque a suprema riqueza é a graça de Deus; mas necessitada de recursos para continuar a sua santa dedicação aos infelizes, com certeza está; porque eu sei que ella deve mais de tres mil cruzados a varias confrarias; e na porta da minha egreja está um aviso annunciando que quem quizer comprar a quinta de Santa Eulalia falle com a dona da mesma. E' uma bonita propriedade; mas ninguem lhe dá o que ella vale, porque não ha dinheiro, e quem o tem fecha-se com elle, por medo das revoluções que são umas atraz das outras. Os cabralistas querem dinheiro, os patuleas querem dinheiro, agora dizem que os saldanhistas vão sahir com a procissão porque querem dinheiro, e quem não fôr uma das tres cousas hade pagar para todos os tres partidos. Eu não sei com quem tenho a honra de fallar, mas sou franco; o que eu digo é que Deus traga o sr. D. Miguel I a ver se Portugal se endireita de vez.

O general ouvira apenas a toada confusa das fortes razões porque o inoffensivo reitor de Santo Aleixo

queria o sr. D. Miguel. Era febril o desasocego de Antonio de Queiroz; como que o affligia o sobresalto da esperança; sentia na sua ancia a alegria desconnexa de um sonho feliz, mas com o inverosimil e desatado das felicidades sonhadas. Abraçou o padre, e convidou-o a passar um dia o Tamega para ir a sua casa.

— Mas eu não sei com quem tenho a honra de fallar... — disse o vigario.

— Eu sou Antonio de Queiroz e Menezes, da casa de Cimo de-Villa.

— Santo Deus! — exclamou o reitor — com quem eu tenho fallado!... V ex.ª não estava na America?

— Estive: ha oito dias que cheguei.

— Eu conheci-o em rapaz, sr. Queiroz! Olhe que somos ambos da mesma creação, e ainda fomos condiscipulos alguns mezes de 1809 em latim na aula do padre mestre Simão no Valle de Aguiar, quando v. ex.ª estudava para cruzio, antes de sentar praça. Veja se se lembra do Bento Fernandes, da Povoa.

— Bento Fernandes... — repetiu o general.

— Que v. ex.ª e outros patuscos chamavam *Beatus Benedictus, ora pro nobis.*

E o bom velho casquinava a rir; mas, de subito, reveste o semblante de uma gravidade mysteriosa, e diz como em segredo:

— Agora é que eu comprehendo as suas lagrimas de ha pouco, em frente do quarto onde viveu e foi amortalhada Josepha. V. ex.ª procura sua filha? Suspeita que Maria Moysés seja a sua filha? E', tenha a certeza que é.

— A certeza? a certeza? Veja o que me diz, sr. vigario! — exclamou o general apertando lhe as duas mãos nas suas com arrebatada alegria.

— Folgo de o ver assim excitado por um sentimento que me demonstra que tem sido infeliz e nunca esqueceu a desgraçada Josepha. Deus me perdoará, se eu n'esta hora transgredir o sigillo da confissão; mas, n'este caso, seria absurda a observancia de um preceito que envolveria um segredo prejudicial á sua felicidade e á de sua filha. O sr. Queiroz denunciou ao vigario de Santa Marinha a gravidez de Josepha, quando lhe pediu que o cazasse clandestinamente...

— E' verdade.

— O vigario denunciou a seu pae o bom intento de v. ex.ª D'ahi resultou a sua ida para a capital, e depois a prisão. O vigario, pensando que me dava o exemplo de um bom feito, contou-me o que fizera. Fiquei eu sabendo um segredo que nunca revelei, posto que, fallecida Josepha, se divulgou por boca do cirurgião e de uma cazeira da casa da Temporan. Para mim era ainda duvidoso se Josepha já era mãe quando acaso se afogou ou determinadamente se matou; mas, em 1817, fui eu mandado parochiar na freguezia de Santa Maria de Covas de Barroso, onde vivia com seus irmãos a mãe de Josepha. Esta mulher tinha intermittencias de loucura; mas, nos periodos de lucidez, passava mais amargurada porque chorava sempre pela filha. Em 1818 fui chamado para ouvil-a de confissão, nas vinte e quatro horas que precederam a sua morte. Estava a moribunda então no perfeito uso das suas faculdades;

e, coberta de lagrimas, me disse que sua filha, na tarde do dia em que morrera, dera á luz uma creança. Perguntei-lhe se era menino ou menina, lembrando-me do apparecimento de Maria Moysés. Respondeu-me que não sabia, mas que tinha a certeza que ella, quando fugiu de casa, levava uma creança, porque, indo ao quarto da filha depois que a vira morta, achára no sobrado uns embrulhos que estavam dentro de um berço de vime, e, procurando o berço, não o achára. Perguntei-lhe se não ouvira dizer que n'essa mesma noite fôra encontrada uma menina no rio dentro de um berço de vime; respondeu que, apenas dera pela falta do berço, cahira como morta, e quando voltára a si, fugira para casa dos irmãos, onde não sabia como viveu muitos mezes, e passára temporadas de que não lhe restava a menor lembrança. Para mim — concluiu o vigario — está provado que Maria Moysés é filha de Josepha.

O general estreitou ao peito o padre Bento, beijou-lhe as cans, e exclamou com a alegria de uma creança:

— Havemos de ter uma velhice muito feliz... Eu heide viver muitos annos, e o padre Bento, o meu condiscipulo, vai ser o meu capellão, e o director da caridade de minha filha!

*

* *

Ao outro dia, Antonio de Queiroz e Menezes, acompanhado do desembargador Fernando Gonçal-

ves Penha e d'um tabellião do julgado, passaram o Tamega, em frente da quinta de Santa Eulalia. Tiraram pela sineta do portão com força.

Francisco Bragadas, que estava na eira, de barriga ao sol, recozendo os seus oitenta annos, quando ouviu tilintar a sineta, disse a um neto:

— Vae ver quem é. Teremos mais algum engeitado? Estou a ver quando começa o desafôro de os trazerem mesmo de dia!

Aberta a porta, entraram os tres sujeitos. Francisco, para os ver quando subiam por entre a alea de faias e olmos, poz a mão na testa contra o sol, e disse entre si: «Querem ver que temos penhora na quinta?» E, levantando-se encostado a um forte tanchão de sôbro, perguntou:

— Querem alguma coisa?

— E' este cavalheiro que quer comprar esta quinta — disse o tabellião.

— Vai dizer isso á senhora, rapaz — mandou Bragadas com grande tristeza, e accrescentou: — a quinta não se dá menos de dez mil cruzados.

— Dez mil cruzados! — disse o tabellião espantado — Nas hypothecas está avaliada em seis.

— Não quero saber d'isso; as hypothecas é isto; são dez mil cruzados, livres para a vendedora — resmuneou o ancião.

— Vossemecê é o sr. Francisco Bragadas? — perguntou o general.

— Para o servir. Não conheço a sua pessoa.

— E' o sr. general Queiroz, da casa de Cimo-de-Villa.

— Ah! bem me lembro d'elle quando era moço,

ali como aquelle meu neto. Quantas vezes nós conversamos no rio! Eu andava com as redes, e elle pescava á cana na Insua. Está muito acabado, e mais v. s.ª não é velho. Velho sou eu que já tenho dois carros e mais um. [1]

N'este comenos, chegou o rapaz que levara o recado, dizendo que a senhora mandava subir para a sala.

Queiroz, subindo as escadas, amparava-se no braço de Gonçalves Penha, e dizia-lhe ao ouvido:

— Nunca me senti n'este abatimento nos combates do Recife e do Lima. As batalhas do coração são as peores. Esta impressão para mim vem tarde.

— Então, coragem! alentou o desembargador.

Pouco depois que entraram á sala, appareceu Maria Moysés. Ergueram-se todos; mas o general apenas fez um gesto. Não podera, e sentara-se, balbuciando palavras que não se perceberam.

Maria era alta, refeita, loura e bella como Josepha de Santo Aleixo: mas de uma belleza mais senhoril, menos rica do colorido da saude e das insolações tepidas, e do ar puro das serras. Tinham passado por ella alguns annos de convento, e uma vida longa de domesticidade, que desmaia a epiderme compensando-a nas graças morbidas da belleza aristocratica.

Mas, como quer que fosse, era o retrato de sua

---

[1] N'estas provincias do norte contam-se por carros de quarenta medidas as idades que excedem dois carros, ou oitenta annos.

mãe, favorecido pela palheta de artista caprichoso que desadorasse as fortes e vivas côres das formosuras do campo; era Josepha de Santo Aleixo, depois de respirar em dez invernos o ar do theatro de S. Carlos, e em dez estios o ar latrinario dos Passeios de Lisboa.

E ahi está a rasão porque o general, colhido de sobresalto quando esperava a filha sem presumpção antecipada da sua figura, entreviu a mãe. O desembargador, para encher o vacuo do silencio que se fez, disse que o seu amigo, o sr. general Queiroz de Menezes, desejava comprar a quinta de Santa Eulalia.

— São dez mil cruzados — repetiu Francisco Bragadas que já estava encostado á hombreira da porta.

— Visto que aqui está a dona, esta senhora dispensa procurador — observou o tabellião.

— O meu cazeiro diz a verdade — confirmou Maria Moysés com tristeza e irresolução — eu não dou a quinta por menos de dez mil cruzados.

O tabellião ia replicar com a coarctada das hypothecas, quando o general, fazendo-lhe um gesto de silencio, perguntou a D. Maria:

— Acceitando eu a quinta pela quantia que se pede, poderei hoje fechar este contracto? Já trouxe commigo o sr. tabellião para se lavrar a escriptura.

— Preciso ver os titulos — disse o funccionario.

— Vou buscal-os... Então — perguntou ella ao general com hesitação e visivel magua — v. ex.ª quer occupar a quinta immediatamente?

— Não é forçoso isso. Quero compral-a simplesmente... Depois...

— E' porque eu tenho uma numerosa familia de creanças que por aqui se crearam e estão educando.

— Desejo vêl-as — disse o general com os olhos cheios de lagrimas.

— Pois não, sr. general! — acudiu Maria alegremente. — O' tio Bragadas, diga á sua Joaquina que mande cá os pequenos.

— A canalha toda? — perguntou o velho.

— Toda — respondeu o general.

— Oh! que ingranzeu elles ahi vão fazer! — tornou o Bragadas, indo cumprir as ordens de má vontade.

— Parece-me que está com saudades da sua quinta, senhora D. Maria — disse Antonio de Queiroz.

— Pode-se dizer que nasci aqui, ou pelo menos aqui vi a luz e o amor de uma madrinha que me creou e me deixou esta propriedade por esmola, por que eu nada tinha... Fui engeitada, e tenho querido dar aos infelizes que não tem mãe nem pai o bem que recebi dos meus bemfeitores. Infelizmente os recursos não me chegaram. Empenhei a quinta, e agora sou obrigada a vendel-a por que os juros são grandes e mais tarde ou mais cedo as confrarias hão de tomar conta d'isto tudo. Vendendo eu a quinta por 10:000 cruzados, pago cinco e tanto que devo, e poderei com o restante amparar alguns annos mais estes pobresinhos.

N'este instante, entrou um rancho de treze meninas. Os rapazes vestiam uniforme de cotim escuro, e as meninas de riscadinho azul. O mais velho tinha onze annos, e era aleijado, encostava-se ás moletas, e entrara muito contente, saltando na

unica perna, com uma alegria de idiota. Comprimentou os circumstantes com desempeno de grande sociedade, e retirou-se ás recuadas para a frente do grupo.

— Este aleijadinho é o que ensina os outros a ler; tem muita habilidade, e ajuda-me muito — disse Maria, e accrescentou: — Eu vou agora buscar os titulos.

— Não é urgente, minha senhora. Os titulos, depois — disse o general. — O sr. tabellião lavra a escriptura, em quanto eu vou dar uma vista de olhos por estas janellas — e encostando-se ao desembargador, segredou-lhe: — Preciso ar.

— Sr. general — disse Maria Moysés.

— Minha senhora.

— Se v. ex.ª hade ter cazeiro n'esta quinta, peço-lhe que conserve aquelle velhinho, que tem muitos filhos e netos.

— Sim, minha senhora — respondeu elle com a voz tremente das lagrimas.

— Devo a vida a este homem... Foi elle quem...

— Está bom, está bom — atalhou Bragadas, limpando as lagrimas com a manga da jaqueta.

— Foi elle quem a encontrou no rio... — accrescentou o general.

— E' verdade.

— N'um berço de vime — ajuntou Antonio de Queiroz.

— Que eu ainda conservo — disse ella sorrindo — porque é a herança de meus paes; pelo menos, é possivel que minha mãe tivesse aquella canastrinha na mão...

— Parece incrivel que o naviosinho não fosse a pique! — disse o desembargador.

— E' muito bem tecido — explicou ella. — Eu já fiz experiencias no Tamaga com os meus engeitados, e não foram ao fundo pondo-os eu á flôr da agua dentro do meu berço. Se vv. ex.as querem vel-o?

— Estimava — disse o general.

— Vae buscal-o, Joaquina.

— Chegue-se cá, sôr Bragadas — disse o general — vossê é meu cazeiro, e ha de dar-se bem commigo, esteja certo d'isso.

— Olhe, senhor, o que eu queria era ficar perto da minha ama — disse o velho.

— Já não sou sua ama, tio Francisco; mas sou sempre a sua amiguinha — e abraçou o ancião, que sacudia a cabeça porque o importunavam os soluços.

Chegára o berço. O general parecia examinal-o attentamente; Maria Moysés sorria-se ao reparo do fidalgo, e dizia:

— Está já muito velho o meu berço; quando olho para elle é que eu conheço que já tenho muitos annos.

— Esteve este berço nas mãos de sua mãe... — disse Antonio de Queiroz.

— Talvez — observou ella — mas quem sabe? Póde ser que nem ella me visse... Custa a crer que minha mãe, com suas proprias mãos, me entregasse á corrente de um rio...

*

* *

Estava lavrada a escriptura.

O desembargador Gonçalves Penha contou dez mil cruzados em soberanos sobre a mesa onde o tabellião escrevera.

— Aqui está a quantia estipulada — disse Queiroz.— A renda d'esta quinta continua o sr. Francisco Bragadas a pagal-a á mãe carinhosa dos engeitados.

— A' minha ama ? ! — bradou o ancião.

— A' sua ama.

— Mil anjos o acompanhem na vida e na morte, sr. general ! — exclamou Maria.

— Mil anjos são muitos — disse elle. — Um anjo só me basta na vida, e esse quero eu que me assista na morte. — E tomando as mãos de Maria, proseguiu: — Se eu morrer debaixo da luz dos teus olhos, Deus me chamará a si, não pelos meus merecimentos, mas pelas virtudes de minha filha. Pedirás então a Deus por teu pae, Maria ?

— Eu ! Jesus ! Eu ! sua filha ! — clamou ella, pondo as mãos convulsas, quando elle a beijava na fronte.

Maria cahiu de joelhos, pendente dos braços do pae ; e os velhos, e as creanças ajoelharam tambem, trementes e extaticos, sob a faisca electrica d'aquelle sublime lance.

Thomaz Ribeiro, com o teu coração, se tens n'elle uma lagrima, imagina este quadro e descreve-o, se pódes, que eu não posso, nem quero, porque o ultimo feitio das novellas é não pintar, com o colorido gothico dos romanticos, os quadros commoventes que rutilam na alma a faisca do enthusiasmo. Agora sómente se pintam as gangrenas com as côres roxas das chagas, e com as côres verdes das podridões modernas. Nos litteratos o que predomina é o verde, e nas litteraturas é o pôdre.

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

HISTORIA DA CIVILISAÇÃO IBERICA, 4.ª ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 900.
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.ª ed. (1901), 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 3.ª ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.ª ed. (1895), 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL, (1891), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES, *(ed. do Ateneo de Madrid,* 1892), 1 vol. (não entrou no commercio.)
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 2$000 rs. Cart. 2$400. Enc. (folhas doiradas) 3$200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.ª ed., 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 2$000 rs. Encad., folhas doiradas, 3$200 rs.

II. Historia geral:

ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.ª ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILISAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 1$400 rs. Enc. 1$800 rs
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.ª ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 1$000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.ª ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.ª ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.ª ed., 1897, 2 vol., br. 2$000 rs. Enc. 2$400.
O HELLENISMO E A CIVILISAÇÃO CHRISTÃ, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 1$000 rs. Encadernado 1$200.

III. Varia:

A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.ª ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 1$000 rs.
A REORGANISAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol , br. 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol., br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 1$200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.ª ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORIA

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

Obras de José Quintino Travassos Lopes

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 28.ª edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programmas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.ª edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.ª edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.ª edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart, 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.ª parte, 9.ª edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 300 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos.—2.ª parte, 6.ª edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anecdotas, fabulas, etc. — noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Noções elementares de geometria intuitiva, contendo 97 gravuras, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Grammatica elementar da lingua portugueza, 22.ª edição, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSAVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHITECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenheria nos seus differentes ramos; 3.ª edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1$000 réis enc.

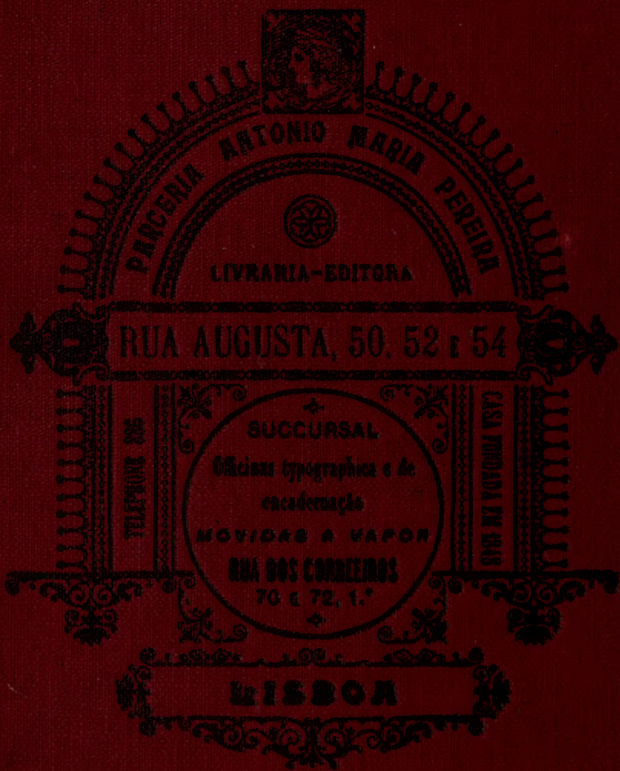
Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.º francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.ª edição.—Preço 800 rs. br., 1$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos.—6.ª edição. Preço 1$600 rs. br., 1$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão—Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as coustruir, ou dirigil-as. Vol. de 420 pag. em 8.º francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2$000 réis br., 2$400 réis enc.

Manual de noções elementares de technologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos : — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.ª edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.


PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA
LIVRARIA-EDITORA
RUA AUGUSTA, 50, 52 E 54
TELEPHONE 826
CASA FUNDADA EM 1848
SUCCURSAL
Officinas typographica e de encadernação
MOVIDAS A VAPOR
RUA DOS CONDEIXOS
70 E 72, 1.º
LISBOA